



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS

EDLUZA MARIA SOARES DE OLIVEIRA

“ESSA TRADIÇÃO É DE ANDAR”: DINÂMICA TERRITORIAL CALON E
REGIMES DE MEMÓRIA EM PENEDO - AL

MACEIÓ – AL

2023

EDLUZA MARIA SOARES DE OLIVEIRA

**“ESSA TRADIÇÃO É DE ANDAR”: DINÂMICA TERRITORIAL CALON E
REGIMES DE MEMÓRIA EM PENEDO - AL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.^a Dra. Claudia Mura

MACEIÓ – AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

O48e Oliveira, Edluzia Maria Soares de.
"Essa tradição é de andar": dinâmica territorial Calon e regimes de memória em Penedo - AL/ Edluzia Maria Soares de Oliveira. – 2023.
119 f. : il. color.

Orientadora: Claudia Mura.
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 109-111.
Anexos: f. 112-119.

1. Dinâmica territorial. 2. Calon – Ciganos – Penedo (AL). 3. Regime de memória. I. Título.

CDU: 911.372.3 : 397.7 (813.5)

Às comunidades ciganas de Penedo - AL e, *In Memoriam*, à cigana Calon Simone Ramos dos Santos e ao Calon Tio Buíca, com reverência e gratidão.

AGRADECIMENTOS

À comunidade cigana Calon da cidade de Penedo-AL, que me acolhe e proporciona esse encontro de saberes compartilhados.

Às egrégoras celestiais, que me acolhem com profundo amor.

À Kumpania Kseroi, meu lugar da espiritualidade.

À professora Dr^a. Claudia Mura, que, com atitude de partilha e estímulo, propicia-me ampliar o olhar em suas aulas, orientações e mentoria.

Às minhas duas famílias, que me instigam a ir cada vez mais adiante, rumo ao infinito das possibilidades.

Ao Instituto de Ciências Sociais - ICS, com muito carinho, pelo acolhimento, pelas inúmeras situações de aprendizagens proporcionadas e compartilhadas.

Ao Coletivo Brasileiro de Estudos Ciganos – COBEC, pelas partilhas, escutas, apoio, ativismo e debates.

Ao Círculos de Estudios Gitanos, por diversas atividades partilhadas no sentido da construção de novos e provocativos olhares sobre a temática dos estudos sobre os ciganos.

Ao Grupo de Pesquisa em Memória, Identidade e Território – GPMIT/UFAL, pelas trocas de experiências, de saberes e de afetos.

Aos/as velhos/as e novos/as amigos/amigas, afetos e desafetos que me proporcionam questionamentos múltiplos diante da riqueza das diversidades humanas.

À Seduc/Gere, que tem sido um campo fértil de aprendizado, de afetos e apoio.

À cidade de Penedo-AL, que me recebeu em suas diversas instâncias públicas e privadas, dando-me suporte para que pudesse “arruar” e viver a experiência da pesquisa de campo etnográfica.

À vida e à possibilidade de vivenciar esse momento auspicioso do processo de construção da pesquisa científica para a ampliação de saberes.

À minha querida Mãe e ao meu querido Pai, nessa existência, pelos ricos momentos de aprendizado que me proporcionam e que contribuem para fortalecer a possibilidade de ser uma eterna aprendiz da vida.

“[...] Viver e não ter a vergonha de ser feliz.
Cantar, e cantar, e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz[...].”
- Gonzaguinha

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar a dinâmica territorial dos/as ciganos/as Calon residentes em Penedo, no sul de Alagoas, bem como os regimes de memória relacionados à presença desse grupo étnico na cidade mencionada. Quanto à dinâmica territorial, aborda-se o processo de “morada”, entendido como um processo de fixação das famílias Calon em Penedo e os significados que elas atribuem à própria circulação e fixação. Tal dinâmica deu origem aos bairros de Vila Matias, Santa Madalena e São Rafael e aos loteamentos Santa Luzia e Sant’Ana, marcando a presença constante dos/as Calon em Penedo desde a década de 70. No tocante aos regimes de memória envolvendo os/as Calon, tratará a respeito das ausências e das representações forjadas pela população não cigana e que contrastam com as memórias elaboradas pelos/as Calon, cuja presença, atuação e protagonismo têm ganhado recentemente maior visibilidade. Com base nos dados produzidos por meio da etnografia, as mais recentes mobilizações dos/as ciganos/as e a elaboração da memória do processo de “morada” mostram o protagonismo dos/das Calon na construção de um novo regime de memória na cidade de Penedo-AL, visando o reconhecimento das especificidades étnicas e culturais da população cigana, a importância de sua participação na história da cidade e a necessidade de elaboração de específicas políticas públicas para a sua inclusão. Diante desses cenários, pode-se refletir que os Calon de Penedo vivem na busca constante pela cidadania, embora a fixação tenha trazido aspectos outros na dinâmica territorial, sossego de um território conquistado na manutenção da itinerância e circulação para os negócios, no sentido de dar continuidade à “tradição de andar” de forma ressignificada.

Palavras-chave: Calon. Penedo-AL. Dinâmica territorial. Regimes de memória.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the territorial dynamics of the/the gypsies/the Calon residents in Penedo, in the south of Alagoas, as well as the memory regimes related to the presence of this ethnic group in the mentioned city. As for the territorial dynamics, the process of "abode" is approached, understood as a process of fixation of the Calon families in Penedo and the meanings they attribute to their own circulation and fixation. This dynamic gave rise to the neighborhoods of Vila Matias, Santa Madalena and São Rafael and the subdivisions Santa Luzia and Sant'Ana, marking the constant presence of the/ as Calon in Penedo since the 70's. With regard to memory regimes involving the/as Calon, it will deal with absences and representations forged by the non-Roma population and contrasting with the memories drawn up by the/as Calon, whose presence, performance and protagonism have recently gained greater visibility. Based on the data produced through ethnography, the most recent mobilizations of/the gypsies/as and the elaboration of the memory of the "address" process show the role of the/das Calon in the construction of a new memory regime in the city of Penedo-AL, aiming at the recognition of the ethnic and cultural specificities of the Roma population, the importance of their participation in the history of the city and the need to elaborate specific public policies for their inclusion. Given these scenarios, it can be reflected that the Calon de Penedo live in the constant search for citizenship, although the fixation has brought other aspects in the territorial dynamics, quiet of a conquered territory in the maintenance of roaming and circulation for business, in order to continue the "tradition of walking" in a resignified way.

Keywords: Calon. Penedo-AL. Territorial dynamics. Memory regimes.

RESUMEN

El objetivo del presente trabajo es analizar la dinámica territorial de los/as gitanos/as Calon residentes en Penedo, en el sur de Alagoas, así como los regímenes de memoria relacionados a la presencia de ese grupo étnico en la ciudad mencionada. En cuanto a la dinámica territorial, se aborda el proceso de "morada", entendido como un proceso de fijación de las familias Calon en Penedo y los significados que ellas atribuyen a la propia circulación y fijación. Tal dinámica dio origen a los barrios de Vila Matias, Santa Madalena y São Rafael y a los lotes Santa Luzia y Sant'Ana, marcando la presencia constante de los/as Calon en Penedo desde la década de 70. En cuanto a los regímenes de memoria envolviendo los/as Calon, tratará acerca de las ausencias y de las representaciones forjadas por la población no gitana y que contrastan con las memorias elaboradas por los/as Calon, cuya presencia, actuación y protagonismo han ganado recientemente mayor visibilidad. Con base en los datos producidos por medio de la etnografía, las más recientes movilizaciones de los/as gitanos/as y la elaboración de la memoria del proceso de "morada" muestran el protagonismo de los/das Calon en la construcción de un nuevo régimen de memoria en la ciudad de Penedo-AL, con el objetivo de reconocer las especificidades étnicas y culturales de la población romaní, la importancia de su participación en la historia de la ciudad y la necesidad de elaborar políticas públicas específicas para su inclusión. Frente a esos escenarios, se puede reflejar que los Calon de Penedo viven en la búsqueda constante de la ciudadanía, aunque la fijación haya traído aspectos otros en la dinámica territorial, sosiego de un territorio conquistado en el mantenimiento de la itinerancia y circulación para los negocios, en el sentido de dar continuidad a la "tradición de andar" de forma resignificada.

Palabras clave: Calón. Penedo-AL. Dinámica territorial. Regímenes de memoria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mostra em destaque o município de Penedo.....	28
Figura 2 – Vista parcial do Penedo (Centro Histórico visto a partir do rio).....	29
Figura 3 – Perfil socioeconômico do Penedo – AL.....	30
Figura 4 – Mapa de ocupação territorial considerando os limites atuais do Estado de Alagoas.....	30
Figura 5 – Município de Penedo com destaque para alguns bairros.....	37
Figura 6 – Recorte ampliado: bairros com moradores Calon.....	37
Figura 7 – Apresenta os percursos entre Maceió e Penedo/Trevo do Bom Jesus dos Navegantes.....	38
Figura 8 – Aspecto da parte alta da cidade.....	62
Figura 9 – Parte alta da cidade: do lado direito vista parcial da Vila Matias.....	62
Figura 10 – Parte alta da cidade – Trevo Bom Jesus dos Navegantes - visão da Rodovia Eng.º Joaquim Gonçalves.....	62
Figura 11 – Vila Matias com indicação das casas das famílias visitadas.....	68
Figura 12 – Adyacências da comunidade da Vila Matias – Principal Rodovia de acesso.....	69
Figura 13 – Corte e costura de “saias ciganas”.....	98
Figura 14 – “Saia cigana” feita por Vick.....	98
Figura 15 – Lei Municipal nº 1.650/2019.....	100
Figura 16 – Ala da comunidade cigana no desfile cívico estudantil de 2022 comemorativo da Independência do Brasil em Penedo - Centro Histórico.....	101
Figura 17 – Panorâmica do desfile cívico estudantil de 2022 comemorativo da Independência do Brasil no Centro Histórico em Penedo.....	101
Figura 18 – Panorâmica do desfile cívico estudantil de 2022 comemorativo da Independência do Brasil no Centro Histórico em Penedo.....	102
Figura 19 – Cartaz de divulgação do 1º Dia Municipal dos Ciganos em Cristo.....	103
Figura 20 – Comemoração do Dia Municipal da Etnia Cigana em Penedo – AL.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OS REGIMES DE MEMÓRIA	27
1.1 A “tradição histórica” de Penedo: um olhar sobre as narrativas de construção e glorificação do passado	27
1.2 Os ciganos no imaginário nacional e local	43
1.2.1 Embates e conflitos: a busca pela cidadania	56
1.2.2 Interações e convivência com os não ciganos	57
2 O PROCESSO DE “MORADA”: RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS DE CIRCULAÇÃO E FIXAÇÃO EM PENEDO	61
2.1 Interação e território - “Era só essa turma toda aqui. Aí foi chegando cigano”	63
2.2 Da passagem e o pouso para a “morada”	72
2.2.1 Experiências de “andanças” e das perseguições	75
2.2.2 Conversando com as Calin	81
3 IDENTIDADE E MEMÓRIA	84
3.1 Apontamentos sobre o cotidiano: etnicidade, casamento, família e religião	93
3.2 Comemorando o Dia Municipal da “Etnia Cigana”	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

Objetivamos com este trabalho descrever e analisar a “dinâmica territorial” (Mura, 2017) dos/as ciganos/as Calon residentes em Penedo¹, no sul de Alagoas, bem como os regimes de memória (Oliveira, 2016) que dizem respeito à presença e ao protagonismo desse grupo étnico na cidade mencionada.

Quanto à dinâmica territorial, abordamos o processo de “morada”, entendido como um processo de fixação das famílias Calon em Penedo, e os significados que elas atribuem à própria itinerância e fixação. Tal dinâmica deu origem aos bairros de Vila Matias, Santa Madalena e São Rafael, e aos loteamentos Santa Luzia e Sant’Ana, dos quais nos concentramos na Vila Matias, por ser a localidade com maior número de residentes ciganos, marcando a presença constante dos Calon em Penedo, desde a década de 70.

O processo de fixação aqui é entendido como a busca de um espaço de “morada” - conforme alguns ciganos e ciganas denominaram a vivência em Penedo -, que foi sendo configurado e ajustado para o retorno após as viagens - “andanças” - à procura do sustento. Tais “andanças”, sejam elas para outros estados ou dentro do próprio território alagoano e penedense, são realizadas para os negócios de compras e vendas de eletroeletrônicos e outros acessórios, para a mendicância e as leituras de mão que assumem aspectos do cotidiano.

No tocante aos regimes de memória sobre este grupo, pretendemos refletir a respeito das memórias do processo de “morada” entre as famílias ciganas de Penedo e os regimes de memória desenvolvidos pelos não ciganos ao longo do tempo e que contrastam com as memórias elaboradas pelos Calon sobre a sua própria história, cuja atuação e protagonismo têm ganhado recentemente maior visibilidade, em vista das imagens estereotipadas que lhes são atribuídas pelos não ciganos, sintetizadas nas representações negativas apontadas pelos Calon em suas narrativas.

Considerando as populações ciganas e refletindo sobre os regimes de memórias nas obras literárias, nas imagens, nos relatos dos não ciganos e dos ciganos, nos documentos alfandegários, nos decretos de lei e até na ausência de registros documentais, não é plausível

¹ Conforme Francisco A. Sales (2013, p. 88-89): “Fato ou lenda, o certo é que o nome deriva de um acidente geográfico, e, como tal, deve vir precedido do artigo definido. Assim, deve-se dizer no Penedo, e não em Penedo. É o mesmo preceito usado pelos pernambucanos em relação ao Recife. Escreve Leonardo Dantas Silva que ‘a regra geral ensina que todo topônimo originário de um acidente geográfico é antecedido pelo artigo definido’. [...]”. A despeito da recomendação e a título de manter um padrão coloquial estabelecido entre os alagoanos e penedenses, mantemos a alusão à cidade sem seguir a regra recomendada.

apenas explicitar a sua invisibilização, apagamento e ausências. Precisamos entender como tais feições se configuram nas interações sociais. Nesse ínterim, pretendemos ainda entender melhor aspectos identitários desse grupo étnico, como eles são constantemente ativados na cotidianidade, no encontro com os parentes, nos símbolos que mobilizam.

Nesse sentido, avaliamos ser pertinente fazer uma análise tomando um recorte temporal entre as décadas de 60 e 90 e problematizar os diversos regimes de memória atualmente em disputa, considerando as populações ciganas de Penedo.

É importante frisarmos que os ciganos se dizem livres para exercer qualquer religião, embora, no momento em que estamos realizando esta pesquisa, a maioria dos ciganos Calon da Vila Matias, em Penedo, são evangélicos de várias denominações, conforme nos explicou a liderança cigana, conhecida como Willamis Cigano², que, no contexto deste trabalho, constituiu-se um dos colaboradores centrais, visto que atua como uma representação da comunidade Calon de Penedo junto à sociedade mais ampla.

Visando contextualizar o percurso o qual nos levou até a esse estudo, ressaltamos que em 2014, ingressamos no curso de licenciatura em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Alagoas, ocasião que nos fez conhecer a professora Claudia Mura, a qual nos incentivou a participar da 29ª RBA (Reunião Brasileira de Antropologia)³ no grupo de trabalho (GT) intitulado “Ciganos no Brasil: um exercício de comparação etnográfica”. Na ocasião, tivemos acesso a esse universo acadêmico e, à medida que ia inteirando-nos dos estudos antropológicos sobre os ciganos e das questões que faziam emergir, começamos a construir um olhar diferenciado sobre estes grupos étnicos.

A participação no referido evento foi trabalhada, no retorno a Maceió, em uma disciplina eletiva de tópicos especiais em Antropologia, ministrada pelas professoras Claudia Mura e Nádia Meinerz, na qual oportunizaram analisar os trabalhos apresentados no referido GT na perspectiva de construção de relatórios e elaboração de um artigo final, sinalizando para uma possível questão de pesquisa aderente à temática trabalhada, o que nos estimulou ainda mais a querer elaborar o TCC tendo como objeto (sujeitos) de pesquisa os ciganos.

Em virtude de estarmos vinculadas profissionalmente à área de educação ocupando o cargo de professora, estivemos durante 11 anos ministrando aulas na rede pública estadual.

² José Willamis Alves da Silva, nascido em Três Rios – BA e com 7 meses de nascido veio para Alagoas e se considera penedense. Tem 45 anos, é casado, pai de 3 filhos e atua profissionalmente como motorista.

³ 29ª Reunião Brasileira de Antropologia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 3 a 6 de agosto de 2014. Tema central: Diálogos Antropológicos Expandindo Fronteiras.

Posteriormente, a convite⁴, fomos trabalhar na sede administrativa da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas – SEDUC. E, recentemente, passamos a desenvolver a função de técnica educacional⁵. Naquela ocasião, foi plausível relacionarmos os ciganos e a educação formal na pesquisa para o TCC.

Nesse sentido, à medida que avançávamos no curso, fomos nos aproximando de diálogos com autores como Fredrik Barth (2005; 2011), que apresenta a questão da construção da fronteira étnica como um elemento da organização social das diferenças culturais e discute a elaboração de identidades contrastivas em sua teoria da etnicidade, auxiliando-nos a refletir sobre as interações sociais entre ciganos e não ciganos em diversos contextos. Destacamos também Stuart Hall (2006), uma importante referência que problematiza a identidade na pós-modernidade e afirma a ideia das identidades que vão se transformando gradualmente, no sentido de serem descentradas e não dadas *a priori*, além de serem historicamente construídas. Devemos mencionar ainda Ulf Hannerz (1997), que problematiza as implicações da noção de cultura e propõe, em alternativa, a ideia de fluxos culturais que perpassam as fronteiras étnicas, possibilitando reflexões importantes sobre o contexto e o grupo em foco nesta pesquisa.

A partir dessas e outras leituras, e variados eventos e desenvolvimentos acadêmicos, começamos a pesquisar onde estavam os grupos ciganos em Alagoas, quais deles teriam sido objeto de estudos científicos e se tiveram acesso à educação formal.

Ao consultarmos colegas de trabalho da Regional de Educação da 9ª região, no momento em que eles vinham para Maceió, semanalmente de forma ordinária, obtivemos a informação da existência de ciganos na cidade de Penedo e que povoavam, em sua maioria, o bairro conhecido como Vila Matias, na parte alta da cidade, onde se localiza uma escola municipal que, costumeiramente, era a que mais matriculava estudantes ciganos. Conforme informação que obtivemos em Penedo, durante a pesquisa exploratória que realizamos para o TCC em 2018, foi referenciada por uma professora não Cigana, como “a escola dos ciganos” apenas para evidenciar o quantitativo elevado de estudantes ciganos que frequentavam a escola. Assim, a partir dessa constatação, na ocasião referida, passamos a considerar Penedo um possível *locus* de pesquisa.

⁴ Fomos convidadas a compor uma equipe multidisciplinar na SEDUC e fizemos parte do desenvolvimento de um projeto específico de construção de um referencial curricular para Rede Pública Estadual de Alagoas entre os anos de 2013/2014 no componente curricular Educação Física Escolar e posteriormente coordenamos a área de Linguagens e suas Tecnologias no referido projeto.

⁵ Em março de 2023 passamos a atuar na SEDUC na Gerência Especial de Recursos Didáticos - GERD.

Essa referência, de “escola dos ciganos”, foi rejeitada por Willamis e por Ednilza Ramos da Silva⁶, prima de Esmeraldina Alves da Silva⁷, quando conversamos com ambos durante o trabalho de campo, na atualidade em Penedo, uma vez que argumentaram que nunca ouviram falar de tal expressão. Segundo Willamis, era necessário esclarecer essa questão, para que a ideia da existência de uma escola direcionada para os ciganos não fosse repassada equivocadamente.

Em 2018, realizamos uma pesquisa exploratória desenvolvendo uma monografia⁸ como trabalho de conclusão de curso, orientada pela professora Jordânia de Araújo Souza, cuja temática versou sobre os impasses da política de acesso e de permanência escolar relacionadas aos estudantes ciganos, mediante o cumprimento da meta 2 do Plano Nacional de Educação, que versa sobre a universalização do ensino fundamental de 9 anos.

Dessa forma, levando em conta dados da pesquisa exploratória supracitada; as preocupações de Willamis quanto ao fato de que se entenda, erroneamente, que em alguma circunstância tenha existido, em Penedo, uma escola organizada pedagogicamente e que ainda considerasse as especificidades dos estudantes ciganos; vale ressaltar que a alusão feita pela professora não cigana, colocada anteriormente, não fez referência a uma escola específica para o público cigano, e, sim, na direção de ser considerada como “escola dos ciganos”, para indicar um contingente expressivo de estudantes ciganos frequentadores da escola.

Entretanto, tendo em vista as narrativas de algumas ciganas, no desenvolvimento do estudo atual, que expressaram não terem frequentado a escola devido às inúmeras situações de preconceito experienciadas e sem contar da itinerância que a maioria das famílias ciganas vivenciavam no desenvolvimento das questões econômicas, tal expressão - “escola dos ciganos” - não tem sustentação abalizada.

Então, a referida pesquisa proporcionou-nos a aproximação com os estudantes ciganos da Escola Municipal de Educação Básica Vereador Manoel Soares de Melo, com seus pais, com os estudantes não ciganos e com a equipe escolar. Tal aproximação nos permitiu também perceber as representações sobre os ciganos, calcadas fortemente em um imaginário estigmatizante, quando do seu reconhecimento como “diferentes”.

Também apontava para a importância das suas singularidades, em seu processo de escolarização, em momentos pontuais comemorativos, em que suas existências eram

⁶ Calin (mulher cigana no dialeto Chibi) de 42 anos, casada, dona de casa, vendedora. É mãe de duas filhas e tem duas netas.

⁷ Calin que nasceu em Sergipe, tem 37 anos, casada, dona de casa e tem dois filhos.

⁸ “A Escola era dos Ciganos”: Impasses da política de permanência na Escola Municipal de Educação Básica Vereador Manoel Soares de Melo de Penedo-AL (monografia de graduação). Maceió: UFAL, 2020.

folclorizadas e relegadas às celebrações. Fora disso, eram tratados como “iguais”, no sentido dos seus saberes serem desconsiderados enquanto pertencentes a um grupo étnico heterogêneo. Além de outras situações que foram emergindo no processo de investigação científica, aqui rememorado, relacionadas as suas cosmologias, ao modo de vida e suas transformações que, em muitos momentos, apareciam como um incômodo para alguns colaboradores da pesquisa, ou aspectos que causavam admiração.

Esse breve contato nos estimulou a quereremos saber mais sobre a população cigana da cidade e aumentou o desejo de realizarmos uma nova pesquisa etnográfica mais aprofundada, em que pudéssemos compreender melhor os meandros dos processos de inserção e fixação como residente em Penedo. Para tanto, neste mestrado, escolhemos pesquisar as famílias ciganas residentes em Penedo, cientes da importância de dedicar tempos e energias ao trabalho de campo, cujos desafios tentaremos explicitar a seguir.

O trabalho de campo foi marcado por alguns desafios. Primeiramente, estávamos ainda sob forte tensão devido aos índices alarmantes de contágio e morte pelo vírus da Covid-19, demandando cuidados específicos ao emprendermos viagens em transportes coletivos e interações com diversos públicos. Em segundo plano, não tivemos bolsa de pesquisa e, somente após nove meses de mestrado, conseguimos uma licença de 20 horas semanais no trabalho para estudar, permanecendo trabalhando apenas 20 horas semanais⁹, concessão que foi bastante significativa para avançarmos nos estudos e escrita; contudo, ainda foram demandadas negociações de horários para as viagens a Penedo.

Embora as contingências que se apresentavam moldavam um cenário adverso, fomos surpreendidas positivamente com a abertura de um auxílio específico (PROAP)¹⁰, proveniente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), instituição da qual somos discentes, para contribuir com custeios de apresentação de trabalhos em eventos científicos e/ou pesquisas de campo. Após desenvolvermos um certo percurso burocrático, fomos contempladas com o recurso, que foi extremamente benéfico para emprendermos as primeiras incursões em campo.

Dessa forma, elaboramos cronograma de atividades a serem realizadas em Penedo (cidade na qual realizamos o trabalho de campo) e, a partir dos recursos disponibilizados, envidamos sete viagens a Penedo durante sete finais de semana, que começavam em uma sexta-feira e terminavam em um domingo. Somente no terceiro final de semana, foi possível termos

⁹ Situação que se alterou em 01/02/2023 com o nosso retorno para trabalhar 40h semanais, com o encerramento do período de licença parcial trabalhista.

¹⁰ Programa de Apoio à Pós-Graduação – PROAP - destina-se ao pagamento de despesas com hospedagem, alimentação e locomoção urbana.

acesso à comunidade cigana da Vila Matias¹¹, em companhia de Willamis, liderança cigana da referida comunidade, para quem apresentamos, na primeira viagem que empreendemos, o pré-projeto de pesquisa¹².

O deslocamento de Maceió a Penedo dura aproximadamente 3 horas de táxi ou de Van¹³ e, em cada viagem, permanecemos na cidade 2 dias. Posteriormente, no mês de julho/2022 fizemos uma incursão em campo entre os dias 4 e 31. Todas as vezes em que estivemos em Penedo, ficamos hospedadas em pousadas, pois não foi possível estarmos em casas de amigos por receio de contaminá-los com o corona vírus, em vista de que estaríamos circulando pela cidade, além de estarmos constantemente num movimento de ida e vinda entre Maceió e Penedo.

A trajetória no campo, junto à comunidade cigana Calon, tem o seu primeiro andamento em uma conversa com Willamis, liderança cigana da comunidade de Vila Matias e representante dos ciganos de Alagoas, o qual ocupa assento no Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial (CONEPIR), cumprindo um primeiro mandato, tendo sido reconduzido a este, em segundo mandato, por meio de eleições no mês de novembro de 2022¹⁴; como também, assumiu o segundo mandato na coordenação estadual do Instituto Cigano do Brasil - ICB¹⁵.

A título de informação, o referido conselho, em Alagoas, está vinculado à Secretaria de Estado da Mulher e Direitos Humanos (SEMUDH), o que nos fez apelar, após termos conhecido Willamis, para a Superintendência de Políticas para os Direitos Humanos e a Igualdade Racial, órgão que integrou a SEMUDH, ao sabermos por Willamis que ele havia solicitado cestas básicas para os ciganos residentes em Alagoas, em razão da pandemia de Covid-19, com o intuito de aplacar necessidades alimentícias de algumas famílias que estavam limitadas para o exercício das formas de subsistência habitual e serem de baixa renda e ainda não haviam sido atendidas.

Confirmamos a existência de uma liderança dos ciganos em Penedo após termos visto uma entrevista da qual Willamis participou no AL TV matinal¹⁶, fazendo uma campanha de

¹¹ Achamos por bem, devido a limite de tempo, realizarmos esta pesquisa na Vila Matias que concentra maior número de residentes ciganos.

¹² Na apresentação do pré-projeto de pesquisa para a liderança Willamis, tivemos a preocupação de viabilizar a compreensão dos objetivos da pesquisa. O diálogo e a interação foram fundamentais para obtermos o seu consentimento para que pudéssemos desenvolver a pesquisa junto à comunidade.

¹³ Transporte alternativo.

¹⁴ Ver Decreto nº 85.569, de 16 de novembro de 2022, publicado no Diário Oficial de Alagoas no dia 17/11/2022.

¹⁵ Refere-se à entidade jurídica: Instituto de Cultura, Desenvolvimento Social e Territorial do Povo Cigano do Brasil (CNPJ: 31.806.279/0001-29), com sede no estado do Ceará.

¹⁶ Programa jornalístico televisivo de Alagoas da TV Gazeta. Sua entrevista se deu no dia 14/12/2020.

arrecadação de alimentos para os ciganos de Alagoas. Na ocasião, compartilhou e deixou seu contato telefônico para as pessoas que quisessem ajudar a campanha.

Assim, quando chegamos a Penedo na primeira viagem para iniciar o reconhecimento do campo, entramos em contato, por telefone, com Willamis e marcamos uma primeira conversa. Tal conversa se deu no momento em que Willamis estava em serviço pela Secretaria Municipal de Saúde, como motorista de ambulância, no campo de futebol do Penedense Sport Club, onde acontecia um campeonato de futebol, clube que está situado na principal avenida do centro de Penedo, com acesso ao Centro Histórico.

Concomitantemente às conversas com Willamis e com alguns ciganos e ciganas da comunidade da Vila Matias, também estivemos frequentando a biblioteca da Fundação Casa do Penedo e o Museu do São Francisco em busca de referências documentais acerca dos ciganos e as possíveis representações que foram registradas em notícias de jornais, no sentido da produção de dados, considerando diversas fontes, conforme recomenda Oliveira (2016).

Por indicação de colaboradores da pesquisa, também fizemos diversas tentativas para entrevistar o ex-prefeito¹⁷ de Penedo, responsável por doar terrenos a ciganos, na década de 80 - segundo Ednilson Alves da Silva¹⁸ - que foram, a partir de então, desenvolvendo um processo de “morada”. Contudo, em meio a alguns momentos de contato e negociação com seus filhos, a entrevista não nos foi concedida.

Realizamos, também, visitas a órgãos públicos – ao Gabinete do Prefeito, à Secretaria Municipal de Cultura, Lazer e Juventude (SEMCLEJ), à Câmara Municipal de Penedo e à Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SEMASDH) -, nos quais fomos bem recebida e tivemos conversas amistosas, apoio em forma de incentivo à pesquisa, indicação de possíveis colaboradores da pesquisa e informações esporádicas e pontuais.

Outro agente público com quem mantivemos contato foi o Sr. Mirabel Alves Rocha¹⁹ (Superintendente de Políticas para os Direitos Humanos e a Igualdade Racial) da SEMUDH. No início do mês de junho de 2022 estivemos na SEMUDH em novo endereço no bairro do Farol²⁰, para conversarmos sobre demanda de certidão de nascimento da comunidade cigana de Penedo-AL. Nesse dia, fomos convidadas pelo Sr. Mirabel, para acompanhar visita à

¹⁷ Tancredo Pereira, cujo mandato foi exercido no período de 01/02/1983 a 31/12/1988 e atualmente reside em Penedo e tem a idade de 90 anos.

¹⁸ Funcionário da Educação do Estado de Alagoas, não cigano, cedido para o Museu do Rio São Francisco, tem 49 anos de idade e sua atuação está atrelada à apresentação do museu para os visitantes.

¹⁹ Tem aproximadamente 60 anos.

²⁰ Rua Joaquim Nabuco, 178 - Farol, Maceió - Alagoas, CEP: 57051-410.

comunidade cigana, que seria realizada em Penedo. Assim, combinamos de nos encontrar na cidade de Penedo em dia e horário previstos²¹.

Ponderamos que a visita foi improvisada. Não havia uma mobilização maciça dos ciganos na comunidade. Encontramo-nos na casa da Nailza²² e em roda de conversa em que estavam presentes: Sr. Mirabel e Sr. Sebastião²³, pela SEMUDH; Willamis, Esmeraldina e Nailza, representando a comunidade. A conversa foi acerca do modo de vida dos ciganos, a convivência na cidade, as demandas relacionadas à saúde, à educação, ao emprego e à moradia. Entretanto, muito superficial e parcial devido ao pouco tempo que foi dedicado a essa ação pela representação da SEMUDH.

A visita durou por volta de 1 (uma) hora. O Sr. Mirabel acenou para a realização de uma ação de cidadania²⁴ na comunidade com emissão de documentos e nada mais. Avaliamos como um momento importante, entretanto, pouco proveitoso devido à SEMUDH ter realizado esforço significativo, no sentido do deslocamento de Maceió até Penedo, mas pouco eficaz em vista de que não teve tempo suficiente para explorar o ambiente com mais precisão e assertividade.

Além disso, visitamos alguns sites de órgãos públicos de Penedo e da União visando recolher possíveis e relevantes informações relacionadas às comunidades ciganas da referida cidade, entretanto somente obtivemos informações sobre programas de distribuição de renda. Ainda agendamos e visitamos o Arquivo Público de Alagoas (APA), situado em Maceió, no qual não obtivemos informações relevantes relacionadas à temática da pesquisa. Nessa caminhada, na busca por diversificadas fontes de dados, percebemos que se desenhava um cenário que apontava para ausências em termos de registros sobre a presença da população cigana em Alagoas.

Nas primeiras entradas em campo, em diálogo com ciganos e não ciganos, apareceram relatos que sinalizaram que os primeiros ciganos a fazerem de Penedo sua “morada” haviam chegado há cerca de 50 anos. Há também relatos que contam da dificuldade inicial de convivência entre ciganos e não ciganos, apontando hostilidades mútuas. Segundo os mesmos relatos, tais hostilidades têm se amenizado por volta de 6 ou 5 anos atrás.

A narrativa de um vereador²⁵ assinala para um redesenho dessas relações devido à “evolução dos ciganos”, no sentido da “miscigenação” e de “adaptação”. Por sua vez, alguns

²¹ 15 de junho de 2022, por volta das 14h30.

²² Cigana filha do Sr. Júlio e Simone.

²³ Agente público de aproximadamente 55 anos.

²⁴ Ação que não foi efetivada até o presente momento.

²⁵ Josué Marques da Silva, com idade de 60 anos, em seu 8º mandato na Câmara Municipal de Penedo. Não cigano. Além de vereador é professor/escritor, residente em Penedo e conhecido como Bili Marques.

ciganos da Vila Matias argumentaram que foi devido à “convivência cotidiana” com os não ciganos e ao “trabalho paulatino da liderança” na cidade de Penedo em busca de oportunidades para falar sobre os Calon com o propósito de apresentar esclarecimentos sobre o “seu povo” (como Willamis se refere à comunidade cigana). Também por Willamis²⁶ se engajar no ativismo cigano, participando em atividades relacionadas aos Povos Tradicionais na capital federal, em Brasília, e construindo uma rede de parcerias entre os não ciganos de Penedo.

Salientamos que, quando conhecemos Willamis ele atuava profissionalmente como motorista de ambulância da Secretaria Municipal de Saúde e, atualmente, continua como motorista, no âmbito de Penedo, atuando em diversas frentes por meio da Prefeitura, interage com outros grupos ciganos de forma virtual e constrói parcerias, evidenciando-se uma posição de destaque e prestígio diante das demandas da comunidade que são encaminhadas.

Nessa caminhada, até então, com a anuência de Willamis, que se deu paulatinamente após a apresentação do pré-projeto de forma presencial em Penedo, a partir de então, em meio a muitas conversas por *WhatsApp*, ele foi introduzindo-nos na comunidade e nesse percurso, tivemos acesso a 9 (nove) famílias da comunidade Calon, das quais com apenas 4 (quatro) mantivemos maior tempo de convivência.

Durante o período da pesquisa, uma dessas famílias vivenciou o falecimento de sua matriarca, Simone Ramos dos Santos²⁷, de 60 anos, esposa do Sr. Júlio, com a qual já tínhamos estabelecido laços de afeto e, recentemente, do seu sogro: o Tio Buíca. Com as demais famílias, fomos nos aproximando aos poucos, estabelecendo confiança e o estreitamento de relações que foi estimulado por Esmeraldina, esposa de Willamis, com a qual construímos importante afinidade; fomos bem recebida em sua casa, e ela demonstrou sempre disposição para participar desta pesquisa como colaboradora e na articulação com as Calin de algumas famílias ciganas, com muito entusiasmo e envolvimento.

Salientamos que, quando íamos a Penedo, fazer campo, costumávamos ficar hospedadas em pousadas localizadas na parte alta da cidade, próximas à Vila Matias. Nessa seara, aproveitávamos para circular a pé por partes da Vila Matias, visitávamos Esmeraldina em sua casa e participávamos das tardes de conversas no quintal que era comum a 3 (três) casas, sendo: quintal da casa de Esmeraldina, quintal da casa de sua irmã Marquiane²⁸ e quintal da casa de

²⁶ Segundo o próprio Willamis, ele é liderança dos ciganos de Penedo há, aproximadamente, 15 anos. E este ano assume o 2º mandato pelo biênio 2022/2024 do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial.

²⁷ Primeira Calin com quem tivemos contato na comunidade de Vila Matias. Era aposentada, fazia leitura de mão, morava em Penedo há mais de 20 anos e faleceu em 17/01/2022, vítima de um AVC, deixando esposo, filhos e netos.

²⁸ Marquiane Santos da Silva tem 31 anos de idade, casada, tem um filho. No momento está afastada da igreja evangélica.

sua mãe, Jaciguara Alves da Silva²⁹. Outra família, cuja casa frequentamos, era a da cigana Simone, que se localizava em rua da Vila Matias, paralela à rua da casa de Jaciguara.

No período em que estivemos em Penedo, às vezes pela manhã e todas as tardes, havia reuniões familiares na lateral da casa de Jaciguara, das quais além de suas filhas vizinhas, também participavam seus filhos e filhas que moram nas ruas próximas à sua e também alguns parentes seus, vindo de ruas adjacentes ou de outra localidade, como Sergipe.

É importante salientar que, uma vez que chegamos como pesquisadoras à comunidade de Vila Matias, fomos (e somos) acionadas por Willamis, em alguns momentos, para auxiliá-lo na elaboração de ofícios a órgãos públicos, estaduais e municipais para pleitos comunitários, tais como: pedidos de cestas básicas, devido à situação emergencial proveniente da pandemia de covid-19 e à condição de vulnerabilidade social que atinge algumas famílias ciganas; pedido de emissão de certidões de nascimento; solicitação de matrícula em escolas da Rede Pública Municipal de Educação Básica; realização de contato com a Secretaria de Estado da Mulher e dos Direitos Humanos para os pleitos pertinentes, entre outros. Envolvemo-nos nessas atividades com muito gosto, no intuito de contribuirmos com algumas demandas. Além disso, mantemos contato quase que semanal com Willamis, por meio do *WhatsApp*, para aprofundarmos o diálogo com a comunidade.

No mês de maio/22, Willamis solicitou novamente nossa colaboração no evento de comemoração do “Dia Municipal da Etnia Cigana”, que foi instituído pela municipalidade³⁰ em 2019³¹. O evento aconteceu no dia 24 de maio, dia Nacional do Cigano³² e data alusiva ao dia da Padroeira dos Ciganos Santa Sara Kali. Participamos do evento e vivenciamos com alguns Calon e Calin essa comemoração, que se desenvolveu com louvores, pregações e orações no âmbito do culto evangélico. Essa atividade teve o apoio da prefeitura, que foi acionada por Willamis.

Salientamos ainda que um outro importante desafio durante o trabalho de campo foi, sendo mulheres, circularmos solitariamente por algumas ruas da Vila Matias e, poucas vezes, acompanhadas por Willamis. Nem sempre éramos uma presença agradável, visto que perguntávamos muitas coisas, observávamos constantemente e estávamos presentes por ocasião de diversas conversas e formas de interações entre os ciganos, entre ciganos e não ciganos.

²⁹ Tem 58 anos, viúva. Teve 9 filhos. Importante referência na comunidade cigana de Vila Matias. Seu único irmão, Francisco, foi o fundador da Igreja Evangélica Assembleia de Deus dos Milagres em 2018, que se localiza na Vila Matias em Penedo. Algumas vezes a referenciamos como Jaci.

³⁰ Prefeito, vice-prefeito e vereadores.

³¹ Lei Municipal N° 1.650 de 02 de julho de 2019.

³² Instituído pelo Decreto Federal de 24/05/2006.

Outrossim, também houve momentos de olhares, que interpretamos como reprovadores ou perquiridores e momentos de indiferença, que consideramos como forma de resistência à nossa presença.

Pondo-nos a reflexionar sobre tal resistência, que ora compartilhamos, nesse momento devemos destacar que, devido ao nosso comportamento mais comedido, durante a permanência junto à comunidade e, em respeito às pessoas que temos como atores nesta pesquisa, para não sermos tão invasivas, tivemos a tendência de estarmos presentes junto àquelas famílias que, ao chegarmos em suas casas ou seus espaços de sociabilidade, como seu quintal, com Willamis ou não, fomos bem recebidas e acolhidas.

Ainda é importante destacar a forma como Willamis fazia ser bastante operativa a fronteira étnica no sentido da regulação das relações que se davam entre pesquisadora e pesquisados, mantendo sobre controle até que ponto era permitido a pesquisadora conhecer e vivenciar o cotidiano entre alguns Calon. Embora, ao nosso ver, houvesse instantes em que essa fronteira era atravessada em meio às relações interpessoais que iam sendo, com o passar do tempo, mais próximas.

Sendo assim, nosso ponto de apoio foi o quintal de Jaciguara. Por lá chegavam outras pessoas como: agente de saúde, prestamistas, parentes de Sergipe, vizinhos, familiares, entre outras. Essa atitude talvez tenha suscitado uma certa rejeição e, às vezes, indiferença à nossa presença, pois, embora tenhamos circulado pelo bairro, permanecemos maior parte do tempo no quintal de Jaciguara, que é bastante popular nessa localidade e tem como gênero Willamis.

Outra questão que nos pareceu pertinente foi quando estivemos em um espaço de sociabilidade, uma festa de casamento, em que a comunidade foi exposta e nos expusemos para a comunidade. Na ocasião, não aderimos a todas as configurações sociais que ali ficavam patentes, como: não nos apresentarmos tão adornadas como muitas ciganas da comunidade, não sermos adeptas da ingestão de bebidas alcoólicas, não estarmos tão expansivas quanto algumas Calin e alguns Calon o foram, o que, por sua vez, poderia transparecer, de nossa parte, não adesão ao código de conduta vigente.

Portanto, nessa configuração social, éramos *outsiders*, como proposto por Elias e Scotson (2000), pois, não estabelecíamos uma coesão de atitudes junto aos representantes da comunidade cigana que ali se encontravam, embora alguns ciganos e ciganas também destoassem do que parecia ser mais habitual em festas de casamento, em referência à comunidade Calon da Vila Matias. De outra forma, fomos bem recebidas e acolhidas pelos ciganos e ciganas, com os quais tivemos a oportunidade de conversar e estarmos mais próximas.

Devido à pesquisa e à aproximação com a comunidade cigana de Penedo, passamos a contribuir com a elaboração de ofícios, quando necessário, endereçados ao poder público para atendimento de demandas da comunidade Calon. E a pedido de Willamis, assumimos em 2023, a coordenação municipal de Maceió-AL como componentes do ICB, pelo período de dois anos.

Assim, a etnografia se moldou a partir do contexto em que se deu o trabalho de campo³³, com a utilização de técnicas de pesquisa como a observação participante com registro em diário de campo, as entrevistas semiestruturadas e abertas, gravação de relatos por áudio, a análise documental, entre outras que se fizeram necessárias, tendo em vista as questões sanitárias em vigência³⁴, a convivência cotidiana entre os ciganos, no sentido de apreendermos, por meio de vivências, de expressões, de diálogos e de memórias, os processos de fixação em um território, entendido aqui como “morada”, de construção de suas identidades. Nesse sentido, entendemos ser útil a noção de ‘dinâmica territorial’, apresentada por Mura (2017, p. 153) como o movimento “[...] continuado no tempo, resultante de uma pluralidade de processos que ocorrem em um determinado espaço geográfico e que levam os integrantes de grupos sociais e étnicos diferentes a configurar e/ou ajustar territórios de um determinado modo”, tendo em vista que nos ajuda a pensar a forma de abordar o processo em foco neste estudo.

Para a presente pesquisa realizamos um trabalho de campo que se iniciou no mês de novembro de 2021 e se estendeu por 2022, até junho, de forma intermitente, e teve o seu ápice em julho de 2022, quando estivemos em Penedo entre os dias 04 a 31, domiciliadas na cidade em uma pousada, que foi escolhida, justamente, por estar localizada na principal avenida³⁵ da parte alta da cidade e bem próxima da Vila Matias, localidade que concentra o maior número de ciganos e palco da maior parte do trabalho de campo. Retornamos para Penedo no dia 09/12/2022 para participar de um casamento cigano³⁶, para o qual fomos convidadas por Willamis e Esmeraldina.

O intuito deste trabalho é compreender os processos vividos pelos ciganos Calon de Penedo e colaborar com o debate antropológico consoante às pesquisas realizadas em outros estados brasileiros por diversas estudiosas³⁷. Pretende-se contribuir para fazer emergir reflexões

³³ A título de esclarecimento e, em respeito à vontade de alguns colaboradores da pesquisa, ciganos e não ciganos, que desejam manter o anonimato, estamos utilizando nomes fictícios para nos referir a algumas dessas pessoas e/ou utilizando somente as letras iniciais de seus nomes e sobrenomes.

³⁴ Epidemia de Covid-19, anunciada em dezembro de 2019, que teve como cenário a cidade de Wuhan na China, por meio do Corona vírus e rapidamente tomou proporções de uma pandemia que suscitou medidas de isolamento e distanciamento social com uso de máscaras e álcool 70% em gel ou líquido até que fosse concretizado a elaboração de testes e vacinas eficazes como medidas de contenção.

³⁵ Denominada Rodovia Engenheiro Joaquim Gonçalves.

³⁶ Casamento de Milena e Alexandre.

³⁷ Ferrari (2010; 2019); Goldfarb (2013) e Santos (2017). Entre outras.

sobre elementos identitários importantes nesse processo, de forma que favoreçam e fortaleçam o reconhecimento das famílias ciganas como partícipes da história local e nacional e fundamentar a inclusão social dos ciganos penedenses.

As contribuições teóricas que nos permitiram desenvolver uma análise, perpassam pelos estudos de Fredrik Barth (2000; 2005; 2011), salientando as questões identitárias e de criação de fronteiras étnicas, para refletirmos como os Calon residentes em Penedo têm construído suas identidades mediante um cenário interacional hostil, mas que diante de demarcação de fronteiras têm sobrevivido e resistido no delineamento de um território. Tendo em vista a importância da memória para o estudo em foco, destacamos a seguir as contribuições de alguns autores com os quais dialogamos ao longo do trabalho.

Pierre Nora (1993), com sua abordagem sobre história e memória, em que a memória se contrapõe à história, considera que a memória é vida e, assim, integra a existência humana. Por isso ela está sujeita a flutuações em forma de: ‘deformações’, ‘manipulações’, ‘latências’ e ‘revitalizações’. E, por sua vez, opõe-se à história que ele entende como “[...] a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (p. 9). Conforme o autor, falar de memória seria entender que a história que a gerou não existe mais. Então, a memória poderia ser a história encarnada por meio dos locais de memória. Essa reflexão pode contribuir para elucidar de que forma as narrativas dos Calon que expressam as suas memórias estão atravessadas por lembranças que reavivam imagens e podem ser consideradas locais de memórias, numa perspectiva espacial e simbólica.

Com Michael Pollak (1992), podemos refletir quanto à memória, suas cronologias e vivências diversificadas operam na construção identitária, no sentido de fazer emergir pertencimentos étnicos que sinalizam para a valorização de identificações num processo reiterado de negociação social em que, são reafirmados valores, sentimentos e afetividades pautados na ressignificação do passado no presente, conforme suas necessidades de sobrevivência e resistência grupal. E João Pacheco de Oliveira (2016), que trabalha com a noção de regime de memória tomada do antropólogo polonês Johannes Fabian (2001) e ampliada no sentido de argumentar:

Um regime de memória propicia relatar uma história; mas, para compreender a organização e o funcionamento de tais sociedades, o pesquisador não pode fixar-se em um só ponto de vista: deve buscar as muitas histórias e o seu entrelaçamento. Por isso, o investigador não deve se limitar a uma documentação produzida por fonte oficial e que reflita uma perspectiva supostamente canônica em relação àquele assunto: precisa explorar a diversidade de fontes e a multiplicidade de relatos possíveis, beneficiando-se do resultado de pesquisas antropológicas e históricas atuais. Estas frequentemente revelam instituições e significados desconhecidos das fontes não indígenas da época e que, mediante uma leitura crítica e numa perspectiva

descolonizadora, muitas vezes permite construir interpretações novas nas entrelinhas de registros do passado (OLIVEIRA, 2016, p. 29).

Embora o autor se reporte às comunidades indígenas, a noção de regime de memória constitui aspecto analítico importante para refletirmos sobre grupos étnicos em interação com sociedades mais amplas. Assim, é possível ocorrer com as comunidades ciganas, situações que podem ser analisadas nos termos desse autor, para explicitar como esses regimes de memória se desenvolvem e se transformam.

Sendo assim, pensando em diversas fontes para a construção dos dados da pesquisa e, tendo em vista que se trata de um estudo considerando um grupo étnico cujas representações costumam ser marcadas por preconceitos e discriminações, fizemos um percurso em campo que demandou acessar, em primeiro plano, um membro da comunidade cigana que fosse uma liderança. A partir de então, por anuência da liderança, buscamos respaldo em outros membros da comunidade, incluindo mulheres Calin, e de outra parte, conversamos e entrevistamos colaboradores não ciganos.

Concomitante às atividades já elencadas, acessamos o acervo público da cidade relacionado a publicações em jornais em busca de delinear o perfil da cidade na esfera histórica e adensar aspectos da contemporaneidade com informações demográficas e socioeconômicas, com buscas nas secretarias e sites institucionais e também matérias jornalísticas que tivessem como protagonistas os ciganos. Salientamos que boa parte desse percurso foi sendo delineado à medida que avançávamos na construção e vivência do campo de pesquisa em foco, pois, somente mediante contextos vivenciados, considerando resistências, avanços, entraves e limites, foi possível irmos traçando trajetórias. Trajetórias as quais nos parecem plausíveis destacar as interações, sejam elas superficiais ou não, que vivenciamos fazendo um percurso entre museu, acervos, biblioteca, instituições municipais, agentes públicos, cidadãos ciganos e não ciganos. Percursos, pessoas e circunstâncias que contribuíram no delineamento dos aspectos abordados nesta pesquisa.

Com base nos dados produzidos e analisados, desenvolvemos a dissertação em três capítulos.

No primeiro capítulo, propomos reflexões sobre “Os regimes de memória”, dialogando com Oliveira (2016) para a compreensão de que forma as imagens e narrativas são elementos significativos para a construção de memórias específicas que foram forjadas e tecidas, ao longo da história, com fios concatenados que levam a termos, na história social do Brasil, o apagamento da patente existência e circulação dos ciganos em todo território brasileiro, não somente por ausências, mas por presenças que foram sendo banalizadas, exotizadas, rechaçadas

e estereotipadas, como seres não dignos do justo reconhecimento por parte da população mais ampla e na historiografia brasileira.

Dessa forma, além do regime de memória sobre os ciganos no Brasil, mostraremos dados (ausência deles nos órgãos públicos e nas narrativas dos não ciganos) que evidenciam como a visão estereotipada e preconceituosa sobre os ciganos está presente em Penedo, calcada na construção de regime de memória que notabiliza um passado glorioso e aciona configurações sociais que se relacionam com a ideia de Elias e Scotson (2000), ao discorrerem considerações sobre a perspectiva de estabelecidos-*outsiders*, cuja discussão situamos no segundo capítulo.

No tocante ao segundo capítulo, tratamos sobre a dinâmica territorial, “as experiências e circulações”, em que se apresentam relatos dos Calon e das Calin sobre suas memórias de chegada, fixação e inserção na sociedade penedense, e, dessa forma, protagonizam a elaboração de um novo regime de memória, no sentido de alcançar a plena visibilização, a partir do processo de “morada”, sua organização social e espacial, destacando os significados das “andanças”, da circulação e das experiências marcadas por preconceitos, como também sobre as atividades que desenvolvem em Penedo.

Apresentamos aspectos da pesquisa de Elias e Scotson (2000), cuja problemática estava relacionada ao fato de que os dois grupos estudados tinham como diferenças a questão de um ser mais antigo na cidade (os estabelecidos) e o outro ser mais recente (*outsiders*). Isso se constituiu o ponto nevrálgico para a construção dos estereótipos, baseados em relações de poder assimétricas. No caso da comunidade cigana de Penedo, outros elementos e aspectos podem ser levantados para o estabelecimento de tal configuração.

No terceiro capítulo, pretendemos discutir a temática da “Identidade e memória”, analisando as narrativas ciganas e não ciganas, destacando os aspectos identitários que são acionados em diferentes contextos e como esses aspectos se relacionam com o desenvolvimento de uma memória coletiva, cujos sentidos são compartilhados. No capítulo, apresentamos uma análise das experiências de exclusão e de fortalecimento da diferença étnica na relação com os não ciganos e a construção da memória do próprio grupo identitário em diálogo com autores como Pollak (1992), que trata sobre aspectos do enquadramento de memória e discute a vertente de entendimento do fenômeno da memória como coletivo e social, que está sob as injunções de construção coletiva e dada a transformações.

O autor não deixa de apresentar a condição de que a memória, em certas situações, exhibe pontos invariantes e como ela se presta a transformações, já que é sempre ressignificada em relação a um presente, portanto, situacional. Outrossim, com Nora (1993), refletimos sobre as relações contrapostas entre história e memória, em que uma narrativa histórica pode se

constituir um “lugar de memória”, operando um valor “material, simbólico e funcional”, no sentido da construção identitária e da reafirmação de pertença a um grupo.

1 OS REGIMES DE MEMÓRIA

Neste capítulo, teceremos algumas considerações relacionadas às memórias que se forjaram sobre os ciganos em âmbito nacional, dialogando com autores como Goldfarb (2010; 2013), Santos (2017), Teixeira(1998) e, na cidade de Penedo, tendo como fontes recortes de jornais do ano de 1972 e as narrativas dos ciganos e não ciganos procedidas da pesquisa de campo, que resultaram em um imaginário coletivo cujos elementos de referências visam estereotipá-los com o intuito de estabelecer um certo controle sobre essa população.

Buscaremos refletir sobre os meandros dos regimes de memória em disputa nas relações sociais e nos contextos vivenciados pelos Calon na inserção social em Penedo e nas memórias do processo de “morada” em desenvolvimento. Processo esse que se apresenta atrelado a uma expansão territorial da cidade de Penedo atribuída aos Calon, por intermédio de uma ocupação de terras chamada de “invasão”; por meio de terrenos doados pela municipalidade; e, por fim, mediante a compra de terrenos na região conhecida como parte alta da cidade, que discutiremos no Capítulo 2.

A seguir, faremos algumas reflexões acerca do imaginário nacional e local a respeito dos ciganos, mas, antes disso, é importante destacar a especificidade do contexto em foco e as narrativas “oficiais” sobre a cidade de Penedo.

1.1 A “tradição histórica” de Penedo: um olhar sobre as narrativas de construção e glorificação do passado

Penedo (ver Figura 1) tem como um de seus limites o rio São Francisco e está situada à sua margem esquerda, no extremo sul de Alagoas. Participa da região de planejamento do Estado de Alagoas denominada baixo São Francisco e fica distante da capital alagoana, Maceió, a 162 km, aproximadamente.

Figura 1 – Mostra em destaque o município de Penedo.



Fonte: Wikipédia (2022).³⁸

Em 1995³⁹ foi considerada patrimônio histórico nacional pelo governo federal, por meio da portaria nº 169 do Ministério da Cultura, haja vista que já vivenciava um processo de revitalização com o tombamento de parte da cidade conhecida como ‘Centro Histórico’ (ver Figura 2), desde o ano de 1986 na esfera estadual (Decreto estadual nº 25.595/1986) e, posteriormente, na esfera municipal (Lei nº 939/89) e na esfera federal (IPHAN/96). Conforme reitera Silva (2016):

O processo patrimonializador em Penedo já surgiu em 1986 como um projeto redentor, nutrindo de esperanças um município em crise econômica e social. Neste contexto e considerando se tratar de uma política difundida globalmente através de uma complexa rede multiescalar e hierárquica entre as cidades-patrimônio, Penedo acolheu a patrimonialização como uma possível estratégia de soerguimento da sua economia. Ela envolve uma articulação verticalizada que mobiliza organismos na esfera internacional, embora se concretize localmente, demonstrando uma incrível capacidade de difusão e capilarização típicas de uma política universalizante e padronizadora (SILVA, 2016, p. 22).

Os aspectos abordados pela autora nos informam as circunstâncias em que Penedo abraçou tal projeto de patrimonialização, como também sinalizam para a manutenção de uma política patrimonial calcada na padronização e apontam perspectivas para corporificar a “[...] nostalgia dos valores e de um determinado estilo de vida ainda presentes no imaginário [...]” (*Ibidem*, p. 26) de muitos cidadãos.

No tocante à padronização, podemos problematizar que a forma de vida itinerante que os ciganos têm assumido, por forças, muitas vezes, de circunstâncias desfavoráveis que lhes são impostas por governos estendendo-se aos cidadãos e concorrem para que os ciganos sejam vistos (quando vistos) como pessoas que destoam e contribuem para a descontinuidade de

³⁸ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_S%C3%A3o_Francisco. Acesso em: 06 out. 2022.

³⁹ <https://penedo-alagoas.blogspot.com/?view=classic>

padrões sociais regados por marcas coloniais que impõem, como verdades absolutas, perspectivas eurocêntricas de estilo de vida e que se personificam e têm como emblemas suas paisagens arquitetônicas. Perspectivas que devem ser perpetuadas, não somente no “berço da civilização” europeia, como dizem alguns jargões, mas espalhadas pelo mundo, como bem frisou a autora, numa política universalizante.

Figura 2 – Vista parcial de Penedo (Centro Histórico visto a partir do rio).



Fonte: Wikipédia (2022).⁴⁰

Na atualidade, segundo o IBGE (2021)⁴¹, sua população está estimada em 64.005⁴² habitantes, e seu índice de desenvolvimento humano municipal – IDHM registra, conforme censo de 2010, o número de 0,630⁴³ (ver Figura 3), ocupando, entre os municípios brasileiros, o 195º lugar⁴⁴. É importante inferir que seu IDHM é considerado mediano, o que se traduz em um desenvolvimento razoável em termos de acesso ao conhecimento, em termos de saúde física e mental e em termos do suprimento de necessidades básicas, como água potável, alimento e moradia em relação à sua população, conforme está explicitado no site Atlas Brasil (2022).

⁴⁰ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_S%C3%A3o_Francisco>. Acesso em: 06 de out. de 2022.

⁴¹ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/penedo/panorama>>. Acesso em: 06 de out. de 2022.

⁴² Dados preliminares do Censo 2022 atualiza esse número para 58.647 habitantes. Disponível em: < [IBGE | Cidades@ | Alagoas | Penedo | Panorama](#)>. Acesso em: 12 de jun. de 2023.

⁴³ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/penedo/panorama>>. Acesso em: 06 de out. de 2022.

⁴⁴ Disponível em: < <http://www.atlasbrasil.org.br/ranking>>. Acesso em: 06 de dez. de 2022.

Figura 3 – Perfil socioeconômico de Penedo – AL.



Fonte: Atlas Brasil (2022).

Avaliando o seu contexto histórico, Penedo é considerada a localidade por cujas terras se centrou a expansão das Alagoas, sendo uma das cidades mais antigas do estado. Em abril de 2022, a cidade comemorou os seus 386 anos. Sua denominação (topônimo) se relaciona ao acidente geográfico no qual se desenvolveu seu primeiro povoamento (Penedo: a grande pedra)⁴⁵ e cujo título de “Mui nobre e sempre leal”⁴⁶ lhe foi conferido quando de sua elevação de povoado para vila em 1836. A divisão administrativa da ocupação territorial das Alagoas nos anos de 1836 a 1763 pode ser visualizada no mapa, conforme Silva e Muniz (2016) - (ver Figura 4)⁴⁷.

Figura 4 – Mapa de ocupação territorial considerando os limites atuais do Estado de Alagoas.



Fonte: Adaptado pela autora, a partir de Silva e Muniz (2016, p. 126).

⁴⁵ <https://penedo.al.gov.br/prefeitura/cidade/>.

⁴⁶ <https://penedo.al.gov.br/a-cidade-de-penedo/>.

⁴⁷ Na Figura 4, podemos observar os três núcleos territoriais, que no século XVII formavam as terras das Alagoas: na faixa de terra, representada na figura do mapa pela cor rosa está Penedo (1) (na época Vila do São Francisco e corresponde hoje às regiões do Baixo São Francisco, do Médio Sertão, do Alto Sertão e parte das regiões do Agreste e da Bacia Leiteira); na faixa de terra, representada na figura do mapa pela cor roxa, chamava-se Alagoas(2) (que corresponde hoje às regiões da Bacia Leiteira, do Agreste, do Litoral Sul, do Vale do Paraíba e da grande Maceió) e na faixa de terra, representada na figura do mapa pela cor azul, chamava-se Porto Calvo(3) (que corresponde hoje à região do Litoral Norte).

Seguindo pelo seu passado histórico, a cidade de Penedo percorreu uma trajetória de desenvolvimento econômico como polo de expansão do estado de Alagoas e localidade portuária e se constituiu em espaço estratégico para abertura de navegação comercial. Sem contar que, outrora, foi palco de visitas de pessoas consideradas ilustres no âmbito nacional e internacional, como, por exemplo, o príncipe regente D. Pedro II, o Conde D' Eu e, em 1931, o então presidente da república Getúlio Vargas, entre outras. Figuras que, na contemporaneidade, foram homenageadas pela municipalidade com suas estátuas em tamanho natural espalhadas pela cidade⁴⁸. São ícones que marcam a valorização de períodos específicos na história do Brasil e de Penedo e que funcionam como símbolos de valores que eram cultivados.

É a partir desse contexto que os colaboradores da pesquisa residentes em Penedo, como José Willamis Alves da Silva⁴⁹ e Josué Marques da Silva, relataram-nos que os ciganos chegaram a Penedo por volta da metade dos anos 60 e início dos anos 70/80. Em vista disso, destacamos que o recorte de tempo contemplado, neste estudo, dá-se em torno dos anos 60 a 90 do século XX.

Como é notório, os anos de 1960 a 1990 foram um período em que vivenciamos o regime da ditadura militar no Brasil, fase de recrudescimento da vivência cidadã e, posteriormente, a chamada redemocratização brasileira, que contou com a elaboração da Constituição de 1988 envolta em um processo de engajamento social que garantiu a inserção na Carta Magna, da alusão de minorias étnicas como sujeitos de direito, proporcionando possíveis desdobramentos jurídicos e sociais de reconhecimento dessa camada da população. Conforme explicita Oliveira (2016, p. 40): “O término de um longo período militar e a elaboração de uma Constituição que enfatiza os compromissos sociais do Estado e reconhece direitos coletivos e das minorias trouxe fatos novos para a vida brasileira”.

Na cidade de Penedo, registra-se em alguns periódicos⁵⁰ aos quais tivemos acesso na biblioteca da Fundação casa do Penedo⁵¹, menção a fatos como, por exemplo, o pedido do colunista do jornal ao IBGE para a organização de um documento que foi chamado de “monografia” (ver Anexo A), contando fatos da vida de Penedo. O porta voz do jornal afirmou: “Se há uma cidade no Brasil que possui uma história a contar, essa é, sem dúvida, Penedo”

⁴⁸ Ver em: [Personalidades históricas de Penedo ganham monumentos em praça pública - Correio dos Municípios - Alagoas \(correiodosmunicipios-al.com.br\)](http://correiodosmunicipios-al.com.br)

⁴⁹ Também conhecido como Willamis Cigano.

⁵⁰ Jornal de Penedo; Correio do São Francisco e Tribuna Penedense.

⁵¹ Biblioteca F. A. Sales.

(Jornal de Penedo⁵², 25/09/1955), exaltando a tradição histórica da cidade e sua importância para a economia da região do Baixo São Francisco.

Em outro momento, destacou-se no periódico a referência à comemoração do centenário de passagem do imperador D. Pedro II pelas terras do São Francisco (ver Anexo B) e noticiou que a Comissão do Vale do São Francisco⁵³ tinha a pretensão de edificar um monumento alusivo a esta visita. Aproveitou para chamar a atenção para o diário do príncipe regente que, à época, referenciou sobre Penedo:

Suas fábricas de preparar arroz, algodão, farinha, ladrilhos de grés, alambiques de aguardente, serras para fazer caixas de fósforo, preparo de óleo de mamona e azeite de ouricuri, bem como aguardente do fruto camboim, de cor de vinho branco, usada para dores de estômago, nas margens do rio São Francisco (Jornal de Penedo, 21/10/1956).

Esse recorte sugeriu aspectos da vida econômica da cidade no século XIX relacionados tão somente aos empreendimentos, contrapondo-se à representação da cidade no século XX, em que a matéria do periódico de 1962 analisou a apresentação de um relatório geográfico elaborado por uma equipe de geógrafos da Universidade do Rio de Janeiro. Reportando-se a aspectos socioeconômicos, enfatizou que:

A ilustre geógrafa traçou, com admirável segurança, um perfil de Penedo, dos nossos dias, como uma cidade que possui um lustre de progresso modernizado, contrastando com o quadro desolador de marginalismo, de grande parte de sua população, lançada ao desemprego coletivo e sem os recursos elementares de subsistência (JORNAL DE PENEDO, 22/07/1962).

O colunista prosseguiu realçando que a geógrafa chamou esse “quadro desolador de marginalismo”, como sendo a “outra Penedo” (ver Anexo C), e se referiu à população economicamente menos favorecida da cidade, em que seus moradores, em grande maioria, vivia de “biscate”, de “pesca alheatória” e de uma “agricultura de quintal”. A referida geógrafa apontou como fatores para a decadência econômica de Penedo o “encerramento do ciclo do grande comércio de algodão” e o concomitante “colapso da função portuária” de Penedo.

O referido colunista, enfatizou que a relatora reiterou o título de “Metrópole do Baixo São Francisco”, quando falou da influência cultural que Penedo ainda exercia sobre as cidades ribeirinhas e concluiu o seu texto quando afirmou que “Com toda a graça e delicadeza do seu

⁵² Tem como diretor e redator o político da época: Oceano Carleial.

⁵³ Lei nº 541 de 15 de dezembro de 1948. Cria a Comissão do Vale do São Francisco, e dá outras providências. E extinta pelo Decreto Nº 76.962, de 31 de dezembro de 1975.

estilo de exposição, que tanto nos encantou, a professora Lysias Bernardes veio nos revelar, como aquele garoto da lenda, que o rei está nu” (Jornal de Penedo, 22/07/1962); metáfora que sinalizou para um aspecto da representação sobre a cidade, aos olhos do colunista, de muita satisfação por um passado colonial e aristocrático que era regado por dotes intelectuais e estavam sendo difamados.

Entretanto, é importante ressaltar que, anteriormente, nos anos de 1959, uma publicação do IBGE - que devia apresentar e comentar aspectos das cidades brasileiras que concorressem para a apresentação de um panorama destas, no sentido de contribuir com dados para efetivação de planejamentos administrativos públicos pertinentes, denominada Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - fez relevantes destaques que nos auxiliaram a compreender a cidade de Penedo contemporaneamente, a partir do seu povoamento na época colonial e suas transformações. Assim, considerando a importância de Penedo para a expansão econômica das Alagoas como polo de ocupação territorial, na referida publicação afirmou-se:

Poucos são os municípios tão bem servidos de transporte quanto Penedo. A navegação aérea é feita pela VARIG, cujos aviões tocam no município às segundas, quartas e sextas-feiras quando fazem o voo Norte-Sul e às segundas, quartas, sextas-feiras e sábados no voo Sul-Norte (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, p. 127).

E ainda:

A linha de navegação fluvial Penedo–Piranhas é feita pelo navio “Comendador Peixoto”, da Empresa Fluvial de Transportes Limitada. A linha fluvial Penedo-Neópolis é servida por lanchas pertencentes a várias empresas sediadas na cidade sergipana de Neópolis (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, p. 127).

Como também:

O município é servido, ainda, por estrada de rodagem destacando-se a de Penedo-Maceió, cujo transporte é feito diariamente pela Empresa Penedense de Transportes. Dista Penedo da capital do Estado 187 quilômetros por estrada de rodagem, e as ligações com os municípios vizinhos são as seguintes: Piaçabuçu - 29 quilômetros (rodovia) e 30 quilômetros (via fluvial); Coruripe - 113 quilômetros (rodovia); Igreja Nova - 33 quilômetros (rodovia) e 36 quilômetros (via fluvial); e Junqueiro 47 quilômetros (rodovia) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, p. 127-128).

Portanto, à época, Penedo tinha um grande papel de interligação das várias localidades. Por não existirem grandes investimentos em rodovias, valia-se das vias aéreas, fluviais e rodoviárias para escoamento de matéria prima, produto de exportação, entre outros, e transporte de passageiros. O rio era um elemento de integração entre os municípios e alguns estados, além

de ter sido uma fonte econômica para os cidadãos. Contudo asseverou: “O grande rio que margeia a parte baixa da cidade não é apenas um acidente geográfico, oferecendo ao viajante uma bela paisagem natural, mas representa, principalmente, grande riqueza econômica de importância fundamental para a população” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, p. 128).

Mais adiante, na Enciclopédia, referenciou que:

A velha cidade de Penedo, metrópole do São Francisco e um dos primeiros núcleos populacionais de Alagoas, apresenta, ainda hoje, vestígios de uma época remota. O Convento de São Francisco, a Igreja da Corrente e a Pedra de São Pedro, com inscrições deixadas pelos holandeses, são valores históricos conservados carinhosamente por seus filhos através dos tempos. Enquanto a parte alta oferece um dos mais encantadores panoramas, a parte baixa se caracteriza pelo movimento comercial e industrial, cuja rua mais importante estende-se paralelamente ao cais do porto (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, p. 128).

A intenção era de destacar a imponente tradição histórica com vestígios em seus monumentos e apresentar uma divisão da cidade em parte baixa e parte alta, contrapondo-se, entretanto, cada uma com o seu peculiar encanto, com destaque para a parte baixa, do cais do porto.

Nesse ínterim, o documento do IBGE (1959) prosseguiu referendando que: “Penedo foi, em dada época, um centro de irradiação cultural em Alagoas. Lá nasceram, entre outras figuras representativas da inteligência brasileira, o diplomata Barão de Penedo, o escritor Elísio de Carvalho e o poeta Sabino Romariz” (p. 128), informando-nos do berço fecundo da intelectualidade de outrora. Posto isso, tais referências corroboraram para a construção de uma representação sobre a cidade pautada, em grande medida, em ares aristocráticos.

A referida publicação apresentou um apanhado da parte fisiográfica da cidade e elencou seus prédios e monumentos quando destacou que Penedo:

Possui atualmente mais de 4.000 prédios, destacando-se entre os mais antigos o Convento de São Francisco de Assis; a Igreja da Corrente; a Catedral de Nossa Senhora do Rosário; o Teatro 7 de Setembro; a Santa Casa de Misericórdia (Hospital e Maternidade); o Seminário Diocesano; a Prefeitura Municipal; o Grupo Escolar Gabino Besouro. Entre as construções modernas, mencionam-se o Penedo Tênis Clube; a Biblioteca Pública; o Hospital Regional; o Pôsto do S.E.S.P.⁵⁴; o Pavilhão dos Tuberculosos; a Escola Normal Rural; e o grande prédio, em construção, onde serão instalados o Cinema e Hotel São Francisco. No município há um campo de aviação com 3 pistas piçarradas. A cidade é servida de água canalizada, havendo 464 prédios abastecidos, e conta com 4 hotéis, 3 associações de caridade e duas de beneficência mútua⁵⁵ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, p. 128).

⁵⁴ Serviço Especial de Saúde Pública.

⁵⁵ Sociedade Montepio dos Artistas e Colônia de Pescadores São Francisco – Z12. Destinam-se a promover pensões; auxílio funerário; assistência médica e farmacêutica aos seus associados.

Dessa forma, pela quantidade de prédios existentes e os que foram abastecidos por água, foi possível aludir sobre a precariedade sanitária da cidade, da época em questão e, conseqüentemente, a possibilidade de baixo percentual de salubridade. E ainda, considerar que as construções modernas, que foram apontadas no texto, sugerem preocupações no campo da saúde, educação e entretenimento, saindo um pouco do foco da herança monumental histórica.

Retomando os periódicos, no ano de 1972, na imprensa local, a cidade de Penedo foi decantada como polo turístico, na esteira de uma “tradição histórica”, de “suas paisagens” e de “riqueza folclórica”, conforme nos apresentou a matéria jornalística: “Penedo e sua significação como polo de atração turística em Alagoas” (ver Anexo D), a qual trazia um apelo ao governo de estado da época, para em nome de uma “vocação turística” da cidade, em “maiores condições” de que outras no estado, promovesse um evento denominado “Festival de Verão de Penedo”, com a sugestão de dividir o momento festivo com a procissão do Bom Jesus dos Navegantes, realizada no mês de janeiro, anualmente. E destacou a menção à “[...] rede de clubes e associações recreativas que atestam o bom gosto social civilizado de sua sociedade” (Jornal de Penedo, 23/01/1972).

Após destacar algumas características históricas, urbanas, socioeconômicas e cotidianas da cidade de Penedo, na tentativa de apresentar um perfil, ainda que parcial, da referida cidade para melhor compreensão de alguns dos seus aspectos na contemporaneidade, damos continuidade salientando sobre o tombamento de parte de Penedo.

Em dezembro de 1985, no periódico Tribuna Penedense⁵⁶, saiu uma nota intitulada “Tombamento da Cidade” (ver Anexo E), que veiculou:

Iniciado uma campanha sobre o tombamento de Penedo, pelo Ministério da Cultura, o Rotary clube correspondeu-se com importante entidade, no Rio de Janeiro, de administração municipal (IBAM)⁵⁷, solicitando orientação e parecer, inclusive a legislação que trata do assunto (Tribuna Penedense, 08/12/1985).

A nota acima nos informou de uma articulação entre entidades estatais e não estatais no intuito de promover, junto a órgãos competentes, o referido tombamento. A assinatura do decreto estadual, no mês de março de 1986, culminou em uma festa⁵⁸, com a presença de populares e de representantes ilustres. Assinaram o referido decreto o governador do estado

⁵⁶ Fundado por Raimundo Marinho, importante político da cidade de Penedo-AL.

⁵⁷ Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM

⁵⁸ Com programação religiosa e profana que também circulou no periódico Correio do São Francisco de propriedade da Escola Profissional Lar de Nazaré.

Divaldo Suruagy, o secretário de cultura e o prefeito de Penedo⁵⁹, que oficializaram o tombamento da cidade em âmbito estadual e, posteriormente, municipal e nacional.

Com base nos periódicos consultados e algumas de suas notícias consideradas relevantes por tratarem sobre aspectos do perfil da cidade de Penedo, que foi se modificando, podemos destacar uma certa nostalgia em referendar um passado histórico considerado glorioso e de pessoas ilustres pelo cabedal intelectual, que foi lembrado com satisfação por se tratar de uma localidade de Alagoas que teve sua fundação e povoamento marcados por sua importância econômica e cultural para o desenvolvimento do estado.

Penedo, na contemporaneidade, tem como maior viés de transformação econômica o turismo, que dá continuidade a esse sentimento de fecundidade intelectual e cultural, por meio de perpetuar, para os visitantes que aportam na cidade, um passado ressignificado no seu patrimônio arquitetônico paisagístico, que foi tombado como patrimônio cultural e arquitetônico do Brasil. Dessa forma, a era colonial deixou um legado marcante de monumentos, equipamentos artísticos e arquitetônicos, com marcas eurocêntricas que a constitui como um “lugar de memória”, de um passado considerado glorioso que povoa o imaginário da sociedade mais ampla.

Entretanto, é notório que a história da cidade de Penedo não tem contemplado a presença dos ciganos nas últimas décadas de sua existência, visto que em muitos contextos citadinos e cotidianos não há alusão à comunidade cigana. Por outro lado, na maioria das vezes, quando elaboraram referências a essa população, fizeram-no de forma a banalizar as suas vidas e presenças, em um imaginário social coletivo que não evidenciou seus saberes e expressões culturais.

Na atualidade, considerando a pesquisa em tela e a comunidade cigana, alguns dados produzidos, com base em entrevista com Willamis, apontam que a comunidade cigana é composta de aproximadamente 518 famílias, e que a maioria das famílias está concentrada no bairro conhecido como Vila Matias (ver Figuras 5 e 6), localizado na parte alta⁶⁰, espaço de expansão da cidade e resultado do processo atribuído à chegada e fixação dos ciganos. Nesse lugar, encontram-se rodovias que dão vazão às chegadas e partidas dos citadinos, conforme se visualizam os delineamentos dos trajetos que levam até Penedo (ver Figura 7).

⁵⁹ Tancredo Pereira.

⁶⁰ Ver imagens em: <https://youtu.be/qFtQNfphX5c>

Figura 5 – Município de Penedo com destaque para alguns bairros.⁶¹
 Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio – SEPLAG⁶²



Fonte: SEPLAG, adaptado pela autora (2023).

Figura 6 – Recorte ampliado: bairros com moradores Calon.

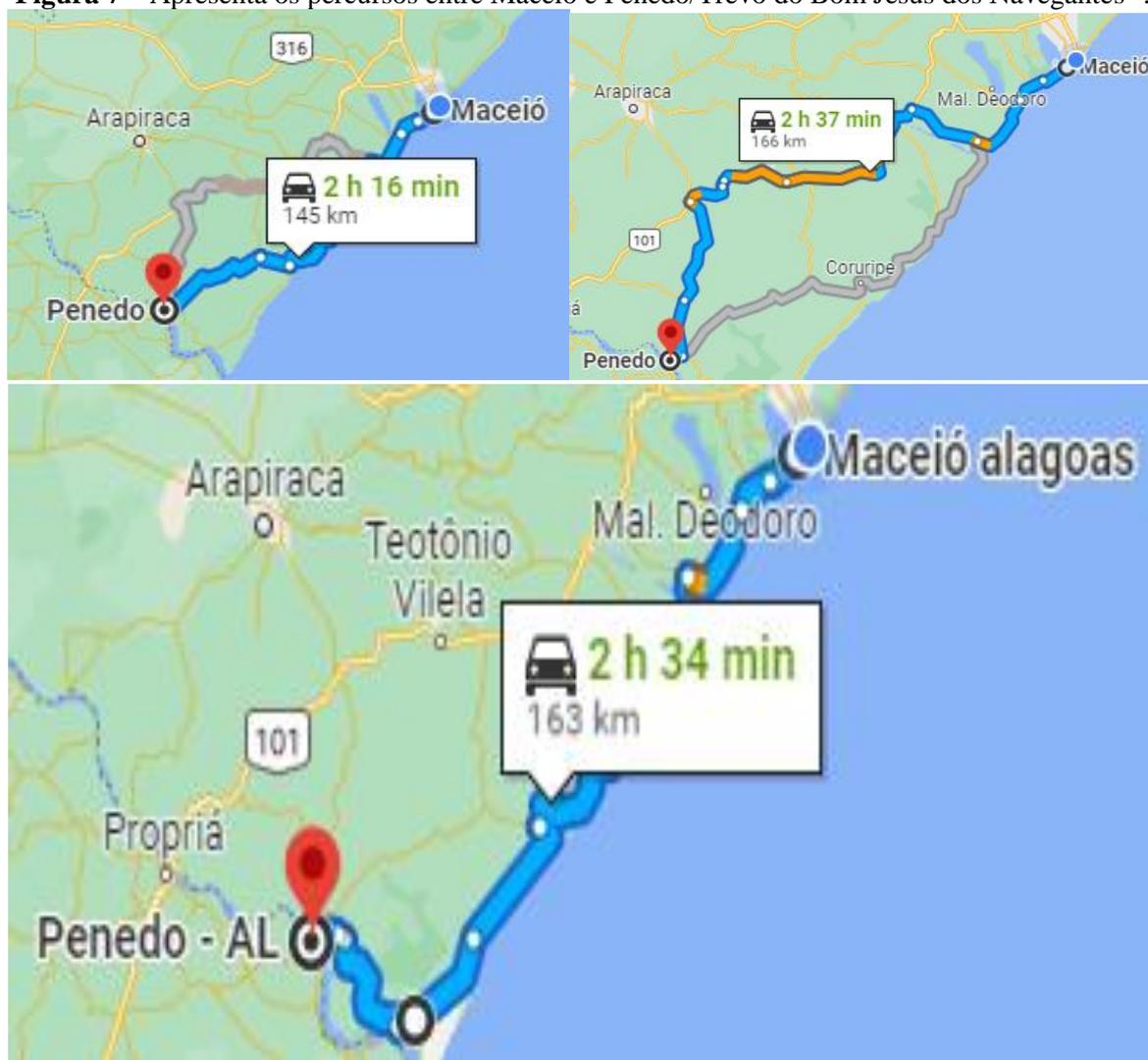


Fonte: SEPLAG, adaptado pela autora (2023).

⁶¹ A seta e o círculo indicam a localização dos Calon nos bairros por eles referenciados como Vila Matias, Santa Madalena, São Rafael e os loteamentos Santa Luzia e Sant' Ana.

⁶² Disponível em < <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/municipio-de-penedo/resource/b510cf1f-57a3-4b80-bf28-76dc63065032>> Acesso em 06.out. de 2022.

Figura 7 – Apresenta os percursos entre Maceió e Penedo/Trevo do Bom Jesus dos Navegantes⁶³.



Fonte: Google Maps (Disponível em <https://www.google.com/maps/> Acesso em 18 de dez./2022).

A partir de um levantamento realizado por meio do Cadunico⁶⁴ (ver Tabela 1), no site do Ministério da Cidadania em abril de 2022, observamos que foram cadastradas pelo município de Penedo 249 famílias na categoria de Grupos Populacionais Tradicionais Específicos e de Ciganos. Dessas famílias cadastradas, 126 participam também do Programa Bolsa Família.

Para efeito de conhecimento da participação das populações ciganas em políticas públicas de distribuição de renda, no mês de fevereiro de 2022, dos 102 municípios alagoanos

⁶³ Do lado esquerdo da imagem, podemos visualizar o trajeto Maceió/Penedo pela via AL-101 e AL-105 (145km). Do lado direito da imagem, podemos visualizar o trajeto Maceió/Penedo pela via BR-101(166km). Na parte de baixo e central da imagem, podemos visualizar o trajeto Maceió/Penedo pela via AL-101(163km).

⁶⁴ O programa da Secretaria Nacional do Cadastro Único - SECAD é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, permitindo que o governo conheça melhor a realidade socioeconômica dessa população. <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/cadastro-unico>.

pesquisados, aparecem 27 municípios que possuem cadastro de famílias ciganas no Cadunico, perfazendo um total de 387 famílias cadastradas. Dos 27 municípios que possuem cadastro de famílias ciganas no Cadunico, somente 22 deles possuem ciganos participando também do programa bolsa família, com um total de 208 famílias ciganas beneficiadas, conforme tabela⁶⁵ a seguir:

Tabela 1 – Demonstrativo dos Municípios com famílias ciganas cadastradas no Cadunico e no Programa Bolsa Família.

Nº	Município	Famílias ciganas cadastradas no Cadunico			Famílias ciganas cadastradas no Programa Bolsa Família		
		Fev./2022	Dez./2022	Mar./2023 ⁶⁶	Fev./2022	Dez./2022	Mar./2023
01	Penedo	249	291	307	126	154	159
02	Carneiros	47	46	46	35	31	32
03	Passo de Camaragibe	12	24	24	07	09	08
04	Jequiá da Praia	12	14	14	04	05	05
05	Delmiro Gouveia	11	11	11	05	05	05
06	Viçosa	09	09	09	06	06	06
07	Piaçabuçu	08	10	09	01	02	02
08	Olho d'Água do Casado	05	05	05	05	05	05
09	Coruripe	04	04	08	01	01	03
10	Maragogi	03	03	03	03	03	03
11	Maceió	03	06	06	02	03	02
12	Porto Real do Colégio	03	01	01	0	0	0
13	União dos Palmares	02	02	02	02	02	02
14	Igaci	02	01	01	02	01	01
15	Palmeira dos Índios	02	04	04	01	04	03
16	Limoeiro de Anadia	02	02	02	01	01	01
17	Canapi	02	01	01	0	0	0
18	Feliz Deserto	02	02	02	0	0	0
19	Rio Largo	01	07	07	01	02	02
20	São Miguel dos Campos	01	01	01	01	01	01

⁶⁵ Em fevereiro de 2023 atualizamos as informações contidas nessa tabela introduzindo os números referentes a dez./2022 que constavam no site do cadastro único. Observou-se que aumentou o número de municípios com famílias ciganas cadastradas, como também o número de cadastros realizados que, no geral, impactaram positivamente, tanto na quantidade de famílias ciganas cadastradas em Alagoas, quanto no número de famílias que participam do Programa Bolsa Família.

⁶⁶ Em março de 2023, fez-se a última atualização das informações contidas nessa tabela introduzindo os números referentes a mar./2023 que consta presentemente no site consultado e na atual conjuntura apresentam em Penedo o quantitativo de 307 famílias cadastradas e 159 destas participam do Programa Bolsa Família.

21	Campo Alegre	01	0	0	01	0	0
22	Atalaia	01	01	01	01	01	01
23	Taquarana	01	01	01	01	01	01
24	Ibateguara	01	01	01	01	01	01
25	Santa Luzia do Norte	01	01	01	01	01	01
26	Dois Riachos	01	01	01	0	0	0
27	Pariconha	01	01	01	0	0	0
28	Marechal Deodoro	-	01	01	-	01	01
29	São Sebastião	-	01	01	-	01	01
30	São José da Tapera	-	01	01	-	01	01
31	São Miguel dos Milagres	-	01	01	-	01	01
32	Quebrangulo	-	01	01	-	-	0
TOTAL		387	455	474	208	243	248

Fonte:⁶⁷ Adaptado pela autora do site do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Cadastro Único para programas Sociais, Folha de pagamento do Programa Bolsa Família (Março/2023) (Fev./ dez./2022 e mar./2023).

Tais dados corroboram para apresentar Penedo como a cidade que tem um contingente expressivo de residentes ciganos já incluídos em uma política pública como participantes dos grupos de Povos e Comunidades Tradicionais (PCTS). Entretanto, o parco registro de informações sobre os ciganos no acervo documental da Fundação Casa do Penedo⁶⁸, bem como a ausência de pesquisas acadêmicas sobre esta parcela de população, produziu um “regime de memória” (Oliveira, 2016) sobre a cidade que invisibiliza a presença dos ciganos na sociedade penedense.

Tendo como referência o contexto sócio-histórico apresentado, as narrativas apontam as hostilidades sofridas pela população cigana, as exclusões relacionadas ao acesso à saúde, à educação formal e à convivência amistosa junto à população não cigana. As mais recentes mobilizações dos ciganos e a elaboração da memória do processo de “morada” mostram o protagonismo deste grupo étnico na construção de um novo regime de memória da cidade, visando ao reconhecimento das especificidades étnicas e culturais da população cigana, à importância de sua presença na história da cidade e à necessidade de elaboração de políticas públicas específicas para a sua inclusão.

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/cadunico/ca>>. Acesso em 24 de abril de 2022, em 18 de fevereiro de 2023 e 13 de março de 2023.

⁶⁸ Instituição particular que salvaguarda o acervo documental da cidade de Penedo.

É desafiador mergulhar mais detidamente em teorias antropológicas, tendo como foco os ciganos e o processo de sua chegada e fixação em Penedo, não como a ideia de fixidez, de imobilidade, mas como a construção de um lugar de “morada” e não de passagem. Percebemos que essa temática ainda não faz parte do *hall* de estudos clássicos científicos em Alagoas, tampouco das instituições acadêmicas no Brasil, universo que, no momento, tem apresentado uma significativa produção científica na área dos estudos antropológicos, entre outros⁶⁹, contudo, de baixa circulação entre os pesquisadores e leitores atentos.

Aspectos que foram salientados pela antropóloga Batista (2013), quando ela problematizou a condição de “invisibilidade social” acerca dos ciganos considerando os âmbitos dos trabalhos literários e científicos:

Porém, se nos voltarmos para o século passado (que não é tão distante assim para muitos de nós) e procurarmos no âmbito das ciências sociais e, mais especificamente, na antropologia, iríamos nos deparar com uma ausência que se torna muito significativa, pois indicava aí uma situação de invisibilidade social e pouca relevância teórica. Ciganos, quando vistos, encontravam-se nos escaninhos da história folclórica, dos contos e narrativas literárias, infantis ou não, e como reminiscências que não encontravam lugar no nosso tempo. Pois eram vistos como ‘estrangeiros’, ‘nômades’ e dados ao não-trabalho (BATISTA, 2013, p. 13).

Também não havia, reiteradamente, amplos debates de forma virtual e presencial, por meio de eventos acadêmicos e sociais. Sem contar que os Movimentos Sociais Organizados (ativismo cigano) que atuam em prol das questões ciganas são muito recentes (em termos internacionais datam da década de 1970 e no Brasil datam da década de 1980⁷⁰), com grandes dificuldades de atuação e articulação, em consequência da situação do não reconhecimento desses grupos étnicos por parte da sociedade mais ampla e das instâncias estatais, além de não constarem na pauta mundial das agendas dos Organismos Internacionais.

Essa situação de invisibilização se percebe ainda mais (ou não se percebe?) se tomarmos em consideração a falta de registro dos ciganos no censo demográfico. Diante de um cenário de forte invisibilização e ausência de dados estatísticos específicos por parte de instituições signatárias desses levantamentos (IBGE, entre outras) que podem se constituir como marcadores da presença dos ciganos no Brasil, consideramos extremamente relevante lançar um olhar mais próximo às histórias de vida e memórias de famílias ciganas residentes em territórios alagoanos, com o intuito de contribuir para a visibilização das famílias Calon de Penedo-AL e suas dinâmicas socioeconômicas e culturais, no sentido do reconhecimento das

⁶⁹ Como: estudos da área de linguística, estudos da área de geografia, estudos da área de comunicação, e outros. Ver Catálogo de Teses e Dissertações CAPES. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

⁷⁰ Conforme o antropólogo Frans Moonen (2013, p. 122-125), data de abril de 1971 o I Congresso Mundial Romani.

especificidades desta comunidade pela sociedade mais ampla penedense e a municipalidade, destacando sua importância para o desenvolvimento da cidade e sua história, chamando a atenção para a necessidade de elaborar, aperfeiçoar e/ou ampliar políticas públicas de inclusão e espaços de sociabilidades. E ainda colaborar com os estudos antropológicos, proporcionando relevante espaço de debates.

Entretanto, é importante acrescentar que se faz necessário compreender os critérios que vigoram no levantamento de dados relacionados ao IBGE, que são relevantes para produzir visibilidades. Segundo Simões (2007):

A dificuldade de definição do número exato de ciganos no País, se deve ao modelo de censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, que possui em sua pesquisa sobre os tipos de população classificados ainda, como raça. Segundo os critérios do IBGE, “o quesito é denominado de” cor ou raça “e não apenas de” cor “ou apenas de” raça “, porque as categorias que englobam podem ser entendidas pelo entrevistado de forma bastante diversa” (INEP, 2005). Dessa forma, a identificação étnica fica submetida à classificação por raça indicada na cor de sua pele a saber: preta, parda, branca ou amarela (SIMÕES, 2007, p. 65-66).

Em 2022, iniciado o novo censo, o que se sabe é que o IBGE ainda não reformulou a sua metodologia de pesquisa para propiciar o devido reconhecimento dos “ciganos” como uma população diferenciada, no sentido de ser considerada em suas especificidades étnicas, para efeito de políticas públicas assertivas. E essa atitude tem provocado reações adversas nas populações ciganas espalhadas pelo Brasil, como uma forma de apresentar a sua indignação.

Avaliando a questão do censo e de reconhecimento, em relação aos ciganos, segundo Ferrari (2010):

No Brasil, os ciganos não são reconhecidos como uma minoria étnica pelo governo; o censo não os inclui como categoria distinta. Em vez de etnicizá-los, produzindo ações específicas – como ocorre em países do Leste Europeu ou na Itália –, o Estado os insere em uma categoria genérica de “Populações tradicionais”, reconhecendo seus direitos de serem “culturalmente diferenciadas”, sem impor-lhes políticas assimilacionistas ou separatistas. A Constituição brasileira não adota a noção de “raça”, mas de “cor” e, portanto, os “ciganos” não são percebidos como “separados” da sociedade nacional, como ocorre alhures. Essa predisposição do Estado deve reverter positivamente para os ciganos brasileiros, os quais, tenho a impressão, têm “condições de vida melhores” daquela a que estão submetidos os ciganos “racializados” do Hemisfério Norte. É o que me dizem alguns Calon: “A vida cigana hoje é muito boa”. Não se trata de mascarar o preconceito e o estereótipo, que evidentemente permanecem ativos da parte dos gadjes⁷¹, mas sim de indicar sua gradação (FERRARI, 2010, p. 305-306).

As reflexões da citada autora contribuem para problematizar, na contemporaneidade, uma discussão que tem sido emergente no Brasil, no sentido de argumentar sobre a importância

⁷¹ Equivalente a denominação juron (não ciganos).

e implicações de mapear e enquadrar, em termos jurídicos, os ciganos como grupos étnicos para efeitos de planejamentos Estatal/institucional, temendo-se que possam acontecer repercussões negativas de cunho opressor e dominador para com as populações ciganas. Isso exige um debate mais aprofundado de todos os envolvidos para amadurecer a questão e abrir espaços para entendimentos.

1.2 Os ciganos no imaginário nacional e local

Pensar os povos ciganos em suas singularidades é buscar entendê-los em suas diversidades e, ao mesmo tempo com características culturais que em algumas circunstâncias os assemelham. Para Goldfarb (2010),

Os ciganos compreendem grupos específicos e distintos do ponto de vista cultural, grupos que se pensam e são pensados como diferentes, embora no imaginário nacional sejam representados através da ausência de raízes e de uma liberdade exacerbada, frutos de representações que os ligam ao nomadismo (GOLDFARB, 2010, p. 165).

Sendo assim, a própria expressão “ciganos”, cunhada pelos não ciganos, já anuncia uma primeira impressão ou imagem que se construiu a respeito desses grupos étnicos que, em meio a tanta diversidade sociocultural, apresentam um leque de categorias étnicas, das quais no Brasil predominam as etnias: Rom⁷², Sinti e Calon⁷³.

Santos (2017, p. 29), quando, em sua dissertação de mestrado, realiza um apanhado sobre cultura cigana na desconstrução de um imaginário coletivo regado pelo pensamento eurocêntrico, afirma que, “Perdura no imaginário coletivo dos não ciganos adjetivos pejorativos a respeito dos ciganos. [...] Muito por conta do pensamento eurocêntrico, desde o século XV”.

Adjetivos que concorrem para estigmatizar os ciganos, como uma marca que não significa, necessariamente, uma característica dada *a priori*, mas que povoam cenários da vida humana, conforme as experiências que temos vivenciado ao longo da existência. Por isso, os ciganos, assim como os “brasileiros”, estão sujeitos a incorrerem em práticas consideradas não prestigiosas, que concorrem para lançá-los à margem de sociedades ditas “civilizadas”. Entretanto, tal fato não deve ser, nunca deveria ter sido e nunca deverá ser, uma conduta conjugada as suas existências enquanto ciganos. Imaginário que também nos fala da ideia de os ciganos não serem afeitos ao trabalho, no momento em que são pensados tendo como

⁷² **Rom** [ró-m] (palavra romani). Que ou quem pertence a um grupo Cigano (ex.: *comunidade rom*; *minoría rom*; *estuda a língua dos rom*). In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/rom> [consultado em 12-10-2021].

⁷³ Segundo o antropólogo Moonen (*Idem*).

referencial a vida sedentarizada que muitos de nós, não ciganos, experienciam e que se desenvolvem em vários âmbitos, assim como o do labor.

Quanto ao trabalho e ao modo de subsistência, o cigano Márcio Alves da Silva⁷⁴, de 38 anos, sergipano, e filho da cigana Jaciguara contou que, antigamente, vendiam bijuterias feitas de pito de mola de caminhão, situação que também afeta outros Calon, como o Sr. Júlio, que é morador de Penedo há mais de 20 anos⁷⁵.

Hoje, são também vendedores de mercadorias, ambulantes, autônomos e constroem casas e as vendem. Já a cigana Jaciguara - mãe de Márcio, de Esmeraldina, de Eliane, de Vick, de Marquiane, de Vitor, de Eriane⁷⁶ e de Filipe -, diz que tem o benefício por que sua filha Eliane⁷⁷ é surda e que faz leitura de mão. Porém, outros ciganos recebem o bolsa família, viajam para São Paulo e trabalham de camelô por lá. A fim de criar os filhos, seu marido, certa ocasião, foi para Maceió onde trabalhou em atividade de pesca, de que ele gostava, e também viajava para São Paulo.

Teixeira (1998, p. 4), discorrendo sobre a maneira como os ciganos são alvos de observação, salienta que: “Ela se detém pouco sobre os ciganos singulares, que assim ficam desprovidos de existência, e mais sobre "o cigano", entidade coletiva e abstrata à qual se atribuem características habituais”. Logo, desmistificar a questão anteriormente explicitada, como não sendo expressão de uma raiz biológica, como defendiam teorias racistas no passado⁷⁸, e, sim, sociocultural e histórica, deve ser um imperativo de todos aqueles que se aliam a defender que “vidas ciganas importam”.

Toyansk (2019, p. 19), reportando-se ao tema da etnicidade, afirma: “Convém ressaltar que diferentemente do conceito de ‘raça’, a etnicidade não é uma categoria biológica, mas um conceito multidimensional que inclui aspectos culturais e sociais de maneira dinâmica”.

Na sustentação desse argumento, o autor apresentou reflexões acerca dos processos de transformações constantes que têm ocorrido com alguns aspectos culturais entre os ciganos, fundamentado nas ideias da antropóloga Carol Silverman (1988), que entende que as transformações em sua cultura não ocorrem por um imperativo da dinâmica social, mas na direção de também ser uma estratégia para a sobrevivência em sociedades mais amplas e afirma

⁷⁴ Casado com a Calin Adalgisa e têm 2 filhos. Pedreiro, negociante e mora em Penedo há 33 anos. (Diário de campo, jan. 2022).

⁷⁵ Tem 66 anos de idade, viúvo da cigana Simone, aposentado, evangélico. Tem filhos e netos (Diário de campo, jul. 2022).

⁷⁶ Eriane Santos da Silva, conhecida por Leninha. Tem 26 anos, é casada e tem uma filha. Mas, em março de 2023 teve um filho. É evangélica.

⁷⁷ Eliane Alves da Silva, tem 34 anos, é solteira e recebe benefício da Lei Orgânica de Assistência Social - LOAS por ser surda e tem como tutora a sua mãe.

⁷⁸ Alguns representantes: Gobineau (1853); Paul Broca (1864); Nina Rodrigues (1938); Sívio Romero (1949).

que se inova em algumas áreas da cultura na esteira de se manter o conservadorismo em outras. E salientou a complexidade do caráter inventivo e criativo das transformações culturais em interação em ambientes não cigano, longe de serem expressões relacionadas com obediência e assimilação.

Por isso, o interessante pensamento de Silverman e a afirmação de Toyansk nos fazem refletir sobre as barreiras culturais que é preciso movimentar para que haja interação entre os diversos grupos que vivem experiências socioculturais em sociedades mais amplas, no sentido de serem mutuamente afetados e continuarem a estabelecer pontos de convergências para seguirem em mútua cooperação. Em vista disso, a importância de que os grupos considerados minoritários se deem a conhecer para explicitar suas cosmologias e costumes, como expressões de sua etnicidade que tem caráter multidimensional, é de grande valia.

Os estudos sobre Ciganos no Brasil iniciaram-se no final do século XIX, conforme afirmou a pesquisadora Miranda (2011). Marco que se deve ao pioneiro etnógrafo Alexandre Mello Moraes Filho, cuja obra foi intitulada “Ciganos no Brasil” (1886). Contudo, foi a obra *Os Ciganos do Brasil*, de José B. D'Oliveira China, Ciganólogo⁷⁹, publicada em 1936, considerada a mais ampla. Sobre isso a pesquisadora afirmou: “[...] a obra *Os Ciganos do Brasil* trouxe contribuições históricas, etnográficas e linguísticas” (p. 22).

A autora declarou que, “Em 1948, João Dornas Filho⁸⁰ publicou o artigo “*Os Ciganos em Minas Gerais*” (*Idem*, p. 23). Em suas reflexões, esses pioneiros nos estudos sobre ciganos no Brasil ou não faziam nenhuma análise social e crítica do contexto de sua pesquisa e se contentavam com um relato histórico, ou reproduziam uma visão das/os ciganas/os negativa e preconceituosa.

Saindo do pioneirismo e adentrando alguns estudos levados a cabo, nos últimos 10 anos, estes destacam a invisibilização dos ciganos como um fator que tem dificultado o reconhecimento social de direitos e deveres; que suas particularidades e singularidades não são consideradas na escola e sobre o abandono a que a sociedade brasileira relegou os ciganos e resultou em uma dívida histórica para com esta população (BAREICHA, 2013; SANTOS, 2017; MEDEIROS; BATISTA, 2019). Esses estudos mostraram como os ciganos têm sido excluídos de tantos outros direitos, como bem afirmou Ferrari (2019):

Quando tratamos de questões de direitos humanos ligadas aos ciganos, e quando se pensa numa agenda positiva para políticas públicas, logo aparecem as dificuldades de moradia, acesso à escola, saneamento básico, cidadania; os ciganos têm sido nesse

⁷⁹ Termo utilizado para designar o estudioso da cultura e história cigana que não tinha formação específica de historiador ou antropólogo. Fonte: Miranda (2011, p. 22).

⁸⁰ Historiador.

sentido invisíveis para o Estado. Esse problema se estende e engloba outras “populações tradicionais” e tem a ver com a dificuldade de se compreender a existência de um outro mundo possível no seio de nosso mundo (FERRARI, 2019, p. 255).

Em consequência de estarmos refletindo sobre o imaginário que foi sendo construído no seio da sociedade nacional e local sobre os ciganos, é importante problematizar as circunstâncias que contribuíram para a conformação de atitudes discriminatórias que, até os nossos dias, têm servido de embasamento para a sua manutenção e propagação, pela sociedade mais ampla, em relação a essa população e a outras minorias.

Dessa maneira, pondo em destaque a historiografia oficial brasileira, Goldfarb (2013) enfatizou que:

As populações consideradas “fardos” eram vistas como sobrecargas, entre as quais estavam os ciganos. Assim, a ciência foi desenvolvendo, em suas ordens de discursos, formas para combater tais “fardos”, por meio da extinção, do remédio, do castigo, da disciplina ou, como no caso dos ciganos, suprimindo-os, isto é tornando-os socialmente invisíveis. A invisibilidade pode ser constatada na construção da historiografia oficial brasileira, o que justifica o desenvolvimento de hierarquias sociais e o preconceito étnico embutido na forma de pensar e representar os brasileiros (GOLDFARB, 2013, p. 53).

Todavia, em oposição a essa condição de invisibilidade, em meados do século XX, com um amplo debate público na Europa entre membros do Povo Rom, a partir de um movimento internacional nos anos 70 (haja vista que se ouve falar de ciganos a partir do século XVI), mediante um congresso em que foram pontuadas algumas demandas dos grupos ciganos, foi erigido um símbolo universal por meio de uma bandeira para a sua representação e instituído um hino e ainda foi eleito o etnônimo Roma/Romani, em substituição ao genérico ‘cigano’.

A partir de então, Roma, foi reconhecida como sua identificação cultural e aparece em relatórios da ONU que elencam as seguintes recomendações:

[...] aos países membros da Europa e das Américas para promoção de políticas públicas de inclusão social da população Romani. A palavra Romani é outra nomenclatura usada como adjetivo, também apresentando variações em sua grafia, com “r” duplicado, rromani, ou com “y”, romany. Designa, ainda, a língua falada pelos Rom, também conhecida como romanês e romanó (CAVALCANTE, 2019, p. 18).

Destaca-se alguma menção ao ativismo cigano que, conforme a citação anterior, tem desenvolvido ações e que, embora não tenham amplas repercussões, de certa forma, mostram o enfrentamento a tamanha invisibilização e, conseqüentemente, à negação de direitos, abrindo paulatinamente espaços diversificados de luta.

Assim, como os povos indígenas, cujas vozes foram conhecidas a partir dos anos 70, e hoje contam com diversas mobilizações, insurgências, retomadas e emergências pelo país, além de políticas públicas afirmativas, os povos ciganos, ou seja, os Roma ou ainda os Rom e subgrupos, os Calon e os Sinti, ainda lutam em busca de reconhecimento por meio de políticas públicas que atendam as demandas dessa população de forma assertiva, num esforço pontual e continuado.

No Brasil, considerado um relevante evento para a comunidade cigana, em agosto de 2015, ocorreu o I Encontro de Ciganos do Nordeste, realizado na cidade de Sousa-PB. As pesquisadoras Medeiros e Batista (2019, p. 96) comentam que, a ausência de um considerável/maior “[...] número de ciganos do Nordeste reflete o cenário de invisibilidade que essas populações estão ante as pautas de políticas municipais e estaduais, como também o camuflamento dos próprios ciganos nos lugares onde habitam”.

Nos dias atuais, em vista de lutas e ativismos, tramita na Câmara dos Deputados Federais o projeto de lei PL 248/2015⁸¹, que após a sua aprovação cria o Estatuto do Cigano⁸². O referido projeto trata de questões relacionadas com a educação, com a cultura, com a saúde e com o acesso à terra, entre outras, que são relevantes para impulsionar tomadas de decisões governamentais significativas na luta por reconhecimento e efetivação de direitos e deveres, além de se constituir um aparato jurídico que possa dar respaldo às reivindicações dessa população.

Para uma melhor compreensão das questões históricas relativas aos ciganos, cujas representações contribuem para estigmatizá-los, é preciso destacar que eles já chegaram ao Brasil com essa denominação, pois vieram na condição de “degredados de Portugal”. De acordo com Goldfarb (2013, p. 45), reportando-se a Pieroni (2000), “[...] o degredo relaciona-se com a mentalidade jurídica, social e religiosa da época colonial, visto que era uma prática que objetivava povoar e desbravar o território [...], bem como punir ‘os infratores do reino’ e limpar a metrópole de ‘gente indesejada’”.

Os ciganos foram exilados da Europa para as Américas e para a África, ainda na fase colonial. Por isso, é importante ressaltar a vertente histórica da questão do nomadismo, devido ao anticiganismo ou a ciganofobia⁸³. Assim, de acordo com Cavalcante (2019, p. 50), “[...] a mobilidade territorial dos Rom no Brasil se fez necessária, primeiro para simplesmente proteger

⁸¹ Foi aprovado no senado em 02/05/2022 e encaminhado para tramitação na câmara dos deputados federais.

⁸² Ver matéria jornalística em: <https://www.camara.leg.br/noticias/890777-proposta-do-senado-cria-o-estatuto-dos-povos-ciganos/>.

⁸³ Repulsa ou preconceito contra os Ciganos. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Ciganofobia>. Acesso em 11/10/2021.

a vida das famílias e, segundo, porque não tinham a quem recorrer para garantir seus direitos à dignidade humana”.

Diante disso, é importante frisar que o termo “cigano”, como verbete de dicionário, discurso e prática dos não ciganos, ainda constitui uma forma pejorativa de se reportar aos membros dessa comunidade. Por motivos de intolerâncias e/ou desconhecimento da história dos povos ciganos, os não ciganos insistem em atitudes que violam direitos humanos dessa população.

Essa conjuntura de vertente racista que, segundo Grada Kilomba (2020) articula preconceitos e relações de poder que se transformam em desigualdades, é sustentada num racismo que se desenvolve cotidianamente por meio de vocabulários, de discursos, de imagens, de gestos, de ações e de olhares que impõem às/aos ciganas/os serem uma “outridade”, ou seja, “[...] a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade [...]” (Kilomba, 2020, p. 78). Essa ideia, trazida pelo pensamento da autora, insere-se perfeitamente na perspectiva de que os ciganos são cotidianamente discriminados, implicando a ausência de políticas públicas efetivas que contemplem suas especificidades no campo da educação formal, no campo da saúde, no campo jurídico, entre outros.

Após essas considerações mais gerais, passamos a descrever e analisar um certo episódio, relacionado aos ciganos, do parco registro jornalístico que encontramos no acervo da biblioteca F. A. Sales, da Fundação Casa do Penedo, pois, segundo Teixeira (1998):

Nos arquivos públicos existem, relativamente, poucos documentos sobre ciganos, que por serem "outros", escapavam aos olhares daqueles que faziam os registros. No entanto, nestes documentos lê-se nas entrelinhas os estereótipos, os preconceitos e as perseguições contra os ciganos (TEXEIRA, 1998, p. 4).

No final do ano de 1972, no periódico *Jornal de Penedo*, destacou-se uma matéria jornalística cujo título era: “Rivalidades entre grupos ciganos causam vítimas e prisões em Penedo” (ver Anexo F). A matéria salientou um conflito entre dois grupos de ciganos denominados de “grupos antagônicos”, em que se narrou o tiroteio e mortes entre os grupos em confronto e que resultou em fugas de alguns e apreensões de outros pela polícia.

Destacamos que situação comparável à anteriormente descrita, por algum tempo, entre famílias não ciganas, alagoanas,⁸⁴ foi peculiar. Os conflitos davam-se geralmente em cidades interioranas, por questões político partidárias atreladas ao objetivo de assumirem o comando de regiões inteiras, em busca de se manter com o domínio do voto da população. Portanto, são

⁸⁴ Ver em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-i-malta.html/>
<https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-6-mendes.html>

situações que aconteciam em outros contextos e não eram exclusivas e afetavam somente a pessoas ciganas.

O colunista apontou a existência de uma “crise intergrupar” e se reportou aos ciganos por meio de adjetivos inapropriados. Explicitou que, por interesses escusos, estavam em “luta fratricida”. Chamando-os de “forasteiros”, apontou que eles já possuíam implicações em “crimes em outras cidades alagoanas”, e afirmou que: “[...] fazem parte de uma legião de quase 40 ciganos que perambulam pelas caatingas e cidades interioranas do Nordeste com o objetivo aparente de provocar desordens e assaltos” (Jornal de Penedo, 17/12/1972).

Na passagem anterior, vê-se que o colunista desconheceu totalmente a característica de itinerância, que se fez peculiar entre os ciganos, chamando-a de “perambulação”, por questões de manutenção de suas vidas devido às perseguições impostas a essa população, muitas vezes pelo poder público, relacionadas a experiências de dominação revestidas pelas expressões de preconceitos e discriminações que lhes foram impostas pela sociedade mais ampla historicamente, e, ao mesmo tempo, inferiu serem aparentes “as más intenções descritas”, confirmando tratar-se de mera suposição em referência ao imaginário social coletivo.

No tocante à itinerância e a perseguições, segundo a pesquisadora Cavalcante (2019), a denominação “ciganos” está repleta de preconceitos e:

Nestas circunstâncias, os ditos “Ciganos” foram forçados a viver na itinerância e passaram a ser identificados como um ‘povo de cultura nômade’, considerados pela opinião pública como ‘grupos errantes’ que ‘desrespeitavam limites territoriais e fronteiras nacionais’ (CAVALCANTE, 2019, p. 18).

Consoante a autora citada, a denominação “ciganos”, quando esmiuçada, é carregada de estereótipos que, muitas vezes, têm sido a imagem da presença dos Povos Ciganos no mundo, impelindo-os a construir historicamente uma tradição de itinerância, em vista de serem alvos, de ações discriminatórias.

Retomando a matéria, o colunista concluiu convocando a Secretaria de Segurança Pública a providenciar a dissolução desses grupos ciganos, a fim de que não se fortalecessem. Essa narrativa pode ter corroborado a reprodução de ações preconceituosas, à medida que solicitou atuação veemente do poder público.

Contudo, o responsável pela matéria aqui exposta não explicitou que os povos ciganos têm, ao longo da história, vivido em grupos no sentido de se fortalecerem como etnias que construíram formas diversificadas de lidar com o cotidiano e de viver em comunidades, visando a proteção das suas vidas e da dignidade humana. No entanto, na publicação desse mesmo periódico da semana seguinte, na coluna jornalística denominada “Comentando...”, o colunista

Wilson Ribeiro publicou uma matéria cujo título faz referência ao confronto entre ciganos noticiado na semana anterior, no referido periódico, com o título: “Ciganos: O ocaso de uma raça” (ver Anexo E).

Ribeiro (1972), no seu escrito, comentou as mortes ocasionadas entre ciganos que “abalaram Penedo” e que por conta da situação ocorrida afirmou que algo está difamando “[...] a tradição de uma raça que muito contribuiu para o estudo do folclore nordestino”. Alegação que reduziu os povos ciganos a uma existência pautada por lendas, folguedos e expressões artísticas. A matéria ainda veiculou a informação de que:

Tudo faz crer, inclusive, que a raça, a miscigenação, a história dos ciganos no Brasil – estimados em cerca de 500 mil – vão entrar em debate sociológicos, psicológicos e humanísticos. Pelo menos é o que deixa transparecer o noticiário da imprensa sulista (JORNAL DE PENEDO, 24/12/1972).

Nessa matéria, o referido colunista se reportou à chegada dos ciganos no Brasil vindos da Península Ibérica na época de Pedro Álvares Cabral, denominando-os de “criminosos”, e registrou a chegada de outros ciganos “deportados” de Portugal, sendo estes “mercadores de cavalos, mulas e escravos”. Alegou que houve maior incidência e influência “desses elementos nômades” no Nordeste, “[...] onde atuam os maiores bandos e aldeamentos, principalmente no Rio São Francisco que eles chamavam de “Chico Baiano” (Jornal de Penedo, 24/12/1972).

Então, salientou aspectos do seu comportamento, outrora, como sendo “pacatos e ariscos”, que foi sendo modificado, principalmente no Nordeste e “[...] passaram a representar um perigo para a sociedade civilizada” (*idem*). E, assegurou que “[...] o destino que sempre lhes reservou um comportamento estranho, porém, inofensivo, alterou-lhes os costumes e métodos, que se tornaram os mais escusos e condenáveis” (*Ibidem*). Desta feita, não mencionou sobre preconceitos e atitudes discriminatórias, em vista dessas populações, culpabilizou o destino, em nome da “civilização”, de ser o agente das mudanças em seu comportamento, que foram apontadas no texto, e denominou seus costumes e cosmologias de “comportamento estranho”, o que demonstrou um certo desconhecimento, em vista de grupos ciganos.

Chamando-os por adjetivos insultuosos, asseverou que, em sua maioria, estão “[...] fazendo jus à designação de “criminosos”, que lhes imputaram os contemporâneos do período quinhentista” (*Ibidem*). E concluiu o comentário se questionando da noção do governo sobre o “desvirtuamento da raça”, a fim de que pudessem providenciar a anulação dos “grupos marginais”.

Essa singular matéria nos apresentou um cenário desfavorável em vista dos grupos ciganos, expondo um entendimento generalista sobre as diversidades desses grupos;

desconhecimento das exclusões de que os ciganos têm sido alvos historicamente, tendo como pano de fundo o fato de eles terem uma forma diferenciada de viver em comunidade, pois trata-se das imagens veiculadas pela sociedade majoritária, ensejando imputar aos ciganos uma má reputação, baseadas em aspectos inconfessáveis que assolam a sociedade mais ampla e que sustentam relações de poder em forma de desigualdades, como nos alertou a pesquisadora Kilomba (2020) em relação às conjunturas sociais de vertente racista.

Assim, como unidades sociais, os ciganos deveriam compor o cenário das sociedades brasileiras com suas particularidades, inerentes às formas que desenvolveram de viverem em comunidades ou grupos, segundo circunstâncias adversas que os impeliram a um deslocamento constante, alçando-os à condição de “nômades” como estratégia de sobrevivência.

Quando refletimos sobre as representações que os não ciganos construíram em referência aos ciganos, entendemos que elas se baseiam, em Penedo, em imagens que foram sendo configuradas em função de relações de poder para garantir que a sociedade majoritária exercesse certa dominação sobre tais populações. Entretanto, os estereótipos negativos não podem estar associados, compulsoriamente, ao fato de serem pessoas ciganas, sem que se reconheça um tratamento hostil e intolerante.

Por isso, quando um número incontável de ciganos e ciganas não se moldam a determinadas condições, não são conhecidos(a) e reconhecidos(a) como pertencentes a uma das etnias, dentre o genérico ‘cigano’. Sendo compelidos, pelos não ciganos, a uma representação de suas existências que os reduzem a um conjunto de estigmas e generalizações. Quando alguns ciganos e ciganas, individualmente, tendem para a marginalidade, essa condição, no universo não cigano, sobrepõe-se de forma patente e passa a ser a representação que a maioria dos não ciganos tem sobre os ciganos.

Corroborando as reflexões feitas anteriormente, entrevistamos o diretor da Fundação Casa do Penedo, antes de ter sido permitido o acesso à hemeroteca do acervo, pois, na ocasião, a funcionária⁸⁵ da Fundação já tinha comunicado a ausência de registros sobre os ciganos de Penedo, no acervo em pauta. Dessa forma, solicitamos uma entrevista com o diretor da referida Casa, no sentido de que fosse esclarecido por ele o motivo dessa ausência, que, em nosso entendimento, a citada entrevista poderia ser uma fonte relevante de informações para a pesquisa em tela.

⁸⁵ I. S. da S.

Durante a entrevista, questionamos como avaliava a ausência de registros, no acervo, da passagem e presença dos ciganos, que estão na cidade, como fora informado. Jean⁸⁶ sinalizou a ausência de pesquisadores, associados à Fundação Casa do Penedo, que quisessem realizar pesquisas para compor o acervo e a Casa do Penedo avançasse um pouco na sua atuação e, ao mesmo tempo, afirmou:

Então, tem o que está na cabeça, o que tá no imaginário das pessoas, das pessoas até da fundação. Você pode conversar o que que é cigano aqui? Vai olhar com um olhar meio de desprezo, talvez e desconhecimento que é a base de tudo. Desconhece, mas, com aquela visão meio que equivocada do que é a vivência dos ciganos, pela própria circunstância da cidade, como eu te falei, né! A cidade vê a população cigana, como uma população marginal, e isso gera um conflito mesmo dentre os que se dizem pessoas, cidadãos mesmo de Penedo, penedenses. E os que chegaram são os agregados ou os estrangeiros, como eles dizem.

[...]Se você que é, [estuda] antropologia social, você talvez consiga identificar o porquê além das minhas palavras. Além das minhas palavras o porquê não, não ter. Por que ninguém nunca se interessou em pesquisar? Por aquilo que eu havia dito antes, pelo imaginário da cidade, de ser pessoas completamente violentas, vivem em guetos, são marginalizadas, desenvolvem pequenos delitos. Isso não sou eu que estou dizendo com exatidão. É o que um homem relativamente jovem que cresceu ouvindo essas coisas em relação aos ciganos, sem nunca ter convivido com nenhum (JEAN, ENTREVISTA, JAN. 2022).⁸⁷

Considerando a questão dos regimes de memória, que este capítulo tem como proposta explicitar, destacamos que Jean apresenta alguns elementos relevantes para análise, pois notabiliza um discurso que enfatiza a falta de conhecimento sobre a vivência da população cigana pelos não ciganos. E na ausência desse conhecimento forjam uma representação sobre os ciganos que emerge de uma visão equívoca, partindo de uma pressuposição negativa sobre os ciganos. Pensamento que, segundo Jean, proporcionou um conflito entre as populações, taxando-os de “agregados” ou “estrangeiros”.

A nosso ver, a Casa do Penedo se ausenta de contar a história e memórias dos ciganos Calon, a partir dos próprios ciganos que vivenciam a cidade de Penedo, em virtude do seu parco acervo relacionado a esta população, quando não incentiva o envolvimento e nem oferece espaços de sociabilidade por meio de projetos literários, tal qual a FliPenedo – Festa Literária de Penedo⁸⁸ e outros, para alguns membros da população cigana em atividades desta monta, a fim de contribuir para conhecimento e reconhecimento das populações ciganas de Penedo, no tocante à sociedade mais ampla da cidade.

⁸⁶ Jean Lenzy é professor de Língua Portuguesa/Literatura em Maceió pelo Estado e também ocupa a função de Diretor da Fundação Casa do Penedo. Tem 36 anos e nasceu em Penedo.

⁸⁷ Entrevista concedida em Maceió.

⁸⁸ Evento literário que teve seu desenvolvimento em abril de 2022 em Penedo.

Como bem argumentou Teixeira (1998), os ciganos, por terem sido ágrafos não possuíam uma história escrita, mas uma história viva, vivida e de tradição oral. E é por meio da memória do vivido e rememorado que eles puderam fazer emergir seu passado de exclusões e itinerância, com algumas nuances no presente, que por muito tempo os laçaram a serem nômades, não “por escolha”, mas pelas circunstâncias adversas na interação com coletividades consideradas majoritárias.

Dessa forma, o pensamento de Halbwachs (1990), considerando a memória coletiva, destaca:

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 1990, p. 53-54).

Argumentação que nos leva a inferir que a memória coletiva tem sua significação em vista de contextos que articulam um conjunto de lembranças individuais que se configuram numa consciência coletiva ressignificada no presente.

Mas, trazendo para este cenário as ideias de Pollak (1989), cujo pensamento anterior se diferencia, o autor sustenta ser adequado, nas situações de rememoração do passado, falar-se de “memória enquadrada”, visto que argumenta sobre o que seja desejável para sociedades (estado/instituições) que querem impor uma dada memória para efeito de dominação de grupos específicos ou coletividades, pois que há o inconfessável para quem deseja assegurar uma coesão nacional e defesa do seu território, que se apresenta como “memória subterrânea”, para a qual é feito um trabalho de enquadramento de memória, no sentido de contar do seu passado com “quadros de referências” que favoreçam a almejada concordância nacional/local, conforme as circunstâncias. Assim:

Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência. É portanto absolutamente adequado falar, como faz Henry Rousso, em memória enquadrada, um termo mais específico do que memória coletiva. Quem diz "enquadrada" diz "trabalho de enquadramento". Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente. Esse trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação (POLLAK, 1989, p. 7).

Por isso, Pollak (1989), quando discorre e argumenta sobre traumas devido a funestas representações e repressões, destaca que:

[...] os criminosos, as prostitutas, os "associais", os vagabundos, os ciganos e os homossexuais - tenham sido conscienciosamente evitadas na maioria das "memórias

enquadradas" e não tenham praticamente tido voz na historiografia. Pelo fato de a repressão de que são objeto ser aceita há muito tempo, a história oficial evitou também durante muito tempo submeter a intensificação assassina de sua repressão sob o nazismo a uma análise científica" (POLLAK, 1989, p. 10-11).

Vê-se que ao se referir aos ciganos de Penedo, a memória que é enquadrada os deixa à margem, pois nos parece que o que se quer lembrar e tornar emblema da cidade são as paisagens naturais e arquitetônicas; os monumentos artísticos; os personagens considerados "ilustres" e farto de uma "inteligência admirável". Dessa forma, relegam as vidas ciganas ao ostracismo, uma vez que os excluem de importantes eventos culturais, exilando-os em uma parte da cidade, que se contrapõe à parte tombada, visto que representa espaço e território que foram se delineando como emergente e se desassociou da imponente marca colonial considerada de "bom gosto".

O vereador e professor de história Penedense Josué Marques da Silva, que, ainda criança, viu os ciganos chegarem a Penedo, contou de sua admiração pelos ciganos, ressaltando a tenacidade que os caracterizariam. Quando o entrevistamos e lhes perguntamos sobre a contribuição dos ciganos para a cidade, expressou:

[...] os ciganos nas suas lutas, crescendo nos patamares da vida, galgando degraus como eles galgaram até o dia de hoje, isso serviu de exemplo para muita gente, principalmente no campo de construir. Tem muita gente que tem mais possibilidades até mais cultura, já teve e tem, que não consegue realizar o que eles realizam. Então, eles são uma fonte de inspiração para quem quiser entender o que é uma luta, como evoluir, ganhar batalhas, ganhar guerras e está fixo na vida com suas famílias. Há ciganos que construíram suas casas aqui e depois ajudaram os filhos a construir, os filhos já ajudaram aos filhos, e todos constroem, impressionante! E hoje já têm até seus próprios templos espirituais, sabia? Tem rua de cigano aqui, que tem igrejas feitas por eles, inclusive, muitos já se converteram ao cristianismo, e isso não existia, e tem, pelo menos aqui, umas três igrejas em Penedo, de ciganos! E você vai assistir a um culto é um culto igual a qualquer outra igreja cristã. Se for da assembleia, é semelhante! O adventista, é semelhante! Se for católico, semelhante aos cultos! Ou seja, eles estão num patamar de igualdade, e isso eu admiro e lhe digo que valeu a pena e vale a pena tê-los aqui em nossa sociedade. Quiçá aconteça isso no mundo inteiro. Até porque os ciganos do Brasil, da América Latina não são aqueles ciganos originais, lá do Oriente, da Europa, né? Que eram vendedores de roupas finas, eles eram ciganos porque não paravam, eram nômades, como os daqui do Brasil também, a princípio, eram nômades e alguns ainda são, tem esse espírito, tem isso no sangue. Então, os ciganos originais receberam esse nome lá do oriente, eles eram grandes vendedores, em lombos de animais, de tecidos finos, de perfumes, de ouro, de prata, de peças de artesanato, que só eles sabiam fazer. Era uma marca que eles tinham. E eram ricos! Os ciganos aqui no Brasil e em Penedo também têm esse espírito de rico. De uma maneira ou de outra eles querem conquistar, fazer, trabalhar. Eles gostam de se assemelharem aos seus ancestrais, como eles dizem, lá dá origem europeia e de pedaços do Saara, lá no Oriente ainda, até parte da África. Talvez esse espírito, essa memória que eles têm faz com que eles lutem aqui e construam. É por isso que esta história toda que estamos contando é forte e deve ser vivida com um sentimento assim de paz e, acima de tudo de irmandade, de harmonia, que é o que o mundo precisa. Então, os ciganos dentro de Penedo, de certa forma, geraram sim uma perspectiva para os que estão do lado de fora de como viver, lutar, construir etc. e tal. Isso pra

mim valeu muito! Eu fui e sou um admirador deles (JOSUÉ MARQUES DA SILVA, ENTREVISTA, DEZ., 2021)⁸⁹.

Em vista da indagação respondida, percebemos aqui a expressão de um regime de memória que diz da capacidade de transformação que os ciganos de Penedo têm, considerando o sentido instaurado pelo vereador, que se apresenta em forma de admiração pelos ciganos terem conquistado, “galgando degraus”, um “patamar de igualdade”, dando exemplo de “como evoluir”, mesmo não sendo “aqueles ciganos originais” que eram “nômades” por terem “isso no sangue”. Concluiu a sua narração em busca da coesão, quando afirmou: “[...] É por isso que esta história toda que estamos contando é forte e deve ser vivida com um sentimento assim de paz e, acima de tudo de irmandade, de harmonia, que é o que o mundo precisa”.

Nos entremeios de sua narrativa, o vereador engrandece a luta dos ciganos que, embora estivessem em “um mundo à parte”, conseguiram se “equiparar aos não ciganos”. E esse é o motivo pelo qual, na sua visão, “são inspiradores”. Ideias que nos remetem, historicamente, às teorias científicas evolucionistas (considera que as sociedades passam por estágios e num mesmo tempo podem coabitar sociedades primitivas e modernas, indo as mesmas da selvageria à civilização), que se fizeram presentes no século XIX.

Uma das ideias que se fez patente no desenvolvimento científico do Brasil e esteve atrelada à propagação de estereótipos referentes a grupos minoritários, entre eles os ciganos, com um lastro em teorias científicas como o Darwinismo Social, foi a tentativa de explicar a diversidade humana apregoando a perspectiva de que a biologia seria a régua para determinar as diversas características dos indivíduos classificados em diferentes raças humanas. Segundo Goldfarb (2013, p. 49), “Essas teorias – que viam a humanidade como formada por diferentes raças, distribuídas de acordo com graus evolutivos, separados por capacidades físicas e morais distintas – influenciaram teorias sobre o Brasil e os brasileiros [...]”. E, por sua vez, podemos problematizar que tais teorias são referências para que alguns colaboradores da pesquisa comunguem do entendimento sobre as vivências e as transformações socioculturais das comunidades ciganas, baseados nos pressupostos de tais proposições, que vigoram no imaginário coletivo.

Portanto, é dentro de quadros específicos de significação, de memórias enquadradas e de regimes de memória que os ciganos de Penedo têm suas existências referenciadas. Para dizer de suas capacidades de se “adaptarem ao mundo juron”.

⁸⁹ Entrevista concedida em Penedo.

Todavia, os Calon que conhecemos em Penedo vivem num território e se organizam socialmente erigindo fronteiras na relação com a sociedade mais ampla, mantendo-se em comunicação com os não ciganos, uma vez que, paulatinamente, conseguiram transformar positivamente suas vivências na cidade. Devido a sua tenacidade como grupo em comunidade fizeram-se presentes na cidade de Penedo, contribuindo para sua ampliação, como espaço habitado e espaço simbólico de vidas e famílias inteiras em processo.

1.2.1 Embates e conflitos: a busca pela cidadania

Outros aspectos que emergiram foram os embates e os conflitos, às vezes explícitos e muitas vezes velados, que repercutem nas relações em processo, caracterizando memórias de preconceitos e reverberando em atitudes de discriminações, visto que os Calon e as Calin estão em constante movimento, no sentido de busca pela cidadania. Em circulação não somente para o sustento, mas também para a vivência cidadina.

Em conversa, o Sr. Júlio, conta das ações persecutórias que os ciganos sofriam, por parte de policiais, devido a preconceitos. Situação que é mencionada também pelo Calon Márcio quando informou que eram incomodados pela polícia constantemente. E a Calin Simone costumava destacar que os ciganos, para algumas pessoas, não tinham nenhum valor. No momento atual, Jaciguara relata a desconfiança de algumas pessoas, com as quais ela tem contato quando está fazendo leitura de mão, de que ela não seja cigana devido ao fato de não possuir “cabelos lisos”, como as outras ciganas que a acompanham no desenvolvimento dessa atividade, trazendo à tona, mais uma vez, imagens padronizadas pelo imaginário social.

No que diz respeito à educação escolar, Esmeraldina afirmou que não quis estar na escola com medo de sofrer bullying, devido às mães não ciganas não aceitarem a presença dos ciganos nesse recinto. Entretanto, hoje em dia, seu filho mais velho⁹⁰ que frequenta a escola, recebe elogios de pessoas que põem em destaque o fato dele não parecer um cigano, e ter um comportamento “sossegado” e ser considerado um estudante “exemplar”.

Assim, na cidade em que moram, embora permaneçam em circulação, em itinerância, hoje vão em busca de usufruir do aparato da escola, como de vivenciar outros espaços. Entretanto, as experiências de discriminações aparecem reveladoras da ciganofobia que assola as atitudes da sociedade mais ampla da cidade de Penedo. Conforme podemos perceber, não

⁹⁰ W. A. da S. Tem 17 anos e faz a 1ª série do ensino médio.

somente na contemporaneidade, mas também no passado, segundo expressou Esmeraldina: “Naquele tempo, o povo tinha muito preconceito com a gente na escola”⁹¹.

Essas situações caracterizam as representações estereotipadas que a população não cigana elaborou sobre os ciganos ou outros grupos étnicos e constantemente povoam o imaginário coletivo. E que, em muitas ocasiões, vivenciam discriminações veladas⁹², que simulam elogios que se constituem em violência simbólica, no sentido de que as marcas nos corpos são imperceptíveis, mas que dizem respeito a atingir a sua autoestima, como reforço de dominação da sociedade mais ampla em relação ao grupo étnico em estudo. Segundo Bourdieu (1989, p. 11), citando a expressão de Weber, servem à “domesticação dos dominados”.

Para melhor compreensão sobre violência simbólica⁹³, segundo o pensamento de Bourdieu, que aqui se apoia em alusão expressa de Weber, destaca-se que as formas de comunicação e interação que se desenvolvem na sociedade dominante, como sendo a que trará coesão entre os seus membros, como a “cultura exemplar”, é imposta a grupos considerados minoritários para perpetuar uma subjugação, no sentido de que se entendam como subcultura, e funcionam politicamente para impor e legitimar a dominação de uma classe sobre a outra, e que se configura como violência simbólica.

1.2.2 Interações e convivência com os não ciganos

Nesse tópico as falas e as vivências expostas indicam, de alguma maneira, as interações entre ciganos e não ciganos em processo e destacam formas diversificadas de aproximação, cooperação e a constituição de laços familiares bem como as atitudes não amistosas em referência à comunidade Calon.

Em conversa com alguns ciganos, procuramos saber como se davam as interações junto aos não ciganos. O Sr. Júlio, Simone e Nailza⁹⁴ disseram viver bem com os não ciganos. O casal Simone e Sr. Júlio informou ter um filho casado com uma “brasileira”. E Esmeraldina salientou sobre o respeito que as pessoas têm para com os ciganos de Penedo, o que foi demonstrado

⁹¹ Entrevista concedida em Penedo, dez./2021.

⁹²**Exemplo 1:** “Olha o que ela disse [se referindo a diretora da escola]: É um cigano. Oi é um cigano aí! Mas, repare, filho da cigana Esmeraldina, e ninguém ver esse menino encenar com ninguém, maltratar ninguém, xingar ninguém”. **Exemplo 2:** “Não discriminou não. Agora, às vezes na praia, perguntam: por que cigana tem o cabelo muito liso e o seu é assim? Você é filha de cigana mesmo? Muitas pessoas na praia já me perguntaram. Agora não com brutalidade, com amor, sabe”?

⁹³ Para ampliar o tema ver também em: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

⁹⁴ Nailza Ramos dos Santos é cigana e tem aproximadamente 37 anos de idade. Nasceu em Maceió. Foi casada, tem uma filha de 13 anos e mora na casa dos seus pais: Júlio Carlos dos Santos e Simone Ramos dos Santos. Não é evangélica e faz parte da primeira família que conhecemos na Vila Matias.

quando contou que as agentes de saúde visitam a comunidade cigana, atendem a ela com todo cuidado, e ressaltou que hoje em dia está muito bom morar em Penedo. Jaciguara, por sua vez, falou que onde eles moram, sentem-se penedenses e que os não ciganos os têm como pessoas de bem, à medida que foram ganhando confiança com os “brasileiros”.

Vê-se uma ruptura com um regime de memória que nega a presença da população Calon na cidade, quando a Esmeraldina atribuiu ser bom morar em Penedo pelo fato de, na atualidade, existir respeito à presença dos Calon. Dessa forma, salientamos que Pollak (1989), ao se referir ao enquadramento da memória, afirma:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 8).

Tomando como base a citação anterior, podemos assinalar que as situações descritas anteriormente exprimem experiências em que há, também, um enquadramento da memória, à medida que o passado é ressignificado no sentido de transformar as relações sociais entre a comunidade Calon e os não ciganos por meio das posturas de resistência individual e grupal, na medida em que os Calon mantêm um território comum e se lançam em buscar se inserir, tal qual um “penedense”, nos aparatos de estado, como poder constituído, usufruindo da atenção básica à saúde, da educação básica e dos direitos previdenciários e emergenciais, que corroboram a confiança que vem se estabelecendo junto aos não ciganos.

Segundo Jean Lenzy, há uma certa surpresa ao saber sobre os ciganos inseridos em contextos citadinos, como o fato de frequentarem a escola e explicitou:

É., saber que eles estão inseridos, por exemplo, na escola é uma coisa importante. Isso mostra que a cidade que verifica a diferença deles em relação aos outros habitantes, as pessoas penedenses, os penedenses mesmos, que diz que eles não são nativos, que são, aquele imaginário que eu acabei de falar, eles veem que isso não se sustenta, hoje, tanto quanto foi no passado. Porque eu acho que era impensável um menino filho de um cigano ir no mesmo colégio, por mais público que fosse, aberto, acessível. Não, por não querer, talvez, pela preocupação dos pais em colocá-los na escola. Também pela preocupação de saber como seria recebido, esse aluno, esse garoto na escola. Como seria o convívio dele na escola, tendo em vista os preconceitos clássicos da cidade de Penedo, [...] que vive respirando uma pompa do passado, que de certa forma é valioso, veja que estou falando isso como Casa do Penedo, que trabalha com o passado, faz um corte aí, e vê que a questão não é somente você reverenciar o passado, é ver o hoje, o atual. Sem esquecer, sem negar o passado, você constrói, mapeia o presente e constrói o futuro. Mas, não é uma questão, por exemplo, da Casa do Penedo, ou de gente que tem o conhecimento acadêmico, que vê isso com uma certa naturalidade. É uma questão da cidade mesmo, não é? Todo mundo meio que no seu quadrado e a mistura não é permitida. Então, quando você me pergunta sobre a

inserção dele na sociedade, isso pra mim é uma novidade saber, hoje, que estão tendo acesso [...] (JEAN, ENTREVISTA, JAN. 2022)⁹⁵.

Na passagem, o discurso do Jean também referenciou um enquadramento da memória, no sentido de que trouxe para a reflexão aspectos relacionados a pontos específicos do convívio entre ciganos e não ciganos, quando ele elencou uma série de dificuldades vinculadas a um imaginário sustentado por muito tempo, pela sociedade mais ampla de Penedo, que ele denominou de “preconceitos clássicos” que se revestem numa reverência a uma “pompa do passado”, conforme sua afirmação. Contudo, Lenzy deslocou da construção do imaginário coletivo sobre os ciganos de Penedo, que se apresenta com traços pejorativos, a própria influência da instância Casa do Penedo e de ações acadêmicas [ou ausência delas] em relação à comunidade cigana, numa aparente demonstração de desconforto ou indiferença da presença dos Calon na referida cidade.

Em conversa com alguns moradores da cidade não ciganos, como um funcionário público⁹⁶, ele explicou: “Hoje os ciganos de Penedo são calmos em relação aos de antigamente que tinham sangue no olho. Eles vinham de Sergipe e acampavam na beira do rio”. Outra interlocutora, também funcionária pública⁹⁷, disse que, quando participou de um projeto⁹⁸, em Penedo, para regularização de residências para moradores de baixa renda, entre essas pessoas havia ciganos, pois “os nomes deles são diferentes dos nossos, são bíblicos e evangélicos”. Aqui, as recordações emergiram trazendo uma configuração que exotizou a vivência dos ciganos e a representou em meio à dicotomia que exalta um passado de disputa e um presente transformado dentro do universo religioso.

Outro morador⁹⁹ expressou que os ciganos “fabricam alianças de pito de câmara de ar, vendem em São Paulo e trazem de lá para vender em Penedo eletroeletrônicos”. Então, comentou que conhece um rapaz cigano, que foi seu aluno, mora espacialmente mais afastado da Vila Matias, salientando o fato de que, mesmo estando longe da comunidade, há muita proximidade entre os ciganos. Já um outro interlocutor¹⁰⁰ contou que “os ciganos vivem de enrolar. Hoje eles possuem várias aposentadorias”. Outro¹⁰¹ completou que antigamente “os ciganos eram comerciantes”, pois, desde de 1992 é morador da Vila Matias e que eles não

⁹⁵ Entrevista concedida em Maceió, jan./2022.

⁹⁶ Funcionário da Secretaria Municipal de Cultura, Lazer e Juventude – SEMCLEJ de Penedo/AL. Tem aproximadamente 35 anos.

⁹⁷ Presta serviço na Fundação Casa do Penedo. Tem aproximadamente 45 anos.

⁹⁸ Programa da Procuradoria Geral do Estado denominado: “Moradia Legal”. Ver reportagem em: <https://penedo.al.gov.br/2019/09/09/programa-moradia-legal-iii-vai-regularizar-2-mil-imoveis-em-penedo/>.

⁹⁹ Professor de história. Tem aproximadamente 60 anos.

¹⁰⁰ Funcionário público. Tem aproximadamente 40 anos.

¹⁰¹ Comerciante. Tem aproximadamente 55 anos.

moram muito tempo na mesma casa e, por isso, estão espalhados em Penedo. Asseverou que muitos “são aposentados”, fazem vários cartões e alguns estão ficando “milionários”.

Uma interlocutora¹⁰², relatou que, por volta da idade de 12 anos, mais ou menos na década de 90, seu pai conversava com uma liderança cigana chamada Ribamar, que ia a sua casa e, na ocasião, morava na Vila Matias em barraca. Lembrou que os ciganos viajavam para São Paulo, vendiam ouro e liam mãos para viver. Também contou de uma cigana chamada Dona Sabida, que curava, fazia remédios e recomendava oração. Ainda recordou que a avó do Willamis somente saiu da barraca quando faleceu.

As expressões e experiências anteriores salientam um pensar os ciganos num misto de admiração e repulsa, visto que apresentaram algumas circunstâncias em que os exaltavam, apontando fortalezas e, muitas vezes, imputando-lhes fraquezas. Expuseram regimes de memória em que apareceram lembranças muito específicas de momentos cruciais enquadrados, num contexto de aproximação com os cidadãos, de reconfiguração de suas vidas e da busca da sobrevivência e aceitação.

¹⁰² Funcionária pública. Tem 42 anos.

2 O PROCESSO DE “MORADA”: RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS DE CIRCULAÇÃO E FIXAÇÃO EM PENEDO

Este capítulo se ocupa de contextualizar e analisar algumas das vivências e memórias dos Calon, com base em suas narrativas, no desenvolvimento de um processo de “morada” na cidade de Penedo, com o objetivo de realizar reflexões acerca das motivações que os impeliram a construir dinâmica territorial na manutenção de estratégias de parada, ocupação, andança/circulação, sobrevivência e espaços de sociabilidades, em contraste com as experiências da sociedade mais ampla.

Consideramos pertinente trazer para este contexto ciganos e não ciganos. Isso concorreu para delinear, durante o trabalho de campo, a chegada dos ciganos na cidade de Penedo, conforme relato de colaboradores desta pesquisa, na perspectiva de confrontar algumas visões que contribuíram para o entendimento desse processo.

Convém salientarmos algumas configurações sociais, realçadas pela pesquisa, nesse processo de construção de espaço de morada que se foi transmutando em território Calon pelo seu protagonismo, num contexto de relações de poder assimétricas lastreada no imaginário social dos cidadãos não ciganos que notabiliza um passado considerado “glorioso”, “colonizador e aristocrático”, e que tem seus emblemas em seu patrimônio histórico, arquitetônico e paisagístico com referências a “penedenses notáveis” pela sua “intelectualidade erudita”.

Esse panorama do imaginário coletivo calcado em circunstâncias históricas que considerou a cidade como “polo de irradiação cultural” no passado e hoje, em vista disso, “polo turístico”, invisibiliza a passagem, chegada e existência de moradores e cidadãos penedenses pertencentes à etnia Calon que vivem em comunidade na parte alta da cidade¹⁰³. As imagens a seguir trazem a visão panorâmica dessa localidade (ver Figuras 8, 9 e 10).

¹⁰³ Vivem no bairro de Vila Matias, entre outros, com aproximadamente 518 famílias, e parte destas, 307 famílias, tem registro no Cadastro Único por Grupos Populacionais Tradicionais Específicos. Disponível em: <<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ri/relatorios/cidadania/?localizaDivisao=Nordeste&codigo=270670#>>>. Acesso em: março de 2023.

Figura 8: Still frame (0':15'') - Aspecto da parte alta da cidade.



Fonte: Youtube (Disponível em: <<https://youtu.be/qFtQNfphX5c>> Acesso em: 12 de abril de 2023).

Figura 9: Still frame (4':04'') - Parte alta da cidade com vista parcial da Vila Matias à direita.



Fonte: Youtube (Disponível em: <<https://youtu.be/qFtQNfphX5c>>. Acesso em: 12 de abril de 2023).

Figura 10: Still frame (6':19'') - Parte alta da cidade/Trevo Bom Jesus dos Navegantes - visão da Rodovia Eng.º Joaquim Gonçalves.



Fonte: Youtube (Disponível em: <<https://youtu.be/qFtQNfphX5c>>. Acesso em: 12 de abril de 2023).

Diante do referido contexto, aqui sumariado, é possível trazer para as análises e reflexões a importante referência teórica de Elias e Scotson (2000), que desenvolveram, em termos de configurações sociais, ideias sobre os estabelecidos e *outsiders* na intenção de, por meio desse viés, buscar a compreensão das relações em processo.

No exemplo de estudo dos autores mencionados, as diferenças estão condicionadas, em grande escala, num grupo de moradores antigos e em outro de recém-chegados, sem envolver especificidades étnicas. Contudo, é possível estabelecer conexões em vista das relações de poder assimétricas que foram configuradas devido às construções de estereótipos que marginalizavam e excluíaam o grupo considerado estrangeiro, de fora, *outsiders*.

2.1 Interação e território - “Era só essa turma toda aqui. Aí foi chegando cigano”

Quando da chegada dos Calon em Penedo por volta dos anos 60/70, segundo relatou os colaboradores da pesquisa, a referida cidade já se constituía lugar de passagem para os Calon em suas “andanças” e trajetórias. Havia conflitos entre os grupos que se apresentavam em “comitivas”, muitas vezes salientando posturas diferenciadas do costumeiro, que foram pontuadas como motivos de cisão pelos não ciganos.

No relato de Ednilson, sobressaiu o fato de que os ciganos possuíam regras, que afetavam as atuações das pessoas pertencentes aos grupos, e, ao passo que estas eram “quebradas”, evidenciavam-se tensões, culminando em conflitos entre os ciganos, por estes demonstrarem mudanças em algumas posturas que eram referendadas como habituais e acabavam por abalar o cotidiano das famílias e levavam à descontinuidade de “tradição”, como o colaborador da pesquisa explicou e deu como exemplo a mudança que foi se processando na maneira de os ciganos conformarem os seus casamentos.

Segundo Barth (2000), a descontinuidade concorre para que as diferenciações culturais, que evidenciam uma unidade étnica, comprometam a sua organização. De modo que o conflito, dentro do grupo, instala-se como uma forma de controle, na perspectiva da não afetação da identidade grupal e da manutenção da fronteira étnica, visto que primam por fortalecer a pertença grupal como estratégia de oposição às injunções da sociedade mais ampla.

Pudemos observar também, na versão de Ednilson, que havia conflitos não somente por relegarem alguns costumes, mas por alguns evidenciarem práticas tidas como “coisas erradas”, que ele supôs terem sido o motivo da expulsão de alguns ciganos de Sergipe, dos povoados Betume e Serrão. Dessa forma, com as doações de terrenos, pelo então prefeito Tancredo Pereira, os ciganos chegaram para morar em Penedo. Para Ednilson, tal situação ocorreu paralela ao mandato de Tancredo Pereira, que se deu nos anos 80.

Entretanto, sobre a chegada dos ciganos, apareceram outras versões. A versão de Willamis aponta, como marco da chegada dos seus parentes a Penedo, o fato de que pararam de “andar de animal” e armaram suas barracas na cidade por volta do final da década de 1960 e início dos anos de 1970. Posteriormente à doação de terrenos, desenvolveu-se uma nova forma de prover a vida, que foi negociando com casas erguidas pelos ciganos.

O Sr. Josué, atualmente vereador da cidade, apresentou uma cronologia que coincide com a versão de Willamis e destacou outros elementos que contribuíram para caracterizar as circunstâncias dessa chegada, que ocorreu quando ele ainda era criança. Na sua visão, foi traumática para os cidadãos penedenses e teve seu marco no final dos anos 60, adentrando aos anos 70, ocasião em que os ciganos se espalharam pela parte alta de Penedo. Pelos anos de 1982, assumiu a prefeitura o Sr. Tancredo Pereira, período em que os ciganos, apoiados pelo prefeito, foram se organizando em comunidade, na parte alta da cidade, pouco frequentada pelos não ciganos. Ruas foram abertas e terrenos loteados, que os ciganos compravam, invadiam ou recebiam por doação do prefeito. No dito do vereador Josué:

[...] Tancredo Pereira adotou a causa dos ciganos em se fixarem em Penedo. [...] Então, um pedaço aqui da Vila Matias e outro pedaço grande lá no chamado matadouro, bairro Santa Cecília¹⁰⁴, noutros pontos, aleatoriamente, foram espaços doados para os ciganos. [...] Eram os excluídos daquele tempo, bem mais que outros grupos, pode ter certeza disso (JOSUÉ MARQUES DA SILVA, ENTREVISTA, DEZ., 2021).¹⁰⁵

O Sr. Josué levantou aspectos interessantes, deixando transparecer nas entrelinhas a criação de um espaço na parte alta da cidade, que foi aberto, na época, para vendas de lotes, para quem quisesse adquirir. Nesse mesmo espaço, foram comprados, pela municipalidade, já que o terreno era particular, lotes para serem doados aos ciganos, como em outros trechos da parte alta.

Segundo as lembranças do Sr. Josué, chegaram a Penedo “três gerações” e “três alas” de ciganos. Dentre essas, duas eram “mais fortes”, e, quando os seus interesses não eram comuns, instalavam-se tensões e conflitos, que os levavam a frequentar as delegacias de polícia por motivo de divergências que ele denominou como “intrigas de fixação”. Cita, também, a questão de casamentos interétnico¹⁰⁶ e interesses contrários como motivos de confrontações, na época.

¹⁰⁴ Nas imediações do Trevo Bom Jesus dos Navegantes.

¹⁰⁵ Entrevista concedida em Penedo.

¹⁰⁶ Entre pessoas de cultura diferente.

O Diretor da Fundação Casa do Penedo, Jean Lenzy¹⁰⁷, em entrevista relatou que não sabe precisar em que momento os ciganos chegaram a Penedo, mas argumentou que o cenário da chegada dos Calon a Penedo foi sendo desenhado com fortes pinceladas da lembrança de uma “invasão e ocupação”, entretanto, essa memória é disputada numa arquitetura que apresenta elementos contrapostos, a partir da configuração de uma invasão que foi atribuída, pelos Calon, também aos “brasileiros”. Algo que a narrativa do Jean Lenzy não apresentou.

Problematizando essa questão, é pertinente ressaltar que Viqueira (2016), considerou como motivação para as configurações de algumas atitudes, a forma como determinados grupos ou sujeitos são pensados pela sociedade mais ampla, o que resulta em crise, fator que ele destacou como um ponto crucial no delineamento de representações sobre determinados fenômenos vividos.

[...] lo imaginado permite comprender mucho mejor las acciones humanas que la "realidad objetiva", aunque ciertamente en algunos momentos los hechos concretos pueden terminar por imponerse y poner en crisis las representaciones inadecuadas de los fenómenos históricos vividos (VIQUEIRA, 2016, p. 17).

Segundo a perspectiva de Elias e Scotson (2000), relacionadas às configurações sociais do tipo estabelecidos-*outsiders* é com lastro no imaginado sobre o grupo minoritário que as conformações sociais se forjam. O que se pode aludir a uma relação de dominação que deixam excluídas populações consideradas “indesejáveis” do prestígio concedido à sociedade mais ampla como “estabelecidos”, vigorando aos considerados grupos minoritários, “*outsiders*”, um reconhecimento no sentido de os apresentarem como pessoas destituídas de “valores superiores”. Entretanto, conforme os autores, é relevante considerar o grau de coesão que se dá internamente aos grupos e o controle social destes, que podem ser responsáveis pela gradação das correlações de forças entre o grupo minoritário e o grupo majoritário, abrindo-se espaço para agências mais específicas de membros do grupo considerado minoritário, que os levem a estabelecer outras formas de relações no sentido da simetria (Elias; Scotson, 2000).

Sendo assim, considerando a questão do espaço ocupado pelos Calon, configurando um território, quando conversamos com Alfredo Pereira¹⁰⁸, filho do ex-prefeito de Penedo, ele destacou que houve “invasão” de uma propriedade rural por “ciganos e não ciganos” na parte alta da cidade, que hoje corresponde ao bairro da Vila Matias, alguns “adquiriram lotes” e

¹⁰⁷ Professor de literatura e Língua Portuguesa Penedense de 37 anos, não cigano, diretor da Fundação Casa do Penedo.

¹⁰⁸ Filho do ex-prefeito Tancredo Pereira (cujo mandato foi na década de 1980). Alfredo Pereira tem aproximadamente 50 anos. Em conversa com ele no dia 29/04/2022 em Penedo, ele fez esse relato. Seu pai é apontado (por alguns moradores da cidade com quem conversamos) como personagem que acolheu os Calon em Penedo.

outros receberam “lotes de doação individual da prefeitura”, e afirmou que esta documentação está no cartório da cidade¹⁰⁹. Alfredo Pereira ainda considerou que seu pai tratava igual a qualquer cidadão penedense, e os terrenos que ele doou eram para qualquer cidadão que precisasse e não foram apenas direcionados para os ciganos, aspecto que foi contraposto por outras narrativas já apresentadas.

No preâmbulo da entrevista com Esmeraldina, ela salientou não ter a precisão do tempo da chegada, mas esboçou a noção da passagem de muito tempo, visto que seus avós ainda viviam na época e faleceram morando em Penedo. Esmeraldina traz a referência de um tempo distante marcado pelo falecimento dos avós, vertendo da sua memória a lembrança da ancestralidade. Contudo, Jaciguara recorda-se de que chegou “andando de animal” por volta de 1988/89, e relatou: “Nós andávamos no animal, né! Aí é da idade da Vick¹¹⁰, que nós chegamos aqui em Penedo. 33 anos”¹¹¹. Esmeraldina destacou, ainda, as circunstâncias de chegada e esboçou ter sido a sua família a primeira a ter a cidade de Penedo como uma localidade para a permanência e servir de chamariz para a vinda de outros familiares ciganos.

Jaciguara lembrou que, quando andava de animal e fazia pouso em Penedo, já havia alguns ciganos morando em casas como o “Rubem”, seu compadre “Duda”, o “chefe Itamar” e um cigano que se chamava “Joel”. Eles teriam sido os pioneiros em permanecer em Penedo. E, segundo ela, já estimulava, junto aos seus familiares a “morada” em Penedo, no sentido de buscarem a tranquilidade e o sossego.

Para Willamis, a memória de chegada se consubstanciou em eventos como “armar barraca” e “parar de andar de animal”, destacando a maneira de uma vida de itinerância. Já para Esmeraldina, essa memória se manifesta em um evento e pessoas afetivas - “nossos avós já morreram aqui”. Pollak (1992), quando comenta sobre os elementos constitutivos da memória, destaca três, sendo um deles, “os acontecimentos” (individual ou coletivo); um segundo, “as personagens” e o terceiro, “os lugares”. Nessas narrativas, os três elementos citados confluem, estão postos e configuram as memórias ressignificadas em lembranças pelo Calon e pela Calin referidos.

Contaram de um tempo distante que ficou para trás, que não faz mais parte do ser Calon/Calin no agora: “[...] pararam de andar de animal [...]” e, dos fluxos de ciganos que foram

¹⁰⁹ Tentamos acessar esses documentos, mas não obtivemos sucesso.

¹¹⁰ Filha da Jaciguara. Vick Alves da Silva tem 33 anos de idade, nasceu em Penedo, é casada, tem um casal de filhos, estudante da EJA do ensino fundamental e evangélica.

¹¹¹ Entrevista concedida em jul./2022.

ocorrendo. Simone, traz a recordação de que chegaram em animais e de ter comprado um terreno para sua morada. A aquisição de um espaço para fixação, para a permanência.

Também explicitaram a forma de organização no espaço como sendo atrelada às famílias extensas expressas pelos diversos segmentos de parentes em convivência em um mesmo território: “tio, avó, primo, tataravô e tataravó”. E ainda salientaram as condições que foram suficientes para a “escolha” e fixação em uma morada em Penedo: “[...] as polícias não bolem”, “o povo é bom”, “não tem cigano errado[...]”. Condições que constituíram fatores importantes na tomada de iniciativa de permanecerem e manterem-se em circulação. Considerando a convivência cotidiana junto a algumas Calin e alguns Calon, demarca-se que chegaram a Penedo entre os anos 60/70 e começaram o processo de fixação por volta dos anos 80/90.

Dessa forma, os Calon de Penedo, que se autodenominaram como “ciganos”, tentam se fortalecer, como famílias, buscando manter a fronteira étnica por meio da continuidade da língua falada; prezar por casamentos dentro do grupo étnico¹¹², na forma como realizam essas cerimônias; desenvolver seu sustento por meios de negócios (de compra, venda, empréstimos e troca), exercendo ofícios de: pedreiro, fazedor de bijuteria, costureira, motorista; ledoras de mão. Posto isso, as imagens a seguir demonstram parte do espaço da comunidade da Vila Matias e adjacências (ver Figuras 11 e 12).

¹¹² Entre pessoas de mesma cultura.

Figura 11 – Vila Matias com indicação das casas das famílias visitadas.



Fonte: Google Maps (2023).

Figura 12 – Adyacências da comunidade da Vila Matias – Principal Rodovia de acesso.



Fonte: Google Maps (2023).

Feita essa reflexão e considerando os aspectos da dinâmica territorial, na visão do pesquisador Vaz (2010, p. 22), “A noção de território para o agrupamento cigano de Ipameri permeia as raízes culturais e históricas da família, as relações humanas e sociais no agrupamento, enfim, a organização dos ciganos na área ocupada”. Destaca a ideia de representação de uma comunidade ligada a vínculos com um espaço territorial como primordial, como também condicionada à necessidade de ‘habitar’ e se ‘alimentar’ como forma de tornar os seres humanos cada vez mais dependentes da manutenção de um território e ao mesmo tempo conjuga identidade a um espaço territorial. Ele salienta:

Raffestin (1993) afirma que o território se forma a partir do espaço. Ele é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático¹¹³, que realiza um programa, em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) o ator “territorializa” o espaço. Qualquer projeto no espaço, conforme este autor, é expresso por uma representação que revela a imagem desejada de um território de um local de relações. Santos (2002), baseando-se em Raffestin, diz que o espaço representado pressupõe a imagem de um local de relações, porque produzir uma representação do espaço já é uma forma de apropriação e de controle. Conforme a autora, a relação dos grupos étnicos com o espaço se configura no território visto, imaginado e construído de acordo com a realidade momentânea de cada grupamento étnico. Ela define o território para os ciganos como um espaço

¹¹³ Relação de dependência.

geograficamente delimitado, porém não juridicamente reconhecido, conferindo-lhes apenas uma categoria situacional, isto é, ligada a uma ocupação limitada no tempo, flutuante e profundamente enraizada na organização do grupo (VAZ, 2010, p. 23).

Entendemos que, para o autor, os ciganos significam o espaço ocupado em território representado, visto que pressupõe o estabelecimento do território atrelado ao conjunto de significações atribuído a ele que perpassa pela forma de organização grupal, perante sua dinâmica territorial. Assim, o estudioso ressalta que o território apresenta características fortemente vinculadas à ideia de ser “[...] produto e produtor de identidade” (Vaz, 2010, p. 38). Contudo, as pesquisadoras Monteiro *et al.*, (2014) salientam que a circulação dos Ciganos está atrelada a redes de relações de parentesco, em que há expressiva mobilidade com rotas delineadas em meio ao dinamismo espacial. Rotas que se estruturam baseadas em laços parentais, laços de afinidades e na realização de negócios.

As autoras afirmam que a forma de construção das rotas de circulação dos ciganos se assemelham ao que alega o geógrafo Haesbaert (2005) no tocante à construção de uma territorialidade que está atrelada à ideia de ‘território-rede’¹¹⁴, tendo como base a expansão do seu território devido ao fluxo de idas e vindas. Sendo assim, o território se estende não somente ao espaço ocupado, mas também às suas rotas de circulações.

Dessa forma, duas ideias se delineiam mediante esses dois estudos anteriormente mencionados e realizados em comunidades diferentes. No primeiro estudo (comunidade de Ipameri - GO), discute-se a ideia de território atrelada a bases espaciais e geográficas, porém ressaltando o sentido de passagem e não de moradia; enquanto no segundo estudo (comunidade do Vale do Mamanguape - PB), busca-se pensar o território por meio da compreensão de formações de redes parentais que, por sua vez, amplia a noção de território que perpassa por hábitos como realizar negócios e interagir com afins e a parentela dilatando essa vivência, ainda que, considerando os ciganos em processo de “sedentarização”. Nesse ínterim, os estudos elencados nos impelem a dizer que eles partem de duas importantes características: a que considera os ciganos em situação de passagem e pouso e a que considera os ciganos em processo de sedentarização/morada.

Considerando a vertente dos ciganos em pouso, podemos afirmar que os territórios que eles vislumbram, a partir do espaço em questão, está afeito a momentos estanques que os convidam a valorizar como mais importante a busca pelo alimento, o pouso circunstancial e a

¹¹⁴ Caracteriza a forma como os diversos territórios se articulam: em sentido reticular, envoltos em fluidez e mobilidade (Haesbaert, 2005).

organização do grupo, de forma a não os conduzirem a pleitear uma condição de permanência, ainda que mantenham a circulação como estratégia para adquirir o sustento.

Ao nos reportarmos à situação dos ciganos que se caracteriza pelo desenvolvimento de um processo de morada, podemos refletir que a construção de representação de um “território-rede” se baseia no delineamento de rotas que considera um território sede, que constitui a ponte entre o ir e vir, e, ao longo das trajetórias, desenha-se um território que se ramifica numa rede parental.

Fazendo um recorte dos estudos sobre ciganos em Alagoas, destacamos a pesquisa etnográfica da autora Morais (2018), realizada na cidade de Carneiros, sertão alagoano, que salienta as redes de relações que foram sendo construídas em algumas localidades de Alagoas desde que os Calon se fixaram na referida cidade, há mais de 10 anos, quando saíram da Bahia e têm se estabelecido em algumas localidades do alto sertão com a finalidade de negociar/ “fazer rolo”.

A autora aborda que vivem em rancho e que este se constitui em espaço estratégico e base referencial para a realização dos negócios com outras cidades vizinhas e abrigo dos parentes quando os visitam e pousam por um tempo. Ela elucida que a constância nesse lugar também está condicionada à “proteção”¹¹⁵ que obtiveram para permanecer. Salienta que a “rede de solidariedade” construída pelos Calon de Carneiros e seus parentes da Bahia aparenta ser deveras forte, a ponto de constituírem um único espaço de circulação e comunicação que se estabelecem pelas visitas mútuas e contatos telefônicos, com trocas de informações do seu cotidiano, que, cada vez mais, estreitam as relações de pertencimento.

Explicita que há redes de relações com os juron entre autoridades, líderes religiosos, comerciantes, e outros, que se desenvolvem de forma comercial, econômica e afetiva, pois “[...] se fazem Calon no mundo juron e, a partir deles, se diferenciam e mentêm seus movimentos”. (Morais, 2028, p. 164). Assim, a vida Calon se faz no mundo juron, a partir da apropriação que faz do espaço em que circula, para desenvolver seus negócios e meios de subsistência. Logo, tanto os negócios, quanto as visitas e as comunicações cotidianas, das ocorrências nos diferentes lugares que as redes se estabeleceram, foram motivos para os deslocamentos dos Calon e das Calin abordados nesse estudo.

Dessa forma, no tópico seguinte faremos considerações relacionadas ao desenvolvimento de um território em Penedo pelos Calon.

¹¹⁵ Amizades que garantem a permanência do grupo Calon.

2.2 Da passagem e o pouso para a “morada”

Conforme as lembranças de Willamis no tocante a “andanças”, os Calon estavam em muitas partes. Evidenciou um processo contínuo de circulação em vários espaços, não efetivamente em respeito a uma “tradição”, mas devido aos abalos constantes à sua passagem, parada e permanência, em que algumas trajetórias se constituíram em territórios, enquanto espaço simbólico. Tais abalos, nesse contexto, apresentavam-se vinculados a uma ação persecutória da polícia, enquanto aparato de estado vinculado à segurança pública.

Willamis, falando de um tempo em que era criança¹¹⁶, declarou que quando os ciganos paravam em um local para pousar por alguns dias, a polícia os expulsavam à base da força física com ações truculentas como: quebrar, derrubar, tocar fogo, bater, sem qualquer reserva. Dessa forma, por medo de represálias, viveram muito escondidos. E ainda relatou que, quando andavam de animal, eles não tinham “paradeiro” e, por isso, andaram por todo o sertão alagoano.

Assim, as narrativas evidenciavam a necessidade de circulação e reiteravam a condição de não parar como característica identitária de pertença grupal e, nem de terem paradeiro, referindo-se a um espaço específico para ficar, como condição *sine qua non* de sobrevivência e resistência, pois não podiam valer-se de proteção institucional e nem do acolhimento dos cidadãos no geral.

O fato de não manterem mais uma morada itinerante, como afirmou Esmeraldina, foi justamente pautado não exatamente em uma decisão tomada conscientemente, mas com base nas circunstâncias diversas que ela elencou como sendo: a perseguição policial constante; a morte dos familiares mais idosos e com isso a não permanência com os negócios dos burros; a abertura do grupo para outras possibilidades de organização social; a dispersão de alguns membros das famílias devido aos casamentos; o fato de poderem alugar um veículo para se deslocarem; entre outros que estimularam algumas famílias a quererem fixar-se, e sua família escolheu por permanecer em Penedo.

Isso demonstra que a sobrevivência estava amparada pela estratégia do esconderijo; e a existência, pautada na base da exclusão. Mas, fizeram-se movimentos de permanência como forma de resistência, em que a comunidade Calon vivenciou a negação da cidadania, do direito a ações de saúde e à interação social. O que era rechaço se fez indiferença, e a indagação de Willamis ratificou: “[...] por que o Governo não sabe do meu povo?”¹¹⁷

¹¹⁶ Willamis nasceu em 1976.

¹¹⁷ Fez referência ao governo de Renan Filho. Entrevista concedida em nov./2021.

Embora a cidade de Penedo tenha vivenciado e vivencie um processo de expansão territorial, em termos de espaços habitados, que tem como protagonistas os Calon, estes são negligenciados de muitas formas, e, ainda que boa parte das famílias ciganas estejam cadastradas no Cadunico¹¹⁸, possuem documentos pessoais, frequentem escolas de Educação Básica, sejam atendidos nas Unidades Básicas de Saúde, fruto de seu protagonismo na cidade, experienciam negação de reconhecimento de direitos com o apagamento das suas presenças como cidadãos penedenses.

Assim, Esmeraldina elencou dois pontos nevrálgicos para a inserção social dos Calon em Penedo - “o povo se aproximar de cigano e ir para os médicos” -. Sendo o primeiro deles pautado pela indiferença e o rechaço que culmina, não somente, em não reconhecê-los, mas ainda, na banalização das suas existências na cruel experiência de exclusão, não somente das experiências de convivialidade¹¹⁹, mas da condição de sujeitos de direitos.

As presenças dos Calon e Calin, vivenciando a cidade e seus equipamentos institucionais e urbanos, como o posto de saúde, a feira, o transporte coletivo, inicialmente suscitaram inquietações nos agentes da municipalidade e em outros cidadãos, engendraram olhares e episódios de vieses provocativos, no sentido de se perguntarem sobre como seriam estabelecidas relações e interações que se faziam necessárias em observância a aparatos de cidadania e vivência social

Esse estranhamento nos induz a refletir pelo prisma da capacidade que temos de usar da exotização para produção de estereótipos, que põem no âmbito da marginalidade, via etnocentrismo, sujeitos que constroem formas diversificadas de saberes e cosmologias, como se pode perceber diante de experiências vivenciadas por grupos étnicos e sociais.

Em meio às circunstâncias já apresentadas, segundo Vitor Santos da Silva¹²⁰ e sua mãe Jaciguara,¹²¹ houve um tempo em que Calon e “brasileiros” invadiram e ocuparam terrenos situados na Vila Matias, entretanto, os “brasileiros” começaram a construir suas casas, e os Calon e as Calin montaram as suas barracas nos terrenos e somente, iniciaram as construções

¹¹⁸ 309 famílias ciganas (Dados de março/2023). Disponível em <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ri/relatorios/cidadania/?localizaDivisao=Nordeste&codigo=270670#> Acesso em 13 de março/2023.

¹¹⁹Capacidade de uma sociedade em favorecer a tolerância e as trocas recíprocas das pessoas e dos grupos que a compõem. **Convivialidade**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/convivialidade> [consultado em 17-01-2023].

¹²⁰ Calon de 27 anos que nasceu em Penedo e é esposo da Calin Cassandra. Exerce o ofício de pedreiro e é evangélico.

¹²¹ Calin de 58 anos, natural de Palmeira dos Índios, residente em Penedo e desde os 16 anos faz leitura de mãos como meio de sobrevivência.

das suas casas quando passaram a viajar para São Paulo, onde negociavam, fabricavam e vendiam alianças e realizavam leituras de mão.

Nessas passagens, as representações da chegada e da “morada” empreendidas pelos Calon foram vistas inicialmente como um abalo à vivência cidadina e, depois, a partir da interação com a municipalidade e os apelos Calon, houve uma abertura para a permanência em seus próprios terrenos e desenvolvimento de um território, na medida em que já se encontravam ocupando espaços diversos na cidade com suas barracas, fazendo-nos entender que o processo de “morada” já havia iniciado, ainda que suas moradias continuassem sendo móveis.

Situação que foi reiterada com as informações de alguns outros colaboradores da pesquisa, como um servidor público¹²² com o qual conversamos, que nos contou a história de Tancredo Pereira relacionada à doação de terras aos ciganos, alegando que o povo o acusou de culpado por ter aceito os ciganos em Penedo. E salientou sobre um fato que se deve aos ciganos: a expansão de Penedo em diversos outros bairros que estão em um espaço da cidade chamado “parte alta”. Afirmou que Penedo, em termos de espaços habitados, era até a estátua do Bom Jesus dos Navegantes. Contou também que os ciganos viviam para lá e pra cá com uns “burros velhos” e acampavam em qualquer terreno baldio que encontravam, mas logo eram expulsos.

As falas ratificaram a intervenção de um político, que propiciou a permanência dos Calon em Penedo, por meio de doações de terrenos e promovendo a ramificação em uma região específica da cidade, fazendo desse espaço, também, seu território engendrando a expansão de área habitada da cidade. E ainda ficou patente a reinvenção econômica de algumas famílias Calon, na produção da continuidade do desenvolvimento da dinâmica territorial, no sentido de que alguns não somente faziam passagens e/ou pousos em Penedo, que se inaugurou no percurso da mudança de habitação em barracas para casas de alvenaria.

A respeito dessa questão, em conversa por *WhatsApp*, Willamis explicou e significou essa intervenção política como sendo “apoio político” aos ciganos, no sentido de que ao chegarem a Penedo e após terem parado de “andar de animais”, nos terrenos doados pela municipalidade e ocupados por eles e também por “brasileiros”, não foi permitido que eles fossem molestados. Segundo Willamis, eles começaram a viajar de pau de arara (caminhão alugado) e não mais de animais, para lugares como: Fortaleza, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte:

A gente rodava o Brasil inteiro de pau de arara. Isso em busca de trabalho. As terras melhores, as cidades melhores, para trabalhar, para negociar. A mesma trajetória só que não era mais de animal, era de pau de arara. Até para Brasília, Maceió, São Paulo.

¹²² Morador da Vila Matias, não cigano, nasceu em Penedo e tem 40 anos de idade (Diário de campo, dez./2021).

Para todo canto. Foi passando o tempo viajando, conseguindo uma micharia e levantando as suas casinhas. Depois mesmo de casa levantada, continuamos viajando. Paramos de viajar de pau de arara porque fomos transportados, de Brasília para cá, na época do Fernando Collor. Ele não aceitou a gente lá e mandou a gente de volta. Aí a gente começou andar de ônibus alugado: Itapemirim e São Geraldo, na época (WILLAMIS, ÁUDIO POR *WHATSAPP*)¹²³.

Nos escritos de Goldfarb (2013), relacionado com a questão do “apoio político”, ela destacou, no tocante ao “processo de sedentarização” dos Calon da cidade de Sousa – PB, um certo “clientelismo” por parte de um político local, configurando uma evidente troca de favores, em que por meio da boa acolhida aos ciganos na cidade, posteriormente, com o sedentarismo, poder-se-ia obter muitos eleitores.

No caso de Penedo, a ideia de “clientelismo” não se apresentou bem delineada, visto que o político que fez ‘as honras da casa’ aos ciganos, posteriormente, não assumiu nenhum mandato eletivo na cidade, entretanto, ele foi o prefeito que protagonizou a primeira fase de tombamento da cidade como patrimônio histórico.

Circunstância que nos permitiu fazer ilações sobre o fato de que foi pertinente a uma cidade com pretensões a se revitalizar como patrimônio Histórico Nacional, como objeto de uma “política padronizadora” e o envolvimento de organismos internacionais, em vista da sua paisagem natural, artística e arquitetônica e, reavivar sua economia investindo no turismo, ter sobre controle e afastados da revivescência cidadina, em termos econômicos e sociais, os ciganos. Povos que, no imaginário coletivo de sociedades excludentes, são representados como exóticos e estrangeiros.

2.2.1 Experiências de “andanças” e das perseguições

A “andança”, no sentido usual da palavra, é considerada como o ato de andar, mas se ponderarmos seu sentido conotativo, aquele que se amplia para além do sentido literal da palavra, ele está atrelado ao valor que lhe emprestamos em contextos específicos. Dessa forma, a “andança” focalizada nas narrativas dos ciganos de etnia Calon, que moram na cidade de Penedo-AL, vincula-se a viver de um certo modo: “andava de cavalo, de burro, de animal”; “andava lendo mão”; “andávamos de barraca”.

Modos de “andanças” que, na contemporaneidade, têm se alterado, devido à apresentação/construção pelos Calon e Calin de outras circunstâncias (atreladas aos fatos de que venderam os animais de transporte; de que foram contemplados com terrenos pela

¹²³ Conversa por *WhatsApp* com postagem de áudio de Willamis, jan./2023.

municipalidade; de que passaram a se deslocar de carro próprio ou locado; de que começaram a viajar com destino a São Paulo e a outros estados e de que diversificaram as formas de negócios), à medida que passaram a construir suas casas em terrenos doados, comprados ou ocupados.

Com relação a esses fatos, observa-se uma memória afetiva, do tempo da infância e de um tempo de agruras, da vida atribulada, de ambiguidades e de busca. Os ciganos e ciganas expressaram que andavam de animais, liam mão, pediam nas feiras, arranchavam à beira do rio, nas fazendas de conhecidos, passavam muita fome, cochilavam na garupa dos cavalos no colo de suas mães. As mulheres mais velhas ensinavam para as suas filhas e netas a leitura de mãos. Os homens fazia o caçuá e o colocava no lombo dos burros e os forravam para abrigar seus filhos. Quando era hora de partir era somente dizer: “carrega!” E começava tudo novamente.

Então, conversando com Jaciguara, ela contou que chegou de animal a Penedo e começou a arranchar perto do cemitério da cidade, sob umas mangueiras, e do tempo que estão fixos, já faz 33 anos que ela mora na Vila Matias. Da época que vivia de barraca lembrou-se do Cabo Alvacir, que não aceitava cigano e, portanto, não apoiava a permanência deles na cidade. E a cigana Sônia Ramos¹²⁴ explicou que andar de animal era muito sofrido, “[...] passava muita fome e, por isso pegava galinha, milho e feijão que encontrava no caminho. Tinha menino num dia, no outro já montava num animal para seguir a caminhada” (Sônia Ramos, conversa presencial, diário de campo).¹²⁵

Nessas narrativas, observa-se o destaque da lembrança de um passado ressignificado, no fluxo da memória entre lembrar e esquecer. Vislumbrou-se a vida atravessada pelo não esquecimento dos tempos de perseguição. Ir embora o tempo todo, a qualquer momento, para não aticar os ânimos das ‘autoridades’ e da população mais ampla dos lugares. Para Pollak (1992, p. 202), podem existir lugares que servem de base à memória, quando argumenta que são “[...] lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos”. Para alguns Calon de Penedo, esses lugares são múltiplos e significam a circulação sempre presente e, muitas vezes, por motivo unívoco denominado “Ciganofobia”, isto é, a aversão aos grupos ciganos.

Assim, os Calon realizam movimentos de idas e vindas em busca da subsistência. Viajam para outros estados, para outras cidades do interior de Alagoas, como também circulam em função do casamento dos seus filhos. Quando se casa um cigano, seus pais deixam a casa da família para esse filho e vão morar em outra casa: de aluguel, adquirida ou construída por eles. Mas, se for a filha quem se casa não acontece costumeiramente da mesma maneira.

¹²⁴ Casada com o irmão do marido da Jaciguara. Tem 66 anos de idade e teve 7 filhos.

¹²⁵ Diário de campo, jul./2022.

Entretanto, na família de Esmeraldina foi diferente, pois o seu pai lhe deu a casa quando ela se casou. Essa atitude pode ser explicada evidenciando que a tendência dentro do quadro normativo desse grupo Calon é que os pais deixem a sua casa para os filhos do sexo masculino, mas, na prática social, há casos em que as casas são deixadas para as filhas.

Vê-se que, para os Calon aos quais tivemos acesso, o território tem sido utilizado amplamente como espaço de circulação em virtude do casamento e das questões econômicas. Sendo assim, compreende-se que o território constitui os lugares em que vivem e os espaços em que ocupam e circulam, seja por motivo dos negócios ou por distribuição familiar no espaço seguindo os princípios de organização social.

Entretanto, observando os vários sentidos da “andança” e considerando que em suas narrativas os Calon se remetem a algo que passou, de acordo com os tempos verbais expressos, isso nos impele a compreender que há transformações em seus modos de viverem em “andança”, pois, na contemporaneidade, estes Calon relataram suas circulações para fazer negócios de compra, venda e troca, para desempenhar sua atividade profissional, para ler mão e para pedir, entre outras ações. Um tempo que se desenha com expressiva itinerância. E referem-se à passagem e à transformação do tempo com marcadores como: “quando andavam de animal” e “deixaram de andar de animal”, levando ao entendimento de que a andança continua de forma ressignificada.

Vale salientar que a itinerância não é aleatória, ela foi se desenvolvendo como estratégia de sobrevivência pelos ciganos devido às perseguições e expulsões. Assim, foram apontadas situações concretas de vivência grupal e itinerante que compeliram as populações ciganas de Penedo a transformarem suas tradições e mudarem alguns costumes, visto que, segundo Barth (2005), revela o caráter processual das tradições.

Nessa oportunidade, uma das Calin que conhecemos em Penedo, foi Esmeraldina. Ela é esposa de Willamis e, por indicação dele, chegamos à sua casa. Após as apresentações, contamos sobre o projeto de pesquisa, das vindas para Penedo e das Calin que já conhecíamos. Motivada pelas explicações, Esmeraldina começa a falar, e então perguntamos se podíamos gravar no celular. Ela ficou encabulada, mas, em seguida, consentiu e demos prosseguimento à pesquisa. Durante a entrevista, vimos em seu semblante traços de sua emoção, com seus olhos marejados, embora o sorriso aparente, quando ela falou da morte do seu pai, que lutou durante nove anos com um câncer e estava fazendo um ano, em 2021, do seu falecimento. E, quando falou dos momentos mais alegres, esboçou um sorriso marcante numa expressão de contentamento.

Nesse dia, após a gravação da entrevista, continuamos conversando e ela falou de ser muito bom viver andando, mas que era muito sofrido. Então perguntamos: “E o que é que era bom em andar?”. Ela afirmou: “A lembrança! A gente era muito alegre, isso era bom. Hoje fica a tristeza, pois os familiares que viviam nesse tempo morreram”.¹²⁶

Essa passagem demonstrou claramente o processo de ressignificação, no presente, da história vivida por meio da memória, na lembrança de um passado que foi lembrado como sendo “bom”, devido às recordações da alegria de seus familiares que contrastaram com a evocação da tristeza por estarem mortos.

Prosseguindo em sua conversa, sem especificar o período¹²⁷, Esmeraldina contou que andou de burro com sua família até, aproximadamente, a idade de sete anos e depois ficaram em Penedo em barraca. Daí começaram a viajar para São Paulo e lá armavam barraca num lugar chamado Itaim Paulista¹²⁸, perto de um lixão. Ela, com o seu irmão Márcio, que são os mais velhos, ficavam no acampamento cuidando de seus irmãos menores e dos afazeres domésticos.

Informou que toda família e parentes de Penedo do avô “Dé¹²⁹” viajavam. Conforme Esmeraldina, passavam de quatro a seis meses em São Paulo. Lá, sua mãe saía para ler a mão com outras Calin; seu pai, para vender alianças que ele mesmo fazia. Havia dois lugares onde eles ficavam em São Paulo: um era perto do lixão; e o outro, perto de um rio. Esmeraldina fazia comida, lavava roupa, cuidava dos seus irmãos menores e da sua barraca. Somente quando sua mãe voltava, pela tarde, é que ela ia brincar.

Passou por temporais com chuva de granizo. Em um desses temporais, o vento levou a lona da barraca e ficaram ao relento. Ela recorda que foi pedir um pedaço de plástico em uma fábrica próxima, e um rapaz que a atendeu, lhe deu dez metros de plástico e um dinheiro. Assim, conseguiu recompor a sua barraca. Destacou ainda que foi numa das viagens de volta de São Paulo para Penedo que o ônibus em que ela e sua família estavam bateu em uma carreta e houve mortos e feridos. Na ocasião, os motoristas morreram e, por isso, tiveram que seguir viagem em outro ônibus.

Em São Paulo, usavam água de algum vizinho e ajudavam a pagar o recibo da pessoa que cedia a água, ou utilizavam a água do rio. Contou também que, às vezes, chegava um caminhão com mercadorias para colocar no lixão, ainda boas para o consumo, e todos as pegavam. Recordou-se uma vez em que era um caminhão com doces e confeitos. Então, relatou

¹²⁶ Diário de campo, dez./2021.

¹²⁷ Esmeraldina tem 37 anos, nasceu no ano de 1984. Considerando que ela andou de animal até a idade de 7 anos, podemos precisar este período como sendo no início dos anos 90.

¹²⁸ Distrito situado na Zona Leste. (<https://www.spbairros.com.br/tag/bairros-itaim-paulista/>).

¹²⁹ Avô paterno de Esmeraldina já falecido.

que seu pai construiu uma casa em Penedo com o dinheiro que conseguiu trabalhando em São Paulo. Assim, estar em São Paulo hoje é diferente de antigamente, comentou Esmeraldina. Hoje poucas famílias ficam em barraca, pois “as pessoas confiam mais nos ciganos”, logo ficam em quartos de aluguel e pagam por mês. Algumas vezes, já reservam de Penedo, por telefone, o quarto em São Paulo.

Vitor, em certa ocasião, comentou que alguns Calon, na comunidade, foram juntando dinheiro, começaram a emprestar a juros e foram melhorando de vida. Assim, começaram a comprar passagens para alguns outros Calon irem para São Paulo negociar para eles. Por exemplo: o Calon que tinha dinheiro comprava mercadorias e passava para o cigano revendedor e, então, ele teria que vender por um preço que lhe desse condições de pagar a mercadoria e tirar um lucro. Dessa forma, as atividades econômicas se desenvolvem por meio de empréstimos, compra, venda e troca; na construção e vendas de casas, na colheita de roças, na pesca e criação doméstica de animais como aves, que servem para o alimento e complementar a renda familiar. Como também por meio do Bolsa Família e/ou do Auxílio Brasil e aposentadoria.

Portanto, no tocante à movimentação dos Calon e das Calin no seu cotidiano, destacamos que há deslocamentos interestaduais, tendo em conta a proximidade de Penedo com o estado de Sergipe, como para mais distante em direção a São Paulo com o fretamento coletivo de ônibus. Antigamente, iam de pau de arara. Cassandra¹³⁰, cunhada de Esmeraldina, salientou que a maior parte da sua infância passou em São Paulo, por isso não teve chance de estudar porque entrava em uma escola, passava uma semana estudando e, depois ia para São Paulo, onde passava cinco meses.

Deslocam-se também para cidades circunvizinhas em que o movimento das Calin se realiza em “grupo/bando”¹³¹ para: apoiarem-se nas leituras de mão e na divisão do pagamento da hospedagem e alimentação; colheita roças de feijão ou milho, doadas por agricultores; pescar mariscos de forma coletiva; levar e trazer pacientes desenvolvendo a atividade de motorista; visitar a parentela e participar de festividades; comprar insumos para feitura de vestimentas e produtos para a higiene pessoal e revenda, em deslocamentos individuais; resolver questões relacionadas à saúde e a atendimento previdenciário, como perícia médica e para concessão de benefícios¹³².

¹³⁰ Cassandra Correia dos Santos tem 21 anos, é casada com Vitor, filho da Jaciguara. Atualmente está afastada da igreja evangélica.

¹³¹ Expressão usada pela Calin Jaciguara.

¹³² Relacionados à pessoa com deficiência e/ou doença mental.

Os significados das viagens e circulações, direta ou indiretamente, dizem respeito, em sua maioria, à subsistência, por meio de atividades comerciais solidárias, como também estão relacionadas à solicitação de direitos sociais em vista de questões específicas como pessoas com doenças mentais, deficiências e idosas.

Segundo Jaciguara, quando começaram a andar de carro “foi a melhor parte de andar”. E continuou: “Porque essa tradição é de andar. Repare que nós estamos morando mas não deixamos de nos mudar¹³³, não deixamos de andar”¹³⁴.

Ao ser inquirida por que os ciganos andavam, Jaciguara falou que era uma tradição deles. Ela relatou que teve três filhos andando de animal e que se casou com 14 anos. Para ela, andar de animal era um pouco agradável e um pouco desagradável, mas não deixou claro em quais contextos. Destacou que ela e seu marido trabalharam muito para criar os filhos. Houve época em que ele fazia alianças e trocava por ovos, farinha, frango etc. No tempo em que sua filha Vick nasceu (1989), venderam os burros e começaram a andar de carro. Depois veio a questão de viajar para São Paulo, vender mercadorias similares, também participar da Feira da Madrugada¹³⁵ em São Paulo e fazer a leitura de mão que, ainda hoje, faz. Quando o seu marido faleceu, ela quis voltar à vida de “andança” junto com seus filhos para manter todos juntos dela, embora eles morassem no mesmo bairro, porém não concordaram.

O Sr. Júlio¹³⁶, ao narrar sobre o que acontecia quando viajava para São Paulo, explicou que os Calon alugavam quartos sem mobília no bairro do Brás. Chegando lá, compravam colchão, lençol e travesseiro. Iam para uma galeria e adquiriam mercadorias e, na madrugada, vendiam em uma feira, lá mesmo no Brás.

Ednilza informou que viajava com seu marido para São Paulo e ficavam hospedados em quarto que alugavam no bairro do Brás. Compravam mercadorias e vendiam lá mesmo para se sustentar. Explicou que muita gente da comunidade viajava também e, algumas vezes, faziam viagens coletivas, no sentido de que fretavam um ônibus, dividindo as despesas, em vista de que tinham o mesmo destino e objetivo: irem a São Paulo para negociar.

As narrativas dos Calon vão confluindo, trazendo à tona a dinâmica territorial que eles têm desenvolvido como moradores da cidade de Penedo e, assim, vão ressignificando suas

¹³³ Jaciguara contou que já se mudou duas vezes, dentro da Vila Matias, depois que passou a morar em casa de alvenaria.

¹³⁴ Diário de campo, jul./ 2022.

¹³⁵ Feira localizada em São Paulo, hoje na região do Brás, que funciona no horário das 3h às 10h da manhã. Mais detalhe disponível em: <https://www.feirinhadamadrugadasp.com/bae34-rokophoto-feira-da-madrugada/>. Acesso em 09 de agosto de 2022.

¹³⁶ Foi casado com a Calin Simone, que faleceu em janeiro de 2022, cuja casa frequentamos e tivemos algumas conversas com ela e alguns de seus familiares.

mobilidades, no sentido de, como se expressou Jaciguara, quando lhe foi perguntado sobre o que ela achava da fase de morar: “Está mais sossegado. Somente a gente vai trabalhar fora para comer aqui”¹³⁷. Denotou-se em sua fala um sentido implícito de ter um território conquistado para voltar, após as lidas da “andança” para trabalhar.

Podemos interpretar que há aqui a representação daquilo que em seu estudo Vaz (2010) denominou como sendo uma “relação de dependência” com o espaço territorial, cuja base se apresenta delineada pelo condicionamento às necessidades de ter um espaço para morar e meios para se sustentar, pois muitos Calin circulavam em busca do sustento, seja para perto ou para mais longe, tendo como respaldo um lugar para retornar e viver.

E em outro sentido, alguns também transformavam o espaço habitado como forma de sobrevivência, quando supriam a vida na construção e venda de casas dentro do seu próprio espaço de morada. Vitor expressou que aprendeu com o seu pai a ocupação de servente de pedreiro. Assim, desenvolveu o trabalho de construção de casas, a partir do processo de “morada”, e foi repassado entre os Calin como meio de sobrevivência.

2.2.2 Conversando com as Calin

Em conversa com Esmeraldina, em sua casa¹³⁸, sinalizamos para a possibilidade de marcarmos um almoço e convidarmos outras Calin. Então, deixamos acordado que iríamos combinar com Willamis pelo *WhatsApp* sobre essa questão, pois Esmeraldina não tem celular. Contudo, não foi concretizado. No final de semana seguinte, voltamos à casa de Esmeraldina, que convidou-nos a entrarmos em seu quintal, que dá para o terreno da casa de sua mãe e de sua irmã Marquiane, e, nesse lugar, conhecemos alguns de seus familiares.

Nessa oportunidade, voltamos a conversar com Esmeraldina sobre reunir mulheres Calin para falarmos sobre o nosso projeto de pesquisa e convidá-las para participar. Ela sugeriu a realização de um café da tarde, e ficou combinado que ela faria a mobilização das Calin para essa atividade e providenciaríamos as iguarias para essa reunião. Dessa forma, no dia 12 de fevereiro de 2022, em uma tarde de sábado em Penedo, após ter confirmado com Esmeraldina por intermédio de Willamis, via *WhatsApp*, realizou-se um encontro com mulheres Calin, na casa de Esmeraldina, organizado por ela e sua irmã, Vick. Nesse dia, dez Calin, que são casadas ou foram casadas e constituíram suas famílias, fizeram-se presentes. Tivemos, portanto, a

¹³⁷ Diário de campo, jul./2022.

¹³⁸ Essa conversa se deu no dia 15/01/2022.

oportunidade de estar em companhia das Calin com idades entre 21 e 58 anos, que moravam na Vila Matias e adjacências.

Inicialmente, em roda de conversa em frente à casa da anfitriã Esmeraldina, ao ar livre, e próximas a uma mesa de guloseimas, realizamos uma fala de apresentação. De forma sucinta, discorremos sobre os objetivos da pesquisa e nossas intenções, assim como os possíveis benefícios para a comunidade Calon.

Uma das Calin chamada Adalgisa¹³⁹, cunhada de Esmeraldina e prima de Willamis, interessada em sua origem étnica, contou que havia feito pesquisas na internet em busca de saber de onde vieram “os povos ciganos”. Destacou as etnias mais conhecidas, tais como Calon, Rom e Sinti e sugeriu que fizéssemos perguntas para que elas pudessem responder. Mas, antes que tomássemos qualquer atitude, Adalgisa perguntou se iríamos levar esse trabalho para a Secretaria de Cultura de Penedo, ao que respondemos que se elas quisessem, faríamos isso, sim. E sinalizaram positivamente.

As Calin assinalaram a chegada dos ciganos Calon em Penedo, aproximadamente, entre os anos de 70/80. Em seguida perguntamos sobre a tradição da dança cigana, e elas explicaram que não possuíam essa tradição e nem ouviram falar dela pelos seus antepassados. Elas dançavam todo tipo de dança nas festas. Quando perguntamos o que era bom em Penedo, elas responderam que era bom ir à prainha e à piscina¹⁴⁰, pois antigamente a polícia e as pessoas não ciganas não aceitavam a presença dos Calon nesses lugares. Acrescentaram que Penedo, hoje, é o lugar que mais acolheu os ciganos e deram o exemplo de que, atualmente, podem comprar fiado no “mercadinho e no prestamista”. Salientaram que essa forma de participação na dinâmica da cidade, antigamente, era muito difícil.

Perguntamos o que fez operar as mudanças que elas estavam pontuando, e algumas disseram que resultaram da convivência cotidiana com os não ciganos, do trabalho paulatino de Willamis de falar sobre os Calon em alguns lugares, sempre que possível, apresentando e explicando seus costumes, formas de garantir a sobrevivência, entre outras questões.

Quanto à convivência na sociedade mais ampla e as relações de sociabilidade e afeto, Jaqueline¹⁴¹ relatou que, quando era criança, um juron¹⁴² disse para ela: “Que cigana bonita!” Ela imediatamente rechaçou essa fala e acrescentou que era assim que acontecia costumeiramente no passado. Ednilza, prima de Esmeraldina, disse que se um juron dissesse:

¹³⁹ Adalgisa Ramos de 34 anos. Casada, tem 2 filhos e é evangélica.

¹⁴⁰ Ver lugares em: <https://aquiacontece.com.br/index.php/post/fabricio-vasconcelos/11/10/2017/atividades-de-lazer-do-penedo-al/124692>.

¹⁴¹ Calin de 33 anos e prima de Willamis.

¹⁴² Uma das denominações dos não ciganos feita pelos ciganos.

“vou casar-me com essa cigana!”, a mãe da cigana dizia que ele teria que comer “muito sabão e água sanitária para casar com a sua filha”. E completou: “Hoje em dia há muitos casamentos entre ciganos e não ciganas; entre ciganas e não ciganos, bastando, para isso, apenas se apaixonarem”.

Esse momento se pautou em apresentação, perguntas genéricas e celebração, mas também foi frutífero no sentido de que nos aproximamos de algumas famílias Calon que estão morando e desenvolvendo dinâmica territorial na comunidade de Vila Matias, em Penedo e outros locais¹⁴³. Houve destaque também para as situações de hostilidades mútuas vivenciadas entre os Calon e os não ciganos. Aqui é importante salientar as preocupações de Barth (2000), no decorrer de suas pesquisas, no sentido de que o pesquisador deve se empenhar em compreender os meandros das relações étnicas e interétnicas, desafiando-se a observar os vários processos interacionais, suas motivações e como eles têm se desenvolvido.

¹⁴³ Cidades próximas de Penedo e outros estados.

3 IDENTIDADE E MEMÓRIA

Neste capítulo discutiremos os aspectos identitários que se relacionam com o desenvolvimento da memória coletiva, com a finalidade de analisar e compreender de que forma estes aspectos são acionados em diferentes contextos. Buscamos compreender os liames das relações sociais em curso com as narrativas dos ciganos Calin e dos não ciganos, frente às experiências de exclusão e de fortalecimento das diferenças culturais, vivenciadas junto aos não ciganos, sobretudo em respeito às memórias do grupo identitário que têm sentido compartilhado.

Certa vez, junto às Calin, indagamos às Calin o que é ser cigano/cigana. Essa indagação foi sinalizada pela orientadora desta pesquisa como “a busca da essência”, no sentido de fazer um alerta para esse tipo de pergunta, em vista de que as teorias antropológicas nos fazem refletir que as identidades estão atreladas às situações e aos contextos de interações sociais, portanto, de cunho relacional. Logo, não existe uma “essência” cigana, mas, um conjunto de características socioculturais que delineiam uma pertença étnica em vista de interações sociais em contextos situacionais.

A problematização dessa questão nos proporcionou refletir sobre o quanto somos afetadas por injunções sociais, que, muitas vezes, obnubila nossa compreensão, e o fato do quanto a escrita acadêmica pode concorrer para a perpetuação de ideias que remetem a uma falsa consciência do cotidiano em vista de processos que envolvem sociedades mais amplas e grupos considerados minoritários.

Entretanto, as falas das colaboradoras desta pesquisa, como a Marquiane, inferem que “ser cigana é ser normal e que as diferenças são feitas pelas pessoas”¹⁴⁴. Contudo, ela se reportou, ao falar que a “sua cultura é diferente”. A Jaciguara, dando continuidade à conversa, explicou que antes era mais diferente e que “hoje tá misturado”. Por sua vez, Esmeraldina explicou que elas têm “trajes diferentes, fala e andar diferentes”, salientando a diferença relacionada com aspectos de expressões culturais.

Portanto, a pertença étnica foi pautada em características culturais distintivas, embora apareceu a observação de que a distinção já foi mais expressiva no passado e que essas diferenças estão sendo elencadas em termos de algo que está atrelado aos seus corpos, fortemente vinculadas a sua aparência, aos sinais diacríticos, como também na atitude das pessoas. Segundo Vitor, os ciganos de antigamente gostavam de usar cabelo grande e bigode

¹⁴⁴ Diário de campo, jul./2022.

vasto, depois eles foram deixando de lado esses costumes, porque são marcas físicas que, para os não ciganos, funcionavam como estereótipos em vista das representações negativas sobre eles.

Jaciguara pontua a diferença por meio de características que se apresentam para além dos aspectos físicos, pois ela afirmou que “[...] é tudo uma coisa só”. E fez entender que a distinção se resumiu no fato de que um é chamado de “cigano”; o outro, de “brasileiro”, estabelecendo uma compreensão simplificadora e superficial das relações entre ciganos e “brasileiros” e o não reconhecimento das tensões que afetavam as relações que se dão a partir dessas nomeações.

Com relação ao Chibi¹⁴⁵, Jaciguara comentou que as Calin, “[...] essas novinhas, ainda não sabem a metade da linguagem da gente”¹⁴⁶. Mencionou que o Chibi é aprendido na tradição, por meio do nascer ouvindo, e exemplificou que não está ensinando nada para o seu filho mais novo, mas ele já está sabendo muita coisa. Narrativas que nos remetem a conjecturar que o Chibi tem sido pouco falado entre os Calon de Penedo, em vista de que sua aprendizagem remete à oralidade e as novas gerações terem dificuldade em saber falar o Chibi.

Refletindo sobre os sinais diacríticos relacionados com as posturas políticas, que grupos étnicos podem estar assumindo, como estratégia de reconhecimento de sua pertença étnica, observamos que os Calon, com os quais estivemos em contato, não apresentaram esta questão relacionada a este viés, mas como algo que tem feito parte do seu cotidiano como tradição, que vem dos antepassados e que tem sido parte da sua organização social nas relações interétnicas. Jaciguara explicou:

Já veio isso de ser cigana, minha irmã! Já veio isso. Eu nem entendo o que foi isso. Já veio. O povo fala do tempo do Egito, que foi do Egito, que foi de lá mesmo do Egito, que foi revirando. Eu alcancei a mãe da minha avó, a mãe da minha mãe, a mãe do meu pai eu alcancei. E elas foram, Jesus levou, e eu já estou aqui nessa tradição (JACIGUARA, ENTREVISTA, JUL., 2022)¹⁴⁷.

Jaciguara ainda se referiu a uma tradição que vai passando de geração em geração, que se renova e tem o seu ponto de encontro da pertença étnica na origem comum reportada ao Egito, que se constitui um lugar de memória. Nora (1993) desenvolve o argumento de que os lugares de memória estão atrelados a pares de domínios, como ser naturais e artificiais, aspecto que proporciona uma certa complexidade para a memória que se quer salientar e celebrar. E,

¹⁴⁵ Dialeto cigano Calon.

¹⁴⁶ Diário de campo, jul./2022.

¹⁴⁷Entrevista concedida em Penedo.

por isso, são lugares que também expressam a “vida e a morte” de algo que se quer impregnar de sentidos, visto que estes se transformam e se ramificam. E quando um lugar de memória deixa de participar da memória coletiva se transforma em memória histórica e/ou pedagógica.

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 21-22).

Entretanto, Willamis, quando realiza atividades que se relacionam com a representatividade dos ciganos, utiliza uma vestimenta diferente do seu cotidiano, que ele diz estar “a caráter”, ou seja, como um cigano se reconhece e/ou é reconhecido. Por outro lado, Vick e Leninha, quando foram para uma perícia da filha de Leninha, em Maceió, discutiram sobre os trajes que usariam para essa ocasião, surgindo a probabilidade de irem vestidas de jurin¹⁴⁸, na perspectiva de afastar qualquer possibilidade de rejeição pelo fato de serem ciganas. Aspectos identitários que, dependendo do contexto, são camuflados na direção de ofuscar os sinais diacríticos representativos de diferenças culturais e pertença étnica.

Para Barth (2005), um grupo étnico se define no bojo de relações de poder, visto que a sociedade que se estabeleceu como detentora da “cultura eleita” para servir de referência e parâmetro de condutas e expressões socioculturais é a que vai exercer uma certa dominação dos grupos considerados minoritários, por meio de mecanismos cerceadores ou controladores de sua atuação social e expressão individual. Não obstante, por vezes, tais mecanismos de controle sejam anulados.

Fundamentadas nas reflexões do autor, salientamos que as bases para a definição de grupos étnicos, na sociedade mais ampla, estão assentadas em fazer visíveis suas diferenciações no sentido de serem, equivocadamente, notadas como características destoantes que evidenciem contrates considerados “nocivos” à coesão em uma unidade nacional. Assim, Barth quer salientar que a etnicidade se diferencia da cultura, todavia tem esta como base, pois somente podemos nos organizar como unidades sociais, ou seja, um grupo étnico, em referência a como

¹⁴⁸ Mulher não cigana no dialeto Chibi.

organizamos socialmente os conceitos e ideias que constantemente elaboramos, devido às relações que estabelecemos no convívio social, sejam externamente aos grupos, aos quais dizemos pertencer, ou no seio destes.

Problematizando sobre identidade étnica, Barth notabiliza o fato de que, ao compreender esta como “sinais particulares”, tais sinais não indicam uma vivência cultural apartada das diversas formas de organização social ou, por outro lado, conhecimentos estagnados. Mas, quer evidenciar as experiências diversificadas na esteira de circunstâncias e contextos diversos que vão, ao longo do tempo, transformando-se. Como esclareceu Márcio:

[...] nós somos ciganos parecidos com os povos daqui. [...] Explicou que hoje, com os mais moços, o vestuário mudou e antes só se casava “cigano com cigana”. Uma mulher cigana, pela tradição, não podia estudar. Aqui o casamento era em dois dias. O primeiro dia é da “matança”, matavam os animais como: porco, boi, galinha. Era o preparo da festa. As Calin cozinhavam e os Calon bebiam. O segundo dia era o casamento. Para ir à igreja faziam uma fila de carros em que o primeiro carro era o da noiva e, seguindo o carro da noiva, iam os demais carros buzinando (MÁRCIO, DIÁRIO DE CAMPO, JAN., 2022)¹⁴⁹

No dito anterior, Márcio foi delineando sua percepção sobre a afirmação de serem parecidos com os não ciganos de Penedo e, segundo ele, a tradição que ficou e não perde é o “Chibi” (dialeto Calon). Esmeraldina diz que tem saudade: “Tempo bom!”. Mas salientou que era sofrido, pois não tinha trabalho. Completa esclarecendo que, antigamente, nas fazendas, os fazendeiros davam “morada” para se passar 10 dias e recebiam dos fazendeiros bolachões e caldeirão de leite. Destacou, ainda: “até para fazer exame de mulher tem que ser com uma mulher”¹⁵⁰, salientando uma forma de conduta habitual entre as Calin de sua comunidade.

Quanto à questão da autoridade em família, Márcio¹⁵¹ afirmou que antigamente cada comunidade, cada “clã/povo”, tinha um “chefe”. Hoje, cada família tem seu “chefe”. Mas, para os problemas em geral, chamam Willamis. E Esmeraldina salientou: “numa casa cigana o homem é o cabeça”¹⁵². Dessa forma, verifica-se, com a passagem do tempo, mudança significativa na forma de organização social, que se coaduna em um tempo de antigamente em que se reconheciam pertencentes a uma comunidade, clã/povo, sendo liderados por uma figura de autoridade conhecida como “chefe” e que no momento atual foi transformada em figuras de autoridades relacionadas com as famílias parentais de 1º grau na escala de parentesco. Todavia, não se apartando de uma autoridade local conhecida como “liderança”, à medida que são extrapoladas as situações restritas a uma família.

¹⁴⁹ Diário de campo, jan./2022.

¹⁵⁰ Diário de campo, jan./2022.

¹⁵¹ Calon sergipano, filho de Jaciguara, de 38 anos casado com a Calin Adalgisa.

¹⁵² Diário de campo, jul./2022.

Por isso, essa figura de autoridade, conhecida como liderança, que tem atuação local e em outros contextos, deve estar afinada ou relacionada às questões comunitárias de macro escala, no sentido de que afetam o cotidiano da comunidade como um todo e diz respeito às questões que têm dificultado a vivência da cidadania, acesso e inclusão.

Na esteira da tradição, Esmeraldina explicitou sobre sua preocupação em casar seu filho mais velho, porque ela pensa que morrerá cedo, já que é cardíaca, e deixará seu filho sem ter uma mulher em sua companhia. Argumenta que seu marido - é “jovem e bonito” -, certamente irá casar novamente, e a futura mulher dele poderá não querer fazer as coisas para seu filho, pois irá dizer que não é sua empregada, uma vez que ele não é mais criança. Outrossim, salientou que as ciganas são assim: “fazem tudo para os seus filhos”¹⁵³.

Sobre a comunidade cigana de Penedo, também podemos salientar que se reconhece com características em comum a uma etnia, que é a Calon, embora, por sua vez, apresente distinções com relação aos indivíduos de um mesmo grupo, como a outras etnias dentre os povos ciganos. Para a sociedade mais ampla, é vista, frequentemente, com características que são elencadas dentro do genérico “cigano” e, na maioria das vezes, de cunho pejorativo no sentido de exercer um certo domínio sobre esta população, passando a homogeneizá-la frente às suas diversidades, no sentido de não apreciar as suas expressões culturais.

Barth (2005) explicita que as interações com sociedades mais amplas expõem os participantes de grupos étnicos com o que ele chamou de “fontes de conflitos”, como o fato de vivenciarem determinadas experiências que os colocam distantes das características que os fazem sentir pertencentes a um grupo étnico específico e diferentes em relação a outros.

Contudo, as variações culturais estão relacionadas aos processos que o constante estado de fluxo da cultura opera nos conceitos e ideias, à medida que as interações sociais se estabelecem, no sentido de que haja uma constante e mútua afetação entre a sociedade dominante e o grupo minoritário. Por isso, o fato de existirem fluxos culturais e fronteiras étnicas serve de estímulo para que a sociedade mais ampla considere os grupos étnicos com características homogêneas e que há um compartilhamento cultural que define a identidade étnica. Então, no sentido de elencar características que sirvam para identificar uma pertença étnica, que se diferencia da sociedade mais ampla, há uma tendência a considerar emblemas para se referir às identidades étnicas, tal como a dicotomia: “nômade e sedentário”.

Dicotomia essa que, por meio das narrativas dos Calon de Penedo, tem sido desmistificada, no sentido de que os Calon realizam circulações na manutenção de itinerância,

¹⁵³ Diário de campo, jul./2022.

em vista, principalmente, de manter a sua subsistência. E ainda desenvolveram um processo de morada erguendo casas de alvenarias, à medida que lhes foi permitido permanecer, ressignificando a sua costumeira forma de habitar.

Uma outra expressão de costume, que apresenta traços em comum e se constitui um acontecimento que serve para fortalecer o sentimento de pertença étnica, é a forma como os Calon de penedo realizam seus casamentos, sendo em grande medida entre membros do grupo étnico, em uma ritualística que se estende por dois ou três dias, conforme vivenciamos o dia da celebração na Vila Matias, em dezembro de 2022. Contudo, Vick, filha da Calin Jaciguara, anteriormente comentou, entusiasmada, que nós precisávamos ver quando há festa de casamento, como as ciganas ficam bonitas. As ciganas já estão fazendo as roupas, porque haverá um casamento em dezembro deste ano, para o qual fomos convidadas. Perguntamos se a costureira era uma Calin e ela disse que existe uma que é Calin, mas que estava fazendo as roupas com uma jurin, informação que apresentou uma relação de confiança mútua. A seguir, relataremos e analisaremos a experiência.

Quando tivemos em Penedo em julho de 2022, fazendo trabalho de campo por um período mais longo fomos convidadas por Esmeraldina para assistir ao casamento cigano que estava para acontecer no final desse ano. No mês de novembro, Willamis nos pediu para redigirmos um ofício à Secretaria de Cultura, Juventude e Lazer da cidade de Penedo, solicitando 3 tendas a serem colocadas na rua da casa da noiva para abrigar todos os convidados, em vista de que, costumeiramente, a festa se realiza na rua e conta com o apoio da municipalidade.

Perguntamos se podíamos ir, e tanto Esmeraldina como Willamis, disseram que sim, e que nós seríamos suas convidadas. Somente não poderíamos ir ao casamento, se não tivéssemos sido convidadas por ninguém da comunidade. Depois de dois adiamentos do casamento no mês de novembro, a cerimônia aconteceu no dia 09/12/2022, a qual comparecemos, e foi muito interessante.

Desta feita, chegamos a Penedo, à casa da cigana Jaciguara, por volta das 7h40, conduzida por um taxista que nos transportou de Maceió para Penedo. Fomos recebidas por Esmeraldina, que já nos avistou da porta dos fundos da sua casa. Cumprimentamo-nos, e ela nos serviu uma xícara de café. No degustar do café, Esmeraldina ia contando as novidades e relatou que, no dia anterior, ajudou, junto a outras ciganas, na preparação das comidas para o casamento, e que os homens já estavam lá bebendo e que elas também aproveitaram para dançar. Relatou, também, que desde o dia 07/12/2022 as tendas foram armadas. Comentou que a cerimônia do casamento iria ser celebrada por um pastor que é tio da noiva, porém não seria

na igreja, devido a que boa parte das pessoas da igreja não referendam essa forma de casamento cigano. Contudo, o pastor iria casar os noivos em um ambiente separado da festa e não participaria da festa, assim como, alguns ciganos e ciganas que são evangélicos.

Deu continuidade à conversa e relatou que o Tio de Willamis, o Buíca¹⁵⁴, faleceu. “Hoje pela manhã o encontraram morto na rede em que ele costumava dormir, num pequeno rancho em que vivia”. O casamento não foi adiado, devido a ele ter morrido como tem na Bíblia: “morreu na sua velhice”, reportando-se ao fato de a causa da morte não ter sido uma doença. Contudo, naquele mês completaria também 2 anos que o pai de Esmeraldina tinha falecido e, por isso, a sua mãe estava tristonha.

Depois fomos com Esmeraldina a um espaço localizado defronte à casa de sua mãe, alugado para a celebração do casamento. Lá conheci e cumprimentei o noivo.

Tudo foi custeado pelo pai da noiva. Esmeraldina explicou que quem banca a festa é o pai da noiva e as ciganas preparam as comidas. Destacou que, para essa festa, foram preparados: arroz, feijão tropeiro, macarrão, carne de boi e de porco. Falou que o casal tem 8 madrinhas e estarão vestidas na cor rosa e os padrinhos de camisa branca e calça preta. Comentou que ela e suas irmãs fizeram 3 vestidos para trocar durante a festa. A sua cunhada Cassandra fez 5 vestidos. O casamento estava marcado para as 10h.

Como o dia estava bastante ensolarado e fazia muito calor, poucas pessoas ficaram para assistir à cerimônia; outras foram logo para o local da festa onde teriam abrigo. À hora marcada, muitas ciganas e ciganos estavam presentes. Algumas ciganas esbanjavam vestidos muitos adornados, de variadas cores e estampas. Estavam bem maquiadas e utilizando acessórios brilhantes, cílios postiços, unhas bem feitas e esmaltadas e muitas delas com dentes revestidos de ouro ou prata. Outras Calin estavam mais simples.

Esmeraldina foi arrumar seus filhos e nos deixou conversando com dona Jaciguara, sua mãe. Em conversa com Jaciguara, ela relatou estar bem e que a temporada de leitura de mão no mês de agosto passado não foi boa, devido às chuvas, mas a que fez no mês de setembro foi melhor. Contou, também, fatos relacionados a questões de saúde em família e que tudo transcorreu bem. Falou que o Dario, marido de sua filha Vick, foi contratado para cantar na festa do casamento, entretanto, considerou que seu valor merece mais reconhecimento.

Como a hora marcada para a cerimônia estava chegando, fomos providenciar nossas vestimentas. Em seguida, tiramos fotos com algumas ciganas e a cunhada de Willamis, que é casada com um de seus irmãos estava filmando e transmitindo para o *Kway* (app de vídeos

¹⁵⁴ O cigano Buica foi o último cigano da comunidade da Vila Matias que ainda vivia num rancho.

curtos), fazendo uma cobertura do momento. Tiramos fotos de alguns casais ciganos na casa da cigana Jaci¹⁵⁵ e tivemos a oportunidade de cumprimentar o Dario, pelo fato de ele ser o cantor da festa. Na ocasião, falou-nos da sua tristeza pela morte de seu avô Buíca, acontecimento que no momento lamentamos.

Em seguida, ficamos no espaço destinado à cerimônia de casamento com outros ciganos e ciganas. Dona Jaci arranjou um lugar na sombra para nós. Então, começamos a tirar fotos, filmar com o celular, como Esmeraldina havia dito que poderíamos fazer, para uma divulgação. Logo em seguida, antes que começasse a cerimônia, o pastor teceu algumas palavras reportando-se Bíblia.

Após a entrada do noivo acompanhado de sua irmã, os padrinhos e madrinhas foram entrando pela passarela de tapete vermelho, assim como muitos outros casais da comunidade. Em seguida, ao som da marcha nupcial, a noiva, toda de branco tendo a sua frente uma criança como porta alianças adentrou com o seu pai¹⁵⁶, que veio bem informal.

A cerimônia começou e teve o seu desenvolvimento semelhante aos ritos de casamento da igreja católica ou evangélica, no Brasil. Quando a cerimônia foi encerrada, após o beijo nupcial, os noivos assinaram um documento parecido com um certificado, e os padrinhos e as madrinhas também assinaram. Em seguida, foi realizada sessão de fotos da qual participamos. Saímos do espaço da cerimônia junto com a maioria dos convidados e, na ocasião, tivemos a oportunidade de entregarmos o presente que trouxemos a um familiar dos noivos. E então, seguimos para a rua da casa da noiva, que se localizava próxima ao espaço da celebração do casamento, para vivenciar a festa. Acompanhamos alguns convidados que se dirigiam até lá, pois não sabíamos, exatamente, onde era o local.

Chegando lá, procuramos Esmeraldina e sua família e quando as encontramos, vimos que elas estavam um pouco preocupadas com o desenrolar da festa. Vick nos ofereceu um pouco de comida e nesse momento sentamos para fazer a refeição. Pouco tempo depois, percebemos que as irmãs de Esmeraldina começaram a retirar as toalhas e as mesas de forma um pouco intempestiva. Perguntamos para Marquiane por que estavam retirando as toalhas e as mesas e ela disse que era a hora de dançar e beber.

Com o intuito de apresentar um panorama em um momento festivo, descrevemos alguns cenários que foram se desenhando. Tais como atitudes de algumas pessoas da comunidade, suas

¹⁵⁵ Maneira como também chamo a Jaciguara.

¹⁵⁶ O pai da noiva é conhecido como Rato.

interações e articulações mediante um momento de socialização e descontração entre alguns Calon.

Durante a festa, observamos que sob as tendas, em suas extremidades, situavam-se grupos de homens e adolescentes em torno de mesas aproveitando a festa e interagindo. As mulheres, em sua maioria, sejam elas adolescentes ou adultas, ocupavam o centro das tendas e dançavam muito sozinhas, em roda ou em par com outras ciganas. Perguntei para Cassandra o motivo de os maridos não dançarem com suas esposas, e ela disse que era raro, muitas vezes somente depois que eles bebessem um pouco mais.

Mais ou menos uma hora depois de ter começado a festa, as ciganas, filhas e nora da dona Jaci, saíram para trocar de roupa. Pouco tempo depois, voltaram com outros vestidos tão bonitos e adornados quanto os anteriores. Olhamos em volta e percebemos que outras ciganas e ciganos que estavam na festa fizeram o mesmo. A noiva, durante o tempo em que estivemos na festa, entre 12h30 e 15h30, trocou duas vezes de roupa. Acontecimentos que foram registrados por vídeo, pois havia um casal que estava filmando a cerimônia de casamento e a festa¹⁵⁷.

Outrossim, as filmagens realizadas registraram que, durante o transcorrer da comemoração em comunidade, o pai da noiva e parentes cuidavam para que os convidados estivessem bem servidos de comida e bebida. Por isso, o pai da noiva percorria todo o espaço festivo oferecendo bebida gelada para aqueles que desejassem. Houve um momento em que algumas mulheres partiram os bolos, que tradicionalmente nesta comunidade é em número igual à quantidade de madrinhas do casamento, visto que são elas que presenteiam o casal com a iguaria. Dessa forma, percebia-se o prazer, dos proponentes da festa, em manter todos os convidados satisfeitos.

Algo que também perpassou durante a festa foi o fato de um grupo de adolescentes e adultos jovens estarem assistindo ao jogo do Brasil, quartas de finais, pelo celular e, ao mesmo tempo, passarem um pouco do que acontecia durante a partida para as pessoas no geral. Foi desolador quando o Brasil perdeu o jogo e se retirou da Copa do Mundo 2022. O grupo se dispersou e Vitor, filho de dona Jaci, chutou sua latinha de cerveja para o vazio e saiu, aparentemente, demonstrando insatisfação.

Willamis estava na festa e notamos que ele esteve bem articulado. Cumprimentou muita gente e fez muitas interações com outros ciganos e ciganas. Participou efetivamente dançando,

¹⁵⁷ Ver casamento no you tube no link: <https://youtu.be/Qq2dtu4NZKw>

comendo, bebendo, brincando junto com seus parentes, como também transmitiu um pouco da festa fazendo postagens em um grupo de *WhatsApp*¹⁵⁸ que foi formado naquele mês.

Quanto aos noivos, eles ficaram a maioria do tempo separados. O noivo junto a outros ciganos em um canto do espaço da festa, a noiva dançando junto com outras meninas da sua idade, também tirou fotos com elas e seu marido. A noiva ainda dançou em par com os ciganos da comunidade, situação que era coordenada pelas mulheres mais velhas presentes, o que nos pareceu uma forma de cordialidade pela presença destes na festa.

Portanto, a ritualística do casamento como um elemento de expressão cultural entre os ciganos de Penedo é muito significativa, no sentido de fortalecer o pertencimento ao grupo étnico e ao espaço de sociabilidade em que as gerações se encontram num momento de celebração de alianças entre familiares que se fortalecem por meio de um enlace que, na maioria das vezes, se dá com um parente. Ademais, também se constituiu em um momento de estímulo a busca entre outras famílias, de noivos e noivas para os ciganos e ciganas que se encontram solteiros e solteiras, pois, a nosso ver, as festas de casamento podem se constituir em uma vitrine dos Calon e das Calin mais jovens e solteiros/as.

3.1 Apontamentos sobre o cotidiano: etnicidade, casamento, família e religião

Nas conversas e vivências junto a algumas Calin, no arranjo familiar, constatamos que os Calon de Penedo prezam por casamentos dentro do grupo étnico. Em razão disso, há muitos casamentos com primos consanguíneos, embora se digam primos entre si, mesmo não tendo parentela consanguínea. Em vista desse fato, perguntamos para Jaciguara se ela se encontrou com o grupo Calon ao qual o seu marido pertencia quando andava de animal. Ela sinalizou que sim, e que seu marido não era seu parente.

Acrescentou que foi o padrinho dela quem falou com a sua mãe e seu padrasto para casar-se com o Calon que se tornou seu marido. Entretanto, a Jaciguara falou que antigamente eram os pais que escolhiam os maridos das filhas e muitos noivos somente se conheciam na hora de casar-se, mas hoje são elas que escolhem. Perguntamos o que Jaciguara achava da forma do casamento de hoje, ela expressou que agora era mais fácil que as ciganas “casassem errado”¹⁵⁹ do que como era feito antigamente.

¹⁵⁸ Grupo denominado de “Rede Nacional Cigana”.

¹⁵⁹ Não sejam felizes.

Desta feita, começou a lembrar que “arranchavam” na Barra de São Miguel-AL,¹⁶⁰ perto do mar e ficavam ouvindo o barulho do mar e asseverou que “era meio mundo de ciganos”¹⁶¹ e, nesse tempo (anos de 1970), os Calon não sabiam o que era televisão, energia, fogão a gás. No tocante ao destaque de Jaciguara, quando sua tia Odete¹⁶² a visitou, comentou que achava melhor o tempo em que andava de animal e que: “Deus perdoe-me, mas que não vale nada esse tempo de agora”¹⁶³.

Esmeraldina explicou que os casamentos ciganos nunca começam pela noite; ou sucedem pela manhã, umas 10 horas, ou pela tarde, umas 14 horas. No dia anterior ao casamento, ocorre a “matança” e cozimento dos animais que irão ser servidos na festa. No dia do casamento, logo cedo, cozinham as comidas que irão acompanhar as carnes. Essas comidas são cozidas em panelas grandes e num fogão extenso, tendo como combustível o carvão, e são todas colocadas no fogo ao mesmo tempo. Depois de tudo pronto, colocam-nas em marmiteix (depósito para alimentos) e, durante a festa de casamento, cada família recebe uma marmita. O casal de noivos é presenteado pelas madrinhas, geralmente, com os bolos para a festa.

Os Calon da Vila Matias se organizaram no espaço cuidando para que a família nuclear e extensa vivessem próximas, com isso formaram uma grande comunidade. Moram em casas de alvenaria, na maioria das vezes feitas por eles, em lotes de terrenos com parentela, muitas vezes, dividindo o mesmo quintal.

Em suas falas, percebeu-se que é muito importante fazer com que seus filhos formassem suas próprias famílias. Assim, aprendemos esses dias com Esmeraldina, Vick, Leninha e Marquiane, filhas da Jaciguara, que é importante dar atenção àqueles familiares que se encontram em condições mais difíceis do que as delas, pois elas falaram que queriam fazer uma comemoração de aniversário em família para seu irmão, o Filipe¹⁶⁴, visto que ele estava sem seu pai, não tinha ainda uma esposa e nem filhos. Cabe destacar que, segundo elas, também perderam o pai, mas já tinham seus maridos e filhos. Vê-se, desse modo, a significação que as Calin referidas deram a aspectos, tais como ter pai vivo, casar-se e ter filhos, no sentido de que os formatos referidos alavancam condições mais favoráveis para uma existência com mais entusiasmo e boa reputação.

¹⁶⁰ Cidade localizada na Região Metropolitana de Maceió, no estado de Alagoas.

¹⁶¹ Diário de campo, jul./2022.

¹⁶² Odete Santos que nasceu em 1925 na cidade de Viçosa-AL, está com a idade de 97 anos. É viúva e teve 12 filhos.

¹⁶³ Diário de campo, jul./2022.

¹⁶⁴ Filipe Alves da Silva. Filho de Jaciguara que tem 18 anos.

Jaciguara salientou que se preocupava muito com a saúde de sua filha Esmeraldina e, por isso, passa curtos períodos de tempo lendo mão fora de Penedo. Depois que o seu marido faleceu, não tem mais alegria. Explicou que, quando começou a olhar para as fotos ficou relembando e chorou. Para ela, a coisa mais importante foi os filhos e filhas que eles tiveram e o esposo. Lamentou-se da vida algumas vezes, em voz alta, e de ainda não ter arranjado um casamento para o seu filho mais novo, o Filipe¹⁶⁵. Marquiane comentou que sua mãe é assim, preocupada. Por sua vez, Esmeraldina disse que entende sua mãe e que ficou muito pesado para ela depois que seu pai morreu.

Esmeraldina, quando comentou sobre o casamento, asseverou que é difícil um cigano casar-se com uma cigana que não seja virgem, mas os ciganos podem não ser virgens para o casamento. Os ciganos, antigamente, ficavam logo noivos, passavam 3 a 4 meses noivos e; depois, casavam-se. Contudo, o noivado poderia ser desfeito, pelo fato de estar gostando de outra pessoa. Com a cigana, é diferente hoje em dia, ela somente diz que quer casar-se com aquele de quem ela gostou. Ainda destacou que os ciganos são diferentes, sim, têm cultura. “A pessoa que é “brasileira” não tem cultura, aquela coisa certa para cumprir”¹⁶⁶.

Com essa narrativa, Esmeraldina elencou, como um aspecto relevante para o pertencimento ao grupo cigano, o fato de que este se organizou por meio da expressão de características culturais que, na sua visão, era algo que se tinha costumeiramente para cumprir. Aspecto que Esmeraldina contrapôs ao modo de vida dos “brasileiros”, significando-o como sem cultura.

Esmeraldina falou que acabou aquele tempo em que se casavam sem a própria Calin ou Calon escolherem e pontuou que, entre ciganos, acontece da seguinte maneira: seu filho/filha está gostando de alguma menina/o, ele/a, fala com os seus pais e pede para ir com ele/a falar com os pais da/o menina/o para se casarem. Caso a/o menina/o queira, já faz uma festa e eles ficam noivos. Então, o menino irá toda noite à casa de sua noiva conversar com ela, ou de dia também, para conversar com os pais dela. Depois de poucos meses, eles se casam¹⁶⁷.

¹⁶⁵ Em 13/12/2022 ficamos sabendo, por mensagem de WhatsApp, que o Filipe ficou noivo de sua prima em primeiro grau no dia 11/12/2022 e houve uma festa de noivado. No mês de abril de 2023 foi realizado o seu casamento com Mayara, sua prima. Jaciguara, sua mãe, alugou uma casa para os recém-casados morarem e enquanto isso já levantou as paredes da casa própria dos noivos, no terreno que fica entre a casa de Jaciguara e de sua filha Marquiane. Jaciguara comentou que teve que parar a construção da casa devido à realização do casamento, em que empregou alguns recursos financeiros.

¹⁶⁶ Diário de campo, jul./2022.

¹⁶⁷ No final de fevereiro de 2023 Willamis nos pediu para redigir um ofício para a prefeitura de Penedo pedindo tendas, palco e som para o casamento do Filipe, seu cunhado, previsto para os dias 7, 8 e 9 de abril/2023. E fomos convidadas.

Quanto ao papel da mulher Calin casada, relataram que caso ela não saísse para ler a mão, deveria cuidar da casa e do almoço do marido. Salientou que, hoje, a maioria das ciganas têm poucos filhos devido às coisas que são mais difíceis, e asseverou que ter muitos filhos significa sofrimento. Disseram que atualmente é mais fácil evitar filhos, fazendo cirurgia ou tomando comprimido. No tempo em que se andou de burro não era assim.

Quanto à postura da mulher casada, Esmeraldina contou que a Calin não conversa com outros homens que não seja da família; caso seja um parente, somente diante de outras Calin. Mas, na presença de seu marido que está com seus amigos em sua casa, ela pode oferecer comida, água, café e sair como se fosse “muda e surda”, pois “a conversa é com o seu marido, não é com você. O que faz uma mulher casada conversando com outros homens? A cigana é muito reservada”¹⁶⁸.

As famílias Calon da Vila Matias colaboram entre si para realização de atividades como: auxiliar nos preparativos de casamentos; na realização de operações financeiras que utilizem aplicativos para recebimento de auxílio governamental, aposentadorias, emissão de cartões de crédito, compras; fretamento coletivo de transporte para viagens de negócios de compra e venda, para colher roça, realizar pesca em outros municípios e para o lazer.

Quando um dos filhos de Jaciguara esteve para fazer uma cirurgia em Maceió, todos de sua família se mobilizaram e tiveram algo para falar, opinar, de alguma maneira para ajudar. Alguns membros da família extensa prestaram solidariedade, visitando-o e quiseram saber notícias a respeito. Esse pareceu ser o assunto mais importante daquele momento.

Em um dos dias em que estivemos na casa da Jaciguara, sua filha Eliane, por motivo de uma crise epilética, desmaiou e as Calin presentes começaram a gritar e, ao mesmo tempo, tentaram realizar os procedimentos necessários para quem tem esse tipo de crise. Nessa ocasião, quando menos se esperou, na área externa da casa, chegaram muitas Calin vindas das casas próximas e da igreja evangélica.

As Calin evangélicas que frequentam a igreja Assembleia de Deus dos Milagres, localizada em frente à casa da Calin Jaciguara, passaram óleo da igreja em Eliane, e com todos os auxílios ela ficou consciente. Foi então que seu irmão mais velho, Márcio, que foi acionado por Filipe, chegou com o carro e a levou para o atendimento de emergência na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) local, juntamente com outros membros da família. Em seguida, chegaram também alguns Calon para saber do ocorrido e acalmar a família.

¹⁶⁸ Diário de campo, jul./2022.

Em uma das tardes em que estive conversando com Esmeraldina, ela nos contou que um ônibus fretado, com ciganos e ciganas, tinha saído umas 7h30 da manhã da comunidade, levando-os para colher feijão em uma roça que foi doada em Coruripe¹⁶⁹. Foram os Calon do município de Coruripe que avisaram aos Calon de Penedo para irem. Então, sua mãe e uma de suas irmãs se juntaram aos outros Calon de Penedo para realizarem essa atividade.

Contaram que o Calon Francisco, já falecido, único irmão de Jaciguara fundou, em 2018, na Vila Matias, a Igreja evangélica “Assembleia de Deus dos Milagres”, que se localiza na mesma rua que a cigana Jaciguara mora, em frente à sua casa. Seus parentes se batizaram e a maioria dos Calon de Penedo também se converteram. Antes disso, os filhos e filhas de Jaciguara já acreditavam em Jesus, mas não tinham religião certa.

Segundo a Marquiane, seu avô paterno, conhecido por Dé, era curandeiro. O pai do seu marido era como um pai de santo, “mas eles não faziam maldades”¹⁷⁰, distinção que a referida Calin pontuou, a meu ver, para demarcar e resguardar a reputação de seus parentes diante dos princípios evangélicos a que ela aderiu. Por sua vez, alguns Calon evangélicos diziam que eles eram “macumbeiros” e estão “repreendidos em nome de Jesus”. Mas, os ciganos em geral, antes de serem evangélicos, valiam-se de Deus e “faziam promessas para Nossa Senhora Aparecida”.

Entretanto, em outra localidade, conforme Jaciguara relatou, em um lugar chamado Pedrinhas, para os lados da Bahia, um cigano chamado Raimundo foi assassinado por um brasileiro por colher frutas em suas terras. Em sua lembrança, os moradores do lugar fizeram uma casinha e colocaram uma Santa e acendiam vela e depositavam réplicas de perna, de braço, faziam promessas e costumavam repetir a expressão: “valei-me o anjo da guarda do velho Raimundo”. As pessoas diziam que davam certo as promessas, narrativa que corroborou para ilustrar aspectos da vida de alguns ciganos na relação com a sociedade mais ampla.

Enquanto conversávamos com Vick, Marquiane, Esmeraldina, Leninha e Jaciguara, acontecia um momento de costura, conforme registramos em fotografias (ver Figura 13). Nesse momento, realizaram as atividades de cortar e costurar “saias ciganas” para o casamento que se aproximava, bem como para usarem no cotidiano. Fomos espectadoras em toda essa atividade. Vick, como a mais atenta à costura das saias, nos presenteou com a costura de uma saia. No dia combinado para a costura dessa saia (ver Figura 14), Esmeraldina comentou que a “saia cigana” não tem abotoadura e que ela deve ser vestida e retirada pela cabeça.

¹⁶⁹ Cidade alagoana que fica, aproximadamente, a 1 (uma) hora de distância de Penedo.

¹⁷⁰ Diário de campo, jul./2022.

Figura 13 – Corte e costura de “saias ciganas”.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Fotografia 14 – “Saia cigana” feita por Vick.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Quanto ao luto, as filhas de Jaciguara disseram que a viúva veste azul e, por isso, elas não gostam de roupa azul. Jaciguara tem se trajado somente de vestido de cor azul devido a sua viuvez. É de costume, quando se vai ao velório, vestir a roupa mais velha para não desrespeitar o falecido nem sua família. Caso alguém vá com roupa nova, com brilho, a família do falecido pede para ela sair do velório. Esmeraldina afirmou que a sua família “é muito sentimental”, e, em relação aos ciganos, no geral, uns são, outros não.

Elas debateram que foram as mulheres casadas que inventaram essa questão de a viúva vestir azul. Esmeraldina comentou: “que Deus a livrasse”, mas, se um dia ficasse viúva, iria vestir preto com pintinhas brancas e não vestiria azul. Segundo Jaciguara, ela ainda guarda as roupas do seu falecido marido e espera alguém que tenha coragem de atear fogo nelas, pois ela não tem. Acerca desse fato, sugerimos que fizessem a doação das roupas, mas Marquiane falou que “cigano não doa as roupas de quem morreu”, ou “toca” fogo ou guarda até se desgastar. Um quadro de código moral foi delineado na perspectiva da família de Jaciguara relacionado às questões do luto, da viuvez, da morte de parentes próximos, demarcando maneiras consentidas de vivenciar a morte e o seu contexto.

Em uma das muitas conversas que tivemos com Esmeraldina, ela sugeriu que seria bom que explicássemos que tipo de cigano estamos pesquisando. Em seguida, afirmou que existem três tipos de ciganos: os Rom, os Calon e os Sinti. Porém, segundo ela, “o verdadeiro, o verdadeiro cigano mesmo é o Calon”¹⁷¹. Mediante o que foi dito, indagamos sobre como ela teve acesso a essa informação, e ela alegou que foi devido à “descendência do Egito”. Explicou que sua avó, que morreu com 60 anos, há mais ou menos dezesseis anos, falava sobre isso. Assim, com o desenvolvimento da fala de Esmeraldina, passamos a entender que ela se reportou à questão do “tipo de cigano”, no sentido de chamar a atenção para o “tipo original”, que tem sua autenticidade demarcada pela origem no Egito, que foi creditada aos de etnia Calon, conforme relato feito pela sua ancestral.

Esmeraldina relatou que o “Chibi”, dialeto dos Rom, é diferente do dos Calon. Quando perguntei sobre Santa Sara Kali, ela explicou que o povo Rom é que é devoto dela e que seus antepassados não falavam de Santa Sara Kali. Esmeraldina, recuperando uma fala de Willamis, contou que ele esclareceu para ela que a Santa Sara Kali é padroeira dos ciganos, mas eles não a cultuam nem nunca a cultuaram.

Ao conversar com Sônia tia de Esmeraldina, quando visitou o quintal da Jaciguara, explicou que tem 65 anos, teve sete filhos e que somente o último nasceu na maternidade e, mesmo assim, não deixou ninguém tocar nela. Conta que, com a idade que tem, nunca fez um exame ginecológico, nunca foi ao médico. Assim, quando está doente, ela mesma vai à farmácia e compra o remédio, pois já sabe qual é.

Sendo assim, após explorarmos algumas questões das memórias do processo de “morada”, do cotidiano dos Calon da Vila Matias e alguns aspectos dos seus quadros de valores, passamos a refletir sobre um importante evento que se desenvolveu durante a pesquisa de campo, do qual participamos.

3.2 Comemorando o Dia Municipal da “Etnia Cigana”

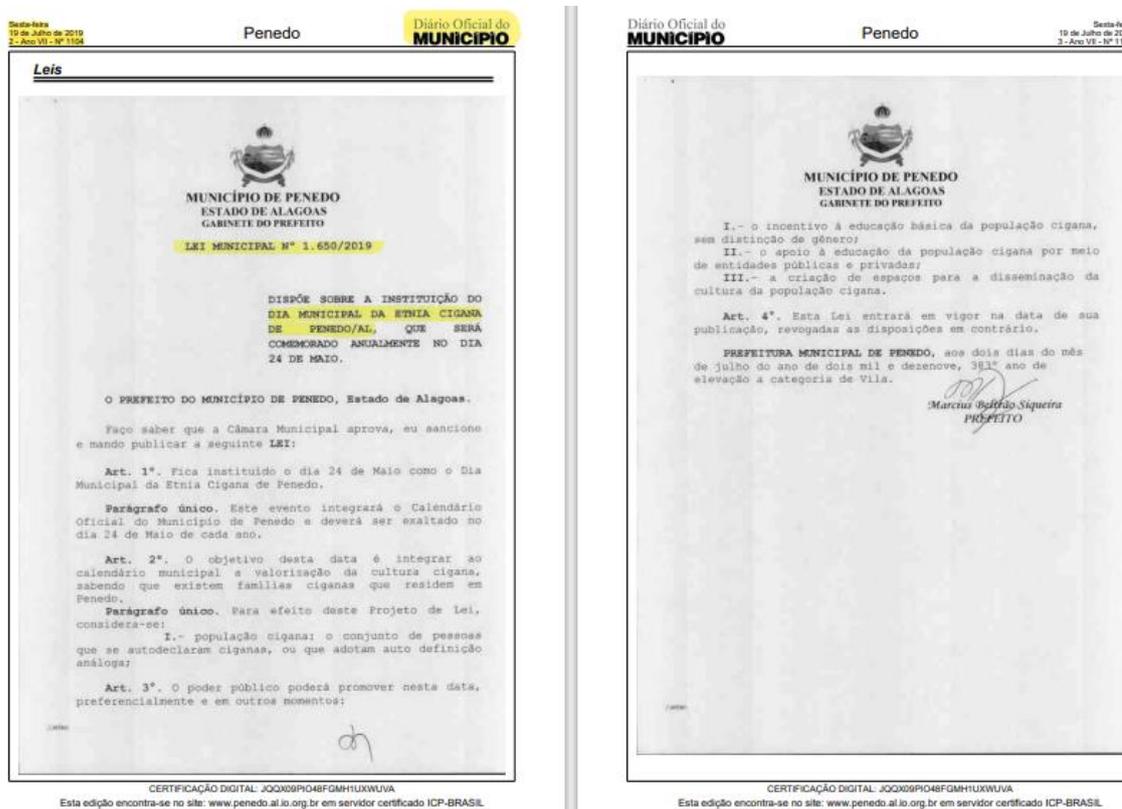
Em vista de estarmos construindo reflexões acerca das memórias do processo de morada e da questão identitária que envolve os Calon de Penedo, salientamos que a municipalidade, por mais inusitado que pareça, elaborou e publicou a Lei Municipal Nº 1.650/2019, em 19 de julho de 2019 (ver Figura 15), cujo projeto de lei¹⁷² foi proposto pelo vereador Fagner Matias

¹⁷¹ Diário de campo, jan./2022.

¹⁷² PL nº 010/2019.

dos Santos, então filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que dispõe sobre a instituição do Dia Municipal da Etnia Cigana de Penedo/AL.

Figura 15 – Lei Municipal nº 1.650/2019.



Fonte: Diário Oficial do Município de Penedo –AL. Disponível em: < [SAI - Diário Oficial - Prefeitura Municipal de Penedo](#) > Acesso em: 03 de jun. de 2023.

Essa Lei reitera que o “Dia Municipal da Etnia Cigana” será comemorado anualmente no dia 24 de maio, com o objetivo de valorização da “cultura cigana”, conforme está grafado no texto da referida Lei. Todavia, não referendou, por meio da lei em tela, a etnia Calon, e sim o genérico “cigano”, e ainda deu a este, equivocadamente, o status de etnia. Fato e circunstância que contribui para uma avaliação e entendimento da ausência de informações mais aprofundadas levando à construção de conhecimento abalizado acerca da etnia Calon e dos Calon de Penedo, no tocante à municipalidade.

Além do mais, no texto da Lei estão expressas as possíveis formas que o “poder público” poderá desenvolver para comemorar esse dia, sem nenhuma garantia de que, de fato, haverá essa comemoração, que está direcionada para atividades que promovam o incentivo e o apoio à educação básica e, no geral, a “criação de espaços para disseminação da cultura da população cigana”.

Mediante o texto da Lei e pensando em espaços de sociabilidades que poderiam ser proporcionados pela municipalidade e mesmo por agentes públicos, como equipes pedagógicas de secretarias e/ou escolas municipais e estaduais que têm como público ciganos, fomos surpreendidas pela passagem da comemoração da independência do Brasil, no costumeiro desfile cívico estudantil, na cidade de Penedo, pela participação de estudantes ciganos formando uma ala no citado evento em 2022. Fato de que ficamos a par por intermédio de Adalgisa, que nos enviou, por *WhatsApp*, uma imagem representativa desse momento, conforme podemos ver a seguir (ver Figuras 16, 17 e 18).

Figura 16 – Ala da comunidade cigana no desfile cívico estudantil de 2022 comemorativo da Independência do Brasil em Penedo - Centro Histórico.



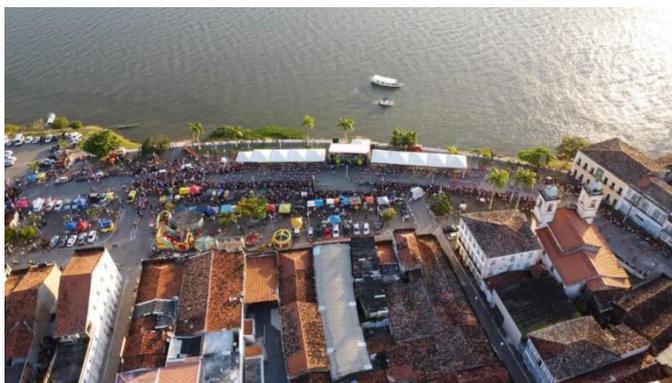
Fonte: Penedo AL (Disponível em: <https://penedo.al.gov.br/2022/09/08/penedo-realiza-o-melhor-e-mais-emocionante-desfile-civico-de-alagoas/>. Acesso em: 01 de dez/2022).

Figura 17 – Panorâmica do desfile cívico estudantil de 2022 comemorativo da Independência do Brasil no Centro Histórico em Penedo.



Fonte: Penedo AL (Disponível em: <https://penedo.al.gov.br/2022/09/08/penedo-realiza-o-melhor-e-mais-emocionante-desfile-civico-de-alagoas/>. Acesso em: 01 de dez/2022).

Figura 18 – Panorâmica do desfile cívico estudantil de 2022 comemorativo da Independência do Brasil no Centro Histórico em Penedo.



Fonte: Penedo AL (Disponível em: <https://penedo.al.gov.br/2022/09/08/penedo-realiza-o-melhor-e-mais-emocionante-desfile-civico-de-alagoas/>. Acesso em: 01 de dez/2022).

Perguntamos a Willamis qual o contexto da elaboração dessa Lei, e ele relatou que houve uma audiência pública, e que os ciganos presentes referendaram a Lei conforme ela se apresenta. Passados 3 (três) anos de sua publicação, em nenhum desses anos o município de Penedo esboçou nenhuma forma de comemoração dessa data, numa atitude evidente de descumprimento da lei e, acima de tudo, de descaso com a população Calon.

Então, em 2022, por iniciativa de Willamis – incentivado e apoiado por nós –, foi organizado um evento intitulado: “1º Dia Municipal dos Ciganos em Cristo”, que se desenvolveu por meio de um culto evangélico com pregações e louvores em comemoração a essa data, conforme anuncia o cartaz organizado para divulgação do evento (ver Figura 19). A Prefeitura de Penedo contribuiu consentindo a utilização da quadra de esporte de uma das escolas municipais, para sediar o evento, e com uma mesa de som que Willamis solicitou, por meio de ofícios.

Ainda que a prefeitura tenha atendido às solicitações de Willamis, no dia do referido evento ocorreu um contratempo, pois ela mudou, de última hora, a escola que o sediaria, com a alegação de que a quadra da escola solicitada, situada na Vila Matias, ainda não havia sido inaugurada pela municipalidade. Esse fato foi motivo de atrasos, além das chuvas torrenciais que caíam na cidade.

O referido evento foi realizado no dia 24 de maio de 2022 (ver Figura 20) e contou com a presença de algumas famílias Calon que são evangélicas. Iniciou por volta das 18h e teve duração de aproximadamente duas horas.

Figura 19 – Cartaz de divulgação do 1º Dia Municipal dos Ciganos em Cristo.¹⁷³



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Figura 20 - Comemoração do Dia Municipal da Etnia Cigana em Penedo – AL.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Embora tenha sido um dia chuvoso e ocorrido a mudança do local do evento horas antes de sua realização, foi muito importante participar dessa festividade, pois vimos que os ciganos presentes estavam entusiasmados com a celebração e isso pareceu importante no sentido de comemorar, na ocasião, a questão de serem mais aceitos em Penedo e ainda realizarem na cidade e entre os Calon um movimento interessante com vistas à busca por espaços de sociabilidade.

Tal comemoração nos fez refletir sobre estar em suas conversões ao protestantismo, um dos fatores que têm sido relevante na busca pela aceitação da sociedade mais ampla de Penedo, para com a presença da comunidade cigana, no sentido de que seria um ponto em comum com

¹⁷³ Cartaz elaborado pela pesquisadora, a partir de informações fornecidas por Willamis e de um áudio que ele gravou para divulgação.

grande parte dos não ciganos, visto que, desde alguns anos atrás, muitos Calon são “Ciganos em Cristo”, como está expresso no cartaz de divulgação em tela. Perguntamos a Willamis o motivo de ele ter comemorado esse dia com um culto evangélico, e ele explicou que é pelo fato de ser evangélico e a maioria do povo cigano ser cristão.

E, ao indagar ao Sr. Júlio sobre o fato de terem acontecido mudanças positivas nas relações sociais entre ciganos e não ciganos e, principalmente em relação às atitudes da polícia vinculadas a preconceitos, ele me respondeu:

Mudou, sabe por quê? Por que Jesus é quem muda. O Deus todo poderoso. Botou nós aonde? No ministério. Orando, por quem? Pelo senhor salvador Jesus Cristo. Que Ele é que é o bom, é Ele. Ele é quem dá a salvação da senhora, a minha. Se a senhora tem um ovo vai comer, divide ao meio comigo. Eu tenho, vou dividir com a senhora. Que Jesus tá sabendo que está fazendo a bondade. E quem faz aqui o errado, paga aqui mesmo. Quem faz a bondade, Jesus está vendo e diz: esse aqui não mexa não, que esse aqui é meu (SR. JÚLIO, DIÁRIO DE CAMPO, DEZ., 2021)¹⁷⁴.

Assim, refletimos que a narrativa anterior corrobora a ideia de que a adesão às práticas religiosas evangélicas, por parte dos ciganos de Penedo, tenha se constituído um ponto relevante para minimizar algumas das tensões que assolam as relações entre ciganos e não ciganos no desenvolvimento do processo de “morada”, no sentido de que a maioria da comunidade cigana de Penedo tenha acolhido “Jesus como seu salvador”. E, a partir de então, tenham se transformado, também, nos “escolhidos de Jesus”.

Fazendo um contraponto com o exposto, aludimos que tal ideia difere das representações dos Calon de Sousa – PB, conforme as apresenta Goldfarb (2013) quando afirmou que reivindicaram um “tempo de atrás”, revestido de tradição por serem nômades e peregrinos como Jesus fora. E por meio da sua fé, os ciganos tenham se tornado “mensageiros de Jesus” e, por isso, seguem essa tradição de andar como peregrinos espalhando sua fé, como Jesus o fizera.

Nesse contexto, os Calon de Penedo com os quais estivemos, não reputaram a “tradição de andar” atrelada a uma peregrinação que os vinculavam ao que Jesus fazia, todavia, se considerem investidos de uma tradição que os fazem pertencentes a uma etnia que tem sua origem no Egito e, somente no desenvolvimento do processo de “morada” em Penedo, como um elemento significativo deste processo, alguns se fizeram “ciganos em Cristo”, inaugurando outra forma de vivenciarem sua religiosidade.

¹⁷⁴ Entrevista concedida em Penedo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De andadores de animais a andadores de carro fretado, pau de arara e ônibus de passageiros; de fazedores de alianças, de prestamistas, de leitoras de mãos e pedintes; de vendedores ambulantes a construtores e vendedores de casas; de participantes de desenvolvimento de profissões e de ofícios; de ativistas; e de escolhidos de Jesus, os ciganos Calon de Penedo-AL percorrem um longo caminho ressignificando o seu cotidiano, em busca de serem visibilizados e reconhecidos.

Para os Calon, ressignificar o cotidiano perpassou pela possibilidade de desenvolvimento de um processo de “morada” e estabelecimento de parâmetros distintos da forma de sobrevivência costumeira em meio ao intercâmbio de “conceitos e ideias” junto à população mais ampla da cidade. Embora, essa população ratifique um imaginário coletivo que implica formas de preconceitos e discriminações, por vezes, é interpelada pelas presenças dos ciganos Calon no ir e vir de suas circulações/itinerância.

Contudo, os ciganos, na historiografia mundial e nacional, foram escanteados e colocados, por meio de um rolo compressor de forças estigmatizantes, a viverem sempre à margem e, por isso, tiveram que se fortalecer como grupo étnico, no sentido da sua sobrevivência. Não tiveram muitas oportunidades de vivenciarem a educação formal, uma vez que eram considerados à margem da sociedade e incluídos na categoria de sem nação, sem pátria e sem lei. Portanto, inexistentes para o aparato estatal e, conseqüentemente, para a população não cigana. Por fim, deixados ao largo do tácito valor jurídico de serem cidadãos.

No tocante à dinâmica territorial que vem se desenvolvendo no processo de “morada”, considerando refletir sobre as memórias deste processo, os dados explicitam que ocorriam passagens e pousos recorrentes dos Calon, tendo como cenários a cidade de Penedo e suas cercanias. Em dado momento, mantiveram-se na cidade, sempre em circulação, mediante a abertura e permissão da municipalidade, afiançados por uma “proteção política” na figura do Prefeito, que os impeliu a viverem em espaços distanciados do Centro Histórico.

Em meio às tensões com os não ciganos, majoritários na cidade, e o controle social exercido pela municipalidade, os Calon concorreram para a expansão de área habitada de Penedo, conhecida por “parte alta” e foram construindo um território. Entretanto, faz-se necessário entender que a “proteção” inicial oferecida para os Calon se dava em que ficassem em barracas nos terrenos baldios, embora vivenciassem tensões diante da truculência policial e, às vezes, dos proprietários descontentes.

Refletindo sobre a noção de fronteira étnica, tivemos a impressão de que os Calon e as Calin se organizavam socialmente mobilizando-se ora para suprir a subsistência com seus negócios, ora para usufruir os aparatos públicos e mobilidades se estabeleciam, muitas vezes, alheios à dinâmica cidadina, como algo à parte. Os Calon se resguardam em um mundo que eles arquitetaram e/ou a que foram lançados, como uma maneira de se estabelecerem em Penedo, vivenciando a parte alta da cidade quase como um território exclusivo.

Por isso, entendemos que as fronteiras étnicas se estabelecem no convívio social amparadas em aspectos culturais que os Calon primam por manterem, embora haja um movimento diferenciado das novas gerações, e, ao mesmo tempo, assentam-se em quadros de referências que as instituições penedenses prezam em conservar, que se tornam patentes nos ícones feitos emblemas, que consistem em fortalecer uma ligação e recordações de um passado colonial considerado, pelos penedenses, admirável e glorioso.

Embora suas existências tenham sido rechaçadas e, muitas vezes, desconsideradas, após a permissão para ficar e a diminuição e/ou reconfiguração dos ataques dos quais eram alvos, os Calon de Penedo foram paulatinamente construindo um caminho na conquista de espaços comuns junto à população majoritária e, também, erigindo fronteiras que organizam as trocas culturais, mas que, uma vez ou outra, deparam-se com transbordamentos e descontinuidades.

Porém, em termos de difusão, faz-se importante entender como são interpretados e significados os cenários locais. No tocante a isso, as vezes que conversamos com moradores e moradoras de Penedo não ciganos, em grande parte expressavam terem uma representação pejorativa dos ciganos utilizando termos depreciadores e emblemáticos em referência aos Calon da Vila Matias.

Considerando suas andanças, entendemos, segundo os ditos dos Calon, que andar de animal limitava a circulação dos ciganos de Penedo. Mas, por ocasião da venda dos animais no desenvolvimento do processo de “morada” e passarem a utilizar veículos automotores, os Calon ampliaram os espaços de circulação modificando suas trajetórias para fazer e ampliar os negócios.

Assim, os Calon de Penedo vêm protagonizando um sentido de existência e pertença étnica, que foi se transformando a partir do momento em que, por meio da proteção velada da municipalidade com doações de terrenos, foi-lhes permitido permanecerem, inicialmente, em suas barracas e, posteriormente, em suas casas de alvenarias. Dessa forma, transformaram a sua relação com o espaço, utilizado na forma de passagem e pouso, para um território habitado, reconfigurando sua forma de itinerância no sentido de mudarem/ampliarem suas estratégias

para os negócios, em vista de condições instrumentais diferenciadas que no dizer da Calin Jaciguara: “trabalham fora para comer aqui”.

No tocante aos regimes de memórias e refletindo a partir dos dados sistematizados por meios de matérias de jornais e de contato com os não ciganos, evidenciou-se, de forma patente, alusões que colocam os Calon constantemente como exóticos, devido aos não ciganos de Penedo apresentarem peremptoriamente aversão à eles, mas que por travarem uma luta cotidiana para “vencerem nos patamares da vida” e “evoluírem” considerando os parâmetros de vida não cigana, são, por isso, admirados e devem ser acolhidos no seio da sociedade mais ampla, como frisou o vereador Sr. Josué.

Para os Calon e Calin colaboradores desta pesquisa, suas memórias ressignificadas em lembranças dizem de uma vida de agruras, de sofrimentos, de perseguições, de exclusões, mas também da alegria por estarem com seus familiares na vivência da andança e, mesmo depois, no “sossego” da “morada”, continuarem em circulação, visto que afirmam que a “tradição dos ciganos é de andar”. Tradição que vem de seus antepassados, do Egito, e que os faz “escolhidos de Jesus” e os alça à condição dos “Ciganos Originais”.

A partir dessas ideias e significações, os Calon de Penedo, visto que lutam e buscam por reconhecimento e como “escolhidos de Jesus” pela ancestralidade, em sua maioria, converteram-se ao protestantismo, no ministério de Jesus, pondo-se como “Ciganos em Cristo”. Condição que faz ressignificar o seu cotidiano, pois que erigiram templos, alcançaram a posição de pastores e de pregadores, para reconstruírem sua reputação diante da sociedade mais ampla como forma de viverem aspectos comuns em sua religiosidade.

Consoante às questões identitárias, têm como elemento cultural significativo, que se vem fazendo presente no seu cotidiano, o dialeto Chibi. Entretanto, tem sido pouco falado no seio da comunidade, já que é de passagem oral entre os ciganos, e os mais novos terem dificuldade de compreender e mantê-lo. Contudo, o rito do casamento cigano tem sido cultivado de forma ressignificada, e tem sido motivo de tensões no seio da comunidade, visto que se configura como “fonte de conflitos”. Uma vez que muitos ciganos e ciganas da comunidade são evangélicos, há uma certa divisão entre ciganos que querem seguir as prerrogativas religiosas conforme o ministério em desenvolvimento, e outros que apreciam uma costumeira forma de realizar seus casamentos.

Em vista dos espaços de sociabilidades, Willamis, liderança cigana que tem o papel na comunidade, dentre as questões que envolve a vivência citadina e cotidiana, de articulador entre a “sociedade mais ampla” e a “comunidade Calon ou cigana” e na relação intergrupar, vem atuando de forma consequente, tentando estreitar as relações, à medida que aciona os Calon

para algumas atividades relacionadas às políticas públicas, à escuta qualificada, participando de forma institucional em espaços de reivindicação e construção coletiva em vista da categoria de Povos Tradicionais em que os ciganos são enquadrados pelo Poder Público na contemporaneidade.

Esse constante movimento dos Calon dentro e fora de Penedo os têm colocado, como protagonistas de muitas mudanças ocorridas no contexto da cidade de Penedo, que tem implicado o acesso aos aparatos da saúde, educação, assistência social entre outras ações; assim como poder vivenciar espaços de lazer na cidade, como em momento cívico, ter o apoio da municipalidade, quando acionados, em aspectos operacionais específicos, em razão de casamentos, aniversários e comemoração do Dia Municipal da Etnia Cigana, entre outros.

Vale ressaltar que o avanço do protagonismo dos Calon de Penedo e um certo ativismo dos ciganos do Brasil, por meio de associações em busca de referendar e legitimar direitos, tenha provocado na representação da municipalidade, na atual conjuntura, a abertura para projetar e transformar em Lei um dia comemorativo para a “etnia cigana”. E ainda que haja equívoco quanto à denominação da referida Lei, esta se constitui em aparato legal e instrumento de luta e contribui para a visibilização dos Calon de Penedo, por ser um marco do seu protagonismo na construção de um novo regime de memória.

Diante desses cenários, podemos refletir que os Calon de Penedo, mesmo que tenham hoje uma vivência cidadina mais sustentável, se assim podemos expressar, vivem na busca constante pela cidadania, embora a fixação tenha trazido aspectos outros na dinâmica territorial - sossego de um território conquistado na manutenção da itinerância e circulação para os negócios -, no sentido de dar continuidade à “tradição de andar” de forma ressignificada.

Entendemos que as interpretações e análises baseadas em dados construídos ao longo do trabalho etnográfico, em diálogo com os autores referenciados, tenham elucidado alguns pontos relevantes para a compreensão do “processo de morada”, em pleno desenvolvimento pelos Calon em Penedo. Contudo, as conclusões que estão expostas no estudo em tela se referem às memórias e construções identitárias, cujas significações estão atreladas a este momento específico na compreensão de que são situacionais.

REFERÊNCIAS

ALBÁN, Juan Pedro Viqueira. Memórias históricas e identidades contrapuestas: El caso de la rebelión de 1712 en Chiapas. **Revista Mundaú**, 2016, n.1, p.12-37.

BAREICHA, Luciana Câmara Fernandes. **Educação e exclusão social: a perspectiva dos ciganos e dos não-ciganos**. Tese de Doutorado. Brasília, DF. UNB, 2013.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. Tradução de: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. **Antropolítica**, Niterói, RJ, n. 19, p.15-30, 2. sem., 2005.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel. Prefácio. *In*: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Memória e etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de: Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

CAVALCANTE, Lucimara Varanis. **História, identidade e dinâmicas territoriais do povo Rom no Brasil**. 2019. 126 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CARLEIAL, Oceano. Uma monografia sobre Penedo. **Jornal de Penedo**, Penedo - AL, a. 09, n. 426, 25/09/1955.

CARLEIAL, Oceano. A visita de D. Pedro II ao São Francisco. **Jornal de Penedo**, Penedo - AL, a. 10, n. 479, 21/10/1956.

CARLEIAL, Oceano. A outra Penedo. **Jornal de Penedo**, Penedo - AL, a. 16, n. 735, 22/07/1962.

CARLEIAL, Oceano. Penedo e sua significação como pólo de atração turística em Alagoas. **Jornal de Penedo**, Penedo - AL, a. XXV, n. 1206, 23/01/1972.

CARLEIAL, Oceano. Rivalidades entre grupos de ciganos causa vítimas e prisões em Penedo. **Jornal de Penedo**, Penedo - AL, a. XXV, n. 1251, 17/12/1972.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders** - Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERRARI, Florência. “Nunca sozinho”: redes de parentes Calon e o mundo gaje. *In*: **Ciganos: olhares e perspectivas**. Maria Patrícia Lopes Goldfarb, Marcos Toyansk, Luciana de Oliveira (orgs.). João Pessoa: Editora UFPB, 2019, p. 255-265.

FERRARI, Florência. **O mundo Passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2010.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Memória e etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os Ciganos calons na cidade de Sousa –PB. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 19, p. 165-172, 2010.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização À Multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, p. 6774-6792.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Ed. dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana** [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 7-39. ISSN 0104-9313. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000100001>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XIX. Rio de Janeiro, 1959.

IBGE. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC) – Perfil dos municípios brasileiros: 2011**. Rio de Janeiro: IBGE. 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Editora Cobogó, 2020.

MEDEIROS, Jéssica Cunha; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. Discutindo as estratégias de visibilização e representação dos ciganos a partir do I Encontro de Ciganos do Nordeste. *In*: Maria Patrícia Lopes Goldfarb, Mércia Rejane Rangel Batista (Orgs.). **Discutindo ciganos em múltiplos contextos: história, demandas por direitos e construções identitárias**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019, p. 85-111.

MIRANDA, Francielle Felipe Faria de. **As representações dos Ciganos no cinema documentário brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, 2011.

MOONEN, Frans. **Políticas Ciganas no Brasil e Europa**. Recife, 2013.

MORAIS, Leila Samira Portela de. Apropriação espacial, identidade e deslocamentos: Experiências Calon no sertão alagoano. **Áltera – Revista de Antropologia**. João Pessoa/PB, v. 2, n. 7, p. 153-177, jul. / dez. 2018.

MURA, Fábio. **À procura do “bom viver”**: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In*: **Leslieux de Mémoire**. Paris: Gallimard, 1984, p. 2-28. (Tradução: de Yara Aun Khoury. Proj. História. São Paulo, dez. 1993).

OLIVEIRA, João Pacheco de. Prefácio. *In*: OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, pp. 200-212, 1992.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** Trad. Elcio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2011.

RIBEIRO, Wilson. Ciganos: O ocaso de uma raça. **Jornal de Penedo**, Penedo - AL, a. XXV, n. 1252, 24/12/1972.

SALES, Francisco Alberto. **Arruando para o Forte: roteiro sentimental para a cidade do Penedo.** 2. ed. Penedo: Fundação Casa do Penedo, 2013.

SANTOS, Laudicéia da Cruz. **Etnicidade e Educação: Formação Docente sobre os Povos Ciganos na Escola Municipal Agnaldo Marcelino Gomes.** Dissertação de Mestrado. Jacobina, BA. UNEB, 2017.

SILVA, Daniella Pereira de Souza. **"Arruando" vejo rio, homens, pedra & cal: a des-re-patrimonialização do sítio histórico tombado de Penedo-AL.** 2016. 352 f. Tese (Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SILVA, Maria Angélica da; MUNIZ, Bianca Machado. A cidade que abraça uma rocha: histórias de penedo do rio São Francisco, Alagoas. **Geonomos**, 24(2), 125-134, 2016.

SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. **Educação cigana: entre-lugares entre escola e comunidade étnica.** Dissertação (Mestrado) - Florianópolis, SC. UFSC, 2007.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêia. **Correrias de ciganos pelo território mineiro (1808 – 1903).** Dissertação (Mestrado) – Belo Horizonte, MG. FAFICH / UFMG, 1998.

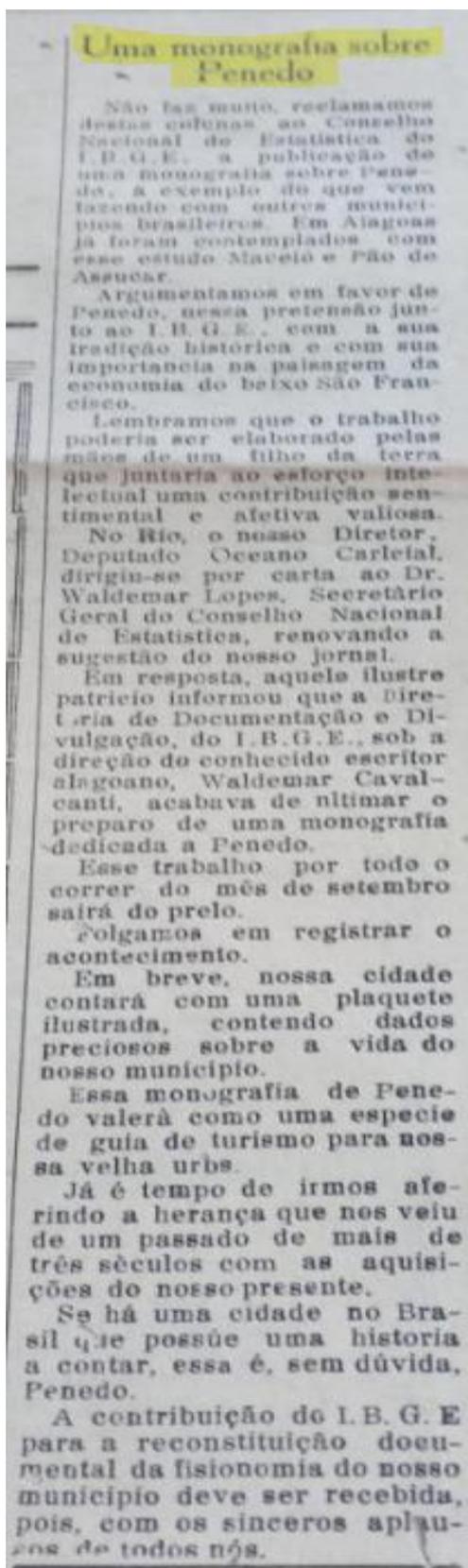
TOYANSK, Marcos. Identidades ciganas: origens, grupos e contextos. *In*: Maria Patrícia Lopes Goldfarb, Marcos Toyansk e Luciana de Oliveira (Orgs.). **Ciganos: olhares e perspectivas.** João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

TRIBUNA PENEDENSE. **Tombamento da cidade.** Penedo - AL, a. v, n. 271, 08/12/1985.

VAZ, Ademir Divino. **José, Tereza, Zélia...e seu território cigano.** Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.

ANEXOS

Anexo A - Uma monografia sobre Penedo.



Anexo B – A visita de D. Pedro II ao São Francisco.

Jornal de PENEDO
 Director: OCEANO CARLEIAL — Gerente: EDUARDO PEREIRA JUNIOR
 ANO 10 Penedo—Alagôas — 21 de Outubro de 1956 Número 470

A visita de D. Pedro II ao São Francisco

Em outubro de ano de 1856, o Imperador Pedro II empreendeu uma viagem ao São Francisco, subindo o rio, até a cachoeira de Paulo Afonso. Este acontecimento, realmente histórico, alcança agora seu primeiro centenário e será comemorado dignamente.

A Comissão do Vale do São Francisco mandará erigir um monumento afetivo ao acontecimento e varias solenidades estão sendo programadas nas cidades que tiveram a honra da visita do Imperador.

D. Pedro II era um espirito curioso. Essa viagem que empreendeu ao rio São Francisco não tinha apenas um interesse turístico. O monarca, por onde passava, ia fazendo suas observações, anotando os costumes locais e colhendo elementos para uma melhor orientação nos problemas administrativos.

Vale a pena relembrar alguns episódios interessantes da visita do Imperador à nossa região.

D. Pedro II tinha uma predileção especial pelas questões de ensino. Na cidade de Propriá, conforme notas do «anúário do Museu Imperial», registrou ele a existência de escolas para meninos com matricula de 20 alunos e frequencia de 60. Os alunos, porém, não ofereciam bom rendimento escolar. Lham mal e o professor parecia pouco apto para a função. Nossa escola para meninas, atéco não tinha apenas um aproveitamento. A professora «pareceu-lhe serável, apesar do seu vestido de seda enfeitado».

D. Pedro II anotava tudo o que ia observando no seu curioso «diário» de «viagem»: o estado das velhas igrejas, em suas minucias, o aspecto das habitações, a qualidade da agua, os costumes locais, as características da flora e da fauna, as belezas naturais e, principalmente, as condições de vida do seu povo — instrução e educação.

Sobre nossa cidade de Penedo há referencia a «suas fabricas de preparar arroz, algodão, farinha, ladrilhos de grê», «alambiques de aguardente, serras para fazer caixas de fósforos, preparo de óleo de mamona e azeite

A visita de D. Pedro II...
 Conclusão da 1a. página

de ouricuri, bem como aguardente do fruto cambolim, da côr de vinho branco, usada para dôres de estomago, nas margens do rio São Francisco».

Eram essas certamente as industrias existentes, naquele tempo, em nossa terra.

Se o Imperador ainda fosse vivo e voltasse a nos visitar encontraria em Penedo atualmente outros empreendimentos industriais mais avançados...

Há outro reparo do Imperador, em sua visita ao São Francisco, que denuncia o admiravel poder de observação do monarca. Não concordou com o sistema das «tapagens» praticadas no rio para efeito da pesca. Achou-as nocivas á procriação dos peixes e chamou a atenção do Presidente do Estado, de então, para esse fato a corrigir.

O Presidente da Provincia parece que não tomou na devida conta o reparo de D. Pedro II porque ainda hoje

A saude do papagaio
 (Conclusão da 1a. página)

querido. Esta, entretanto, não explorou, os sentimentos do Sr. Maciel e se limitou a receber apenas a importancia que dera pela compra do louro.

Em meio ao drama angustioso da vida atual, com seus problemas difíceis e com suas exigencias desesperadas, conso-la saber que até os papagaios ainda guardam reservas afetivas e sentimentais, como esse prodigioso «crioulo» que ditou o numero do telefone de sua casa, ansioso por retornar aos carinhos dos seus donos.

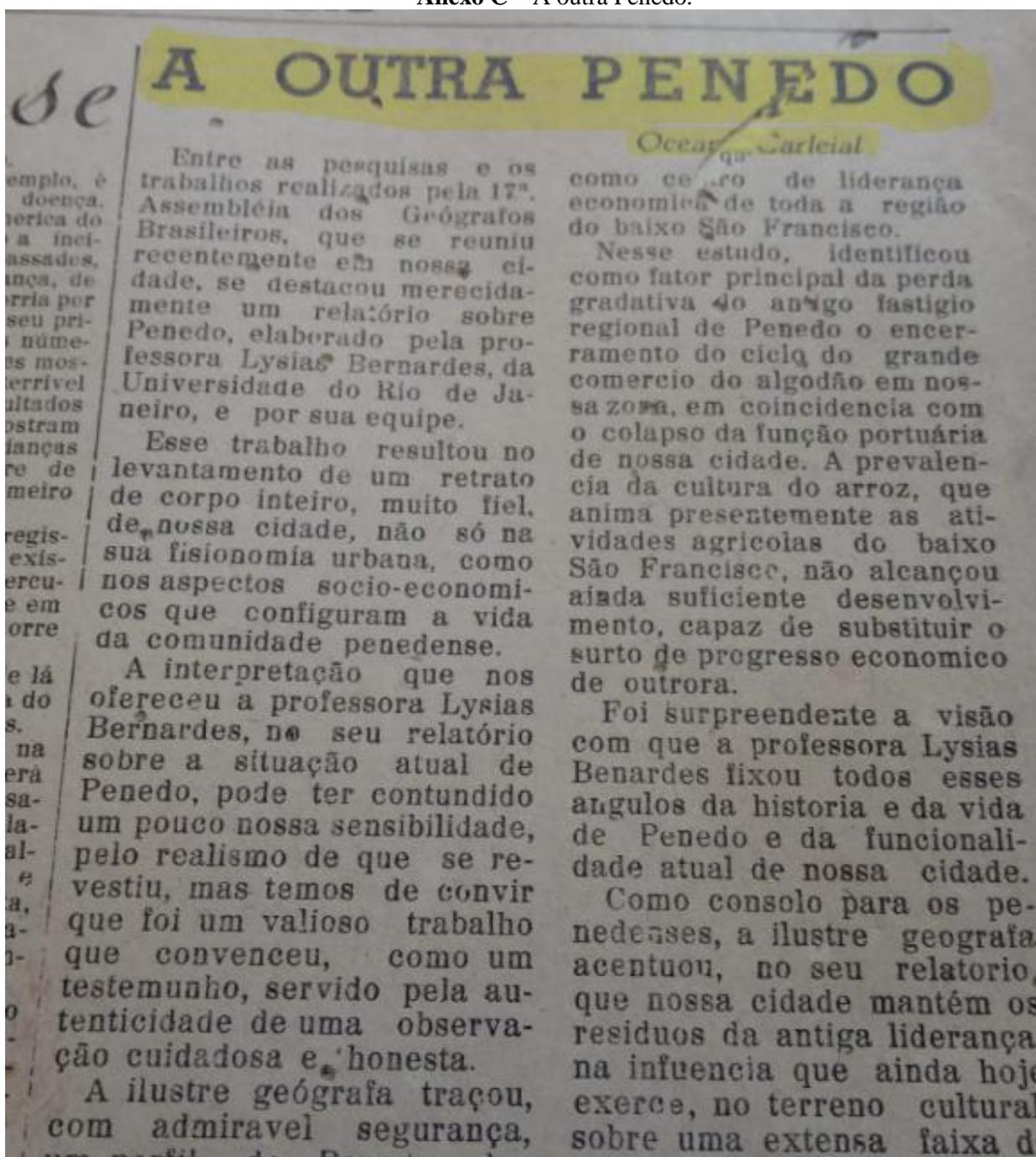
O. C.
 RIO/12-10-956

existem as celebres «tapagens» em nosso rio, gerando de quando em quando serios conflitos de interesses.

Foi assim pontilhada de um penetrante espirito de curiosidade e observação a excursão que, há cem anos, realizou o imperador D. Pedro II ás terras do São Francisco.

Fonte: Acervo Fundação Casa do Penedo. Jornal de Penedo, 21/10/1956.

Anexo C – A outra Penedo.



Fonte: Acervo Fundação Casa do Penedo. Jornal de Penedo, 22/07/1962.

Continuação do Anexo C – A outra Penedo.

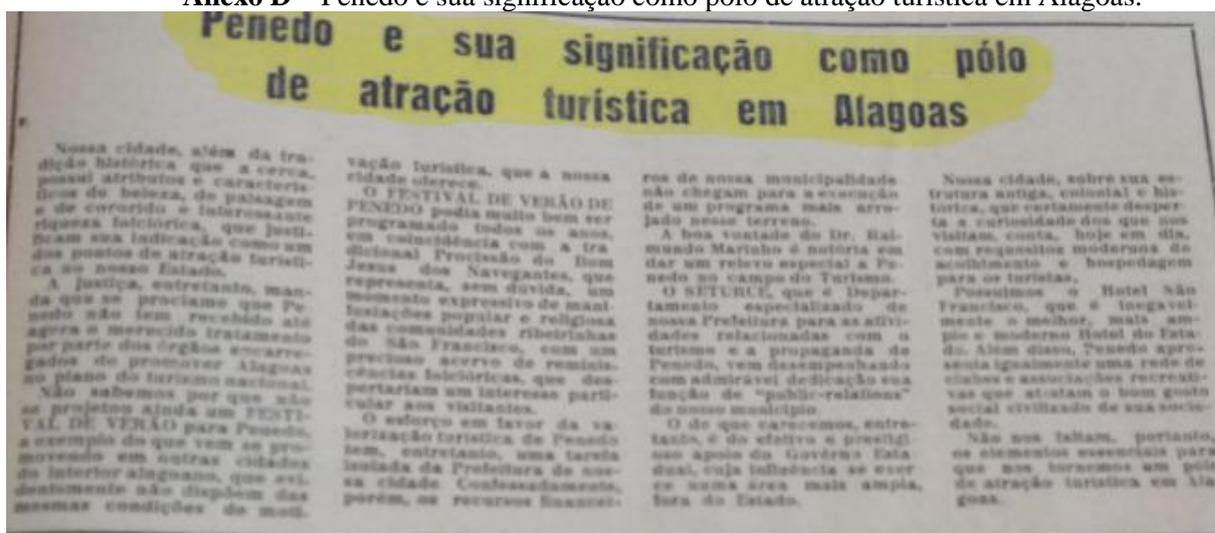
Como consolo para os penedenses, a ilustre geógrafa afirmou, no seu relatório, que nessa cidade mantém-se os resquícios da antiga liderança, na influência que ainda hoje exerce, no terreno cultural, sobre uma extensa faixa do território ribeirinho.

O título de metrópole do baixo São Francisco, de que tanto nos desvanecíamos, se sustenta, assim, nosso precário resíduo de teimosa sobrevivência intelectual de Penedo.

Com toda a graça e delicadeza do seu estilo de exposição, que tanto nos encantou, a professora Lysias Bernardes veio nos revelar, como aquele garoto da lenda, que o rei está nú.

Precisamos vesti-lo.

Anexo D – Penedo e sua significação como polo de atração turística em Alagoas.



Fonte: Acervo Fundação Casa do Penedo. Jornal de Penedo, 23/01/1972.

Anexo E – Tombamento da cidade.

Tombamento da cidade

Iniciando uma campanha sobre o tombamento de Penedo, pelo Ministério da Cultura, o Rotary Clube correspondeu-se com importante entidade, no Rio de Janeiro, de administração municipal (IBAM), solicitando orientação e parecer, inclusive a legislação que trata do assunto.

Fonte: Acervo Fundação Casa do Penedo. Tribuna Penedense, 08/12/1985.

Anexo G – Ciganos: O ocaso de uma raça.



Fonte: Acervo Fundação Casa do Penedo. Jornal de Penedo, 24/12/1972.